



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

RAIMUNDA CALISTO DE BRITO

**LITERATURA E CULTURA: CADERNO DE LEITURA LITERÁRIA
COM ESCRITORES CEARENSES PARA O 9º ANO**

Cajazeiras-PB
2021

RAIMUNDA CALISTO DE BRITO

**LITERATURA E CULTURA: CADERNO DE LEITURA LITERÁRIA
COM ESCRITORES CEARENSES PARA O 9º ANO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção de título de Mestre, área de concentração Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof.^a Dra. Daise Lilian Fonseca
Dias

Linha de pesquisa: Estudos literários

Cajazeiras-PB

2021

B8621 Brito, Raimunda Calisto de.
Literatura e cultura: caderno de leitura literária com escritores cearenses para o 9º ano / Raimunda Calisto de Brito. - Cajazeiras, 2021.
123f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)
UFCEG/CFP, 2021.

1. Leitura. 2. Letramento literário. 3. Caderno de leitura. 4. Interdisciplinaridade. 5. Literatura cearense. 6. Ensino fundamental. I. Dias, Daise Lilian Fonseca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCEG/CFP/BS

CDU - 028(043.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

RAIMUNDA CALISTO DE BRITO

**LITERATURA E CULTURA: CADERNO DE LEITURA LITERÁRIA
COM ESCRITORES CEARENSES PARA O 9º ANO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras-PB, na área de concentração Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa Estudos Literários, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 28 de Abril de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Daise Lilian Fonseca Dias (UFCEG)
(Orientadora)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Prof.^a. Dra. Maria Suely Costa
(UEPB/CH – Examinadora)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Prof.^a. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais
(UFCEG - Examinadora)

Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira
(UFCEG - Suplente)

À minha mãe, minha professora na vida e na sala de aula nas séries iniciais, de quem - com 81 anos de idade - ainda recebo ensinamentos, verdades, valores e exemplo de um viver com dignidade, fé e, sobretudo, respeito ao próximo. Minha eterna aula.

AGRADECIMENTOS

A Deus que tudo pode e tudo permite e que me permitiu com a sua infinita graça, a concretização de mais uma etapa na minha formação acadêmica, não me deixando por nenhum momento sem a Sua presença e sem a sua misericórdia.

À minha família. Minha mãe e aos meus 11 irmãos que a cada encontro e reencontro renovam a força do amor que nos unem.

A Sidney, meu esposo, que acreditou em mim, me encorajou na minha luta e sempre esteve solícito a me ajudar da mais simples à mais complexa situação que vivi.

À minha filha Beatriz, que desde o seu nascimento me ensina a viver e a valorizar a essência de cada instante e de cada descoberta.

Aos meus alunos e alunas por me possibilitar realizar essa atividade que me proporciona tanto prazer: trocar saberes.

Aos amigos Célio Mendonça, Isaac Araújo e Romero Dodou que a providência de Deus colocou no meu caminho. Eles estiveram sempre comigo em todos os momentos felizes e adversos que vivi durante esse percurso. Sem o apoio e a generosidade deles, eu não estaria aqui.

Aos meus colegas da turma VI do Profletras – UFCG, pelo o apoio, pela a nossa irmandade. Pessoas apaixonadas pelo conhecimento, e generosas em multiplicá-lo. Foram encontros fecundos de aprendizagens e saber coletivo.

Aos meus professores e professoras do Profletras que com tanta simplicidade, dedicação e, sobretudo afeto me fizeram sentir especial e capaz. Me transmitiram conhecimentos e me ensinaram que não importa onde, como ou quando, sempre é possível aprender e ensinar.

A minha orientadora, Professora Daise Lilian. A misericórdia de Deus me alcançou, e ela me acolheu com tanto amor, afeto, conhecimentos, sabedoria. Gratidão pelo afeto, paciência e, sobretudo, pela sensibilidade em compreender e trabalhar no meu tempo e no meu compasso. Auxiliou em cada dificuldade. Sempre norteando e acreditando no meu trabalho.

Aos professores integrantes das bancas de qualificação e defesa, Prof^a Nazareth Arrais, Prof^o Dorgival Gonçalves e a Profa. Suely Costa pelas orientações e contribuições substanciais que muito contribuíram na constituição deste trabalho.

À Coordenação do PROFLETRAS, a Prof.^a Rose Leite e a secretária Eliane que sempre me acolheram com afeto, dedicação e empatia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio concedido que foi de grande relevância para a realização e conclusão do meu mestrado.

As ideias e os sentimentos não caem do céu nem brotam no jardim. Ler é alimentar-se espiritualmente, é adquirir aquela inquietação interior – bem como uma série de convicções -, a indescritível riqueza íntima de quem está atento à vida, de quem carrega consigo a vontade de conhecer e amar infinitamente.

Perissé (1998, p.8).

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre letramento literário com base na interdisciplinaridade, que visa instigar e desenvolver no aluno um interesse por literatura através de obras de diferentes gêneros, produzidas por escritores cearenses, a saber: o poema “A força de Maria”(2009), de Fátima Teles; a crônica “ O Espírito do Casarão”(2013), de José Flávio Vieira; a Lenda “A Lenda da Pedra da Batateira ” (2020), de Fátima Teles; o conto “Milagre em Juazeiro” (2005), de Ronaldo Correia de Brito; e romance, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. Esta pesquisa tem como foco o ensino da leitura de textos literários para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, e configura-se pela produção de um Caderno de Leitura Literária, como proposta de intervenção pedagógica a ser desenvolvida por meio de obras de autores cearenses, com o propósito de alcançar e trazer o aluno para a literatura e, assim, para o ensino, contribuindo também para cultura local, e desenvolver neles, comportamentos leitores. O Caderno servirá de subsídio para professores de diferentes áreas do ensino, uma vez que se encaixa nos moldes interdisciplinares, intercruzando conhecimentos dos componentes curriculares da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. O produto oferece orientação pedagógica ao professor, com atividades de leitura, em sintonia com as competências e habilidades leitoras a serem desenvolvidas pelos alunos. Para elaboração desse produto, recorreremos a contribuição teórica de Cosson (2009), Japiassu (1993), Bakhtin (2020), Fazenda (2002, 2008), Soares (2008, 2009), Tfouni (2002), Zappone (2008), Brasil (2017), dentre outros. Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, com abordagem qualitativa de natureza aplicada, uma vez que trata de uma proposta de intervenção pedagógica, a qual se apresenta como produto final da mesma, o Caderno de Leitura Literária com Escritores Cearenses numa perspectiva interdisciplinar.

Palavras-chave: Caderno de Leitura, Letramento Literário, Interdisciplinaridade, Leitura.

ABSTRACT

This work is a study on literary literacy based on interdisciplinarity, which aims to instigate and develop in the student an interest in literature through works of different genres, produced by writers from Ceará, namely: the poem “The strength of Maria” (2009) , by Fatima Teles; the chronicle “O Espírito do Casarão” (2013), by José Flávio Vieira; the Legend “The Legend of Pedra da Batateira” (2020), by Fátima Teles; the short story “Milagre em Juazeiro” (2005), by Ronaldo Correia de Brito; and romance, O Quinze (1930), by Rachel de Queiroz. This research focuses on the teaching of reading literary texts for students in the 9th grade of elementary school, and is configured by the production of a Literary Reading Notebook, as a pedagogical intervention proposal to be developed through works by authors from Ceará, with the purpose of reaching and bringing the student to literature and, thus, to teaching, also contributing to local culture, and developing reader behavior in them. The booklet will serve as a subsidy for teachers from different areas of education, as it fits into the interdisciplinary molds, crossing knowledge of the curricular components of the Area of Applied Human and Social Sciences. The product offers pedagogical guidance to the teacher, with reading activities, in line with the reading competences and skills to be developed by the students. To elaborate this product, we used the theoretical contribution of Cosson (2009), Japiassu (1993), Bakhtin (2011), Fazenda (2002, 2008), Soares (2008, 2009), Tfouni (2002), Zappone (2008), Brasil (2017), among others. This research is bibliographical in nature, with a qualitative approach of applied nature, since it deals with a proposal for a pedagogical intervention, which is presented as its final product, a Notebook of Literary Reading with Writers from the Brazilian State of Ceará, in a interdisciplinary perspective.

Keywords: Reading Book of Activities, Literary Literacy, Interdisciplinarity, Reading.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 PERCURSO DA PESQUISA	12
1.2 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	16
2. ENSINO DE LEITURA E LITERATURA.....	19
2.1. QUESTÕES DE LEITURA E ENSINO.....	19
2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO EM FOCO.....	32
2.3. INTERDISCIPLINARIDADE E O CONTEXTO EDUCACIONAL.....	39
3. CADERNO DE LEITURA COM ESCRITORES CEARENSES NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR.....	49
3.1 A LEITURA LITERÁRIA EM FOCO: O TRABALHO COM DIFERENTES GÊNEROS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA	49
3.2 CADERNO DE LEITURA LITERÁRIA.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	115

1. INTRODUÇÃO

1.1 PERCURSO DA PESQUISA

A leitura é uma imprescindível aquisição para que o indivíduo possa portar-se com mais liberdade e possa adquirir sua autonomia em uma sociedade letrada. É porta aberta para a constituição pessoal e social do indivíduo. A leitura contribui de modo efetivo para a formação humana, possibilitando uma maior inserção social, apropriação de conhecimentos, aquisição de estruturas linguísticas, modificação de pensamentos e ações, dentre outras. Nessa perspectiva, investir em uma formação leitora proficiente dentro da instituição escolar, torna-se primordial, é imperativo, em face da multiplicidade de gêneros textuais que de modo vertiginoso surgem na vida social do aluno.

Os gêneros textuais aos quais os alunos têm acesso no seu cotidiano chegam veiculados em diversos e diferentes suportes textuais. É de grande relevância o despertar da leitura, na vida do aluno, uma leitura livre, autônoma, com magia, e sobretudo, uma leitura literária. O desvelo com o ensino de leitura na vida escolar do aluno é uma “obrigação social” para conduzi-lo a uma leitura com qualidade e proficiência.

A presença da leitura literária em sala de aula é deveras um elemento essencial na condução e no processo de formação do jovem leitor, por trata-se de um espaço de socialização, tendo o professor como mediador. É um processo que exige planejamento, empenho e estudos. O professor precisa direcionar o trabalho de leitura e apresentar esta como um amplo caminho de conhecimentos e uma fonte fecunda de prazer.

Dentro da escola, é o professor um agente de transformação de comportamentos, um multiplicador do saber, e das práticas leitoras. Faz-se necessário que ele não só goste de ler, todavia, seja um leitor profícuo e que com seu exemplo, saiba transmitir com entusiasmo para o aluno o poder de desvendamento que a leitura possibilita. De forma que o aluno sinta o poder de encanto e de transformação que a leitura pode lhe prover. E sendo assim, abordando a leitura como um exercício aprazível e não como uma tarefa escolar enfadonha.

Nesse parâmetro, é importante conhecer bem o alunado, as características de cada turma, pensar que gênero textual se adéqua como gatilho que os motive, os emocione, e que possa ajudá-los a desejar conhecer o universo da leitura. As formas de atividades que os textos podem proporcionar como fruição literária, bem como os sentimentos que os mesmos podem despertar, também são elementos essenciais nesse processo. Tudo isso são questões a serem

pensadas pelo professor, que precisa considerar que, antes de ser formador de leitores, é um influenciador.

Faz-se necessário ser um leitor atento às leituras e, principalmente, às novas literaturas. É importante conhecer a obra literária que se quer trabalhar e envolver nesse trabalho com a leitura, mecanismo que atrai seu aluno para leitura da obra, em especial, o professor que trabalha com a linguagem, bem como, sendo um trabalho de parceria com todos os docentes de qualquer área do conhecimento. É um processo de cooperação, reflexão permanente sobre a práxis, formação e planejamento que cada área do conhecimento pode exercitar conforme sua particularidade, no seu fazer pedagógico.

A literatura figura-se, como toda arte, na capacidade de proporcionar transformações nas pessoas, pois esta lida diretamente com os sentimentos, as sensações que permeiam a vida cotidiana. Não obstante, se trate de um texto que se ocupa de uma linguagem ficcional, o leitor se aproxima do texto, porque de alguma forma se identificou com ele, se viu muitas vezes personificado no texto, ele se depara com situações que conectam fantasia e realidade. Há um encontro do leitor com os sentimentos das personagens, sentimentos estes que fazem parte das situações vivenciadas por todas as pessoas.

À vista disso, a literatura tem atribuição humanizadora, basta perceber que encontramos nos textos literários “personagens que têm aflições, desafios e relações corriqueiras, ou seja, obras que focam o convívio humano, dando ênfase às relações afetivas, sentimentais ou humanitárias” (COELHO, 2020, p.157).

Para que aconteça o desenvolver no aluno pela aptidão da leitura, e por conseguinte, o hábito do ato de ler, o ensino da leitura precisa atrair o aluno pelo sentimento, pela identificação com a história lida. Neste sentido, faz-se necessário uma escolha criteriosa dos textos literários que se deseja trabalhar, pois para que a leitura seja produtiva, para que haja a fruição literária, o professor, por exemplo, precisa se ater a questões como “familiaridade com os livros, hábitos de leitura, animação da leitura, prazer de leitura, gosto pela leitura e etc. Um conjunto de termos que remetem à prática escolar da leitura extensa e livre dos alunos” (COLOMER, 2007, p.41-42).

Também para que seja mais produtivo e para que a leitura literária ocorra de maneira mais significativa, há a possibilidade de se trabalhar de forma interdisciplinar, não só apenas ser uma preocupação dos componentes curriculares da Área de Linguagem. Trabalhar com textos literários abre várias janelas para a conexão com outros componentes curriculares, pois a literatura tem relações que se estabelecem com as diferentes áreas do ensino de modo recíproco.

Nesse sentido, esta dissertação iniciou-se por uma pesquisa bibliográfica aprofundada, envolvendo temáticas sobre o ensino de leitura, o ensino de literatura, o trabalho com textos literários e interdisciplinaridade. Fez-se necessário adentrar no campo da teoria, para conhecer bem os desafios que o professor encontra para formar um aluno leitor de textos literários.

Um mergulho nesse universo teórico, juntamente com o meu olhar em sala de aula, na condição de professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental - anos finais – e a percepção das lacunas existentes no tocante à apropriação pelos os alunos de textos de cunho literário, fez surgir a ideia de trabalhar com o uso de textos literários numa proposta interdisciplinar. Pois, além de envolver os professores de outras áreas do conhecimento nesse trabalho de incentivo à leitura, enseja alargar o espaço de leitura literária no âmbito escolar, e potencializar a consciência leitora do aluno.

Objetiva-se também desvelar o consenso que leitura literária só tem espaço nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Para isto, pensou-se em produzir um Caderno Pedagógico de Leitura Literária com obras de escritores cearenses para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental como um aporte didático ao docente e que poderá ser trabalhado em outras disciplinas e em outras turmas do Ensino Fundamental, possibilitando assim, maior convívio dos alunos com textos literários.

Esse trabalho interdisciplinar foi idealizado com a intenção de firmar relações com diferentes componentes curriculares, e produzir um diálogo entre eles, mormente, porque as temáticas ensejadas pelas obras selecionadas para o Caderno de Leitura Literária se inter cruzam e se coadunam, e quando trabalhados em conjunto com outras unidades temáticas, compreende-se que há a viabilidade de uma aprendizagem substancial e relevante. O objetivo é desenvolver pensamento crítico, a autonomia discursiva e ajudar na formação do aluno leitor ativo, protagonista e produtor de saberes em diferentes áreas do conhecimento.

Neste sentido, conversando com colegas professores, vendo as diversas temáticas a se trabalhar nas áreas das Ciências Humanas em seus componentes curriculares de História e Geografia, nos dedicamos a seletar textos literários possíveis de serem trabalhados em uma perspectiva interdisciplinar. Assim, o Caderno Pedagógico de Leitura Literária apresenta a seguinte estrutura: I Capítulo - Poema “A força de Maria” do livro *Lições de Maria* (2009), de Fátima Teles; II Capítulo - Crônica “ O Espírito do Casarão”, do livro *A Delicada Trama do Labirinto* (2013), de J. Flávio Vieira; III Capítulo - Lenda *A Lenda da Pedra da Batateira: uma história do Cariri* (2020), de Fátima Teles; IV Capítulo - Conto “Milagre em Juazeiro,” do livro *Livro dos Homens* (2005), de Ronaldo Correia de Brito; V Capítulo - Romance, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz.

A escolha desses textos literários se deu primeiramente pela questão de familiarização com os textos no sentido temático, a possibilidade de identificação do aluno leitor com as personagens e os fatos relatados nos mesmos, por se retratar imagens e textos referentes ao seu local de cultura, de sua realidade imediata e assim, mergulhando nesse universo que parece distante deles – a leitura literária - aproximá-los dessas leituras e instigar a um sentimento de valorização da cultura cearense, com vista a promover a identidade local e otimizar o hábito da leitura.

Consideramos que um texto literário que envolve a cultura do aluno, ou seja, a dinâmica social de seu lugar, seja mais fácil envolvê-los e fomentar uma participação mais ativa e uma identificação mais proveitosa. Também entendemos, a partir dos estudos bakhtinianos, que a escolha de uma obra deve ser feita levando em conta aspectos de sua produção e recepção. Logo, na escolha de obras a serem trabalhadas, o professor atente para as que tenham identificação com o perfil da turma, a começar da apresentação estética e do conteúdo escrito, de modo que facilite o aprendizado.

Mas como fazer isto? A ideia apenas surgiu, assim como também o nome dos autores e das obras. Tive que me deter a mais pesquisas, mais aprofundamento, para compreender como o professor pode fazer essa dinâmica acontecer, e foi assim que continuei como professora a observar e pensar como o trabalho poderia ser desenvolvido. Foi então que parti do pressuposto de produzir uma proposta de intervenção a partir de textos selecionados para o Caderno Pedagógico de Leitura Literária.

As obras contempladas no Caderno Pedagógico de Leitura Literária, além de apresentarem um conjunto estético e exibirem em seu escopo literário contextos sociais e políticos, exibem imagens descritas de espaço natural e/ou humanos, contextos urbanos ou rurais, artificiais ou naturais que poderão ser explorados nos componentes curriculares tanto na Área de Linguagens como na área das Ciências Humanas (História e Geografia)- atentando para não desvincular da real função do texto literário. – sua expressão estética. Nessa perspectiva, proporciona-se ao aluno desenvolver com maior afetividade, a sua aprendizagem, mediante a leitura de textos literários de sua região, assim como lhe propiciará perceber a significância da leitura na formação humana e, assim sendo, incitá-lo para o “saber literário”.

A problemática dessa pesquisa, como já afirmamos, surgiu com base na minha experiência docente em Língua Portuguesa que me permitiu perceber, com base na observação direta em sala de aula, o interesse de alguns alunos por leituras midiáticas em detrimento a leitura escolar, sobretudo, a leitura literária. Diante desta constatação, o que questionamos na

pesquisa é: Por que os alunos dos 9º anos do Ensino Fundamental não têm o hábito da leitura, mormente a leitura literária?

A presença da leitura na rotina escolar é relevante para um ensino eficaz e efetivo, é deveras essencial na compreensão e no entendimento da funcionalidade dos diversos gêneros textuais que perpassam a vida do aluno. Esta prática leitora permite meios de promover as relações sociais, e ainda tornar viáveis momentos de construção de significados e de sentidos. Assim sendo, a relevância deste trabalho vem se justificar ainda mais, uma vez que esta leitura só será exitosa se tiver algo motivador para o aluno leitor. É no espaço de uma sala de aula que percebemos as lacunas deixadas pela ausência de prática e ensino de leitura, sobretudo, a leitura literária, tanto nos anos iniciais como nos anos finais do Ensino Fundamental.

1.2 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

A pesquisa tem como foco o ensino da leitura de textos literários embasados pela interdisciplinaridade para a promoção do hábito e da prática da leitura literária em alunos do 9º ano e justifica-se em desenvolver uma proposta de intervenção com mecanismos basilares que auxiliem os alunos a despertarem para conhecer textos literários que trazem leituras que os aproximem da sua cultura e da sua realidade, favorecendo assim, a compreensão e a disposição pela leitura em suas múltiplas manifestações. Assim como oferecer também subsídios para o professor dessa modalidade de ensino em diferentes áreas.

Propõe-se, portanto, apresentar textos literários possíveis de serem trabalhados em outros componentes curriculares, e sendo estes textos de autores cearenses com temática próxima ao contexto social e cultural do aluno para facilitar, como já evidenciamos, o diálogo entre os textos propostos com as suas vivências, muitas vezes ignoradas no âmbito escolar.

O objetivo geral da pesquisa, portanto, é desenvolver um Caderno de Leitura Literária com obras de escritores cearenses para subsidiar o professor no ensino da leitura nos moldes de uma proposta interdisciplinar da leitura literária, intercrucando os conhecimentos dos componentes curriculares da área de Ciências Humanas, com textos que retratem os espaços geográficos, questões sociais, culturais e históricas de lugares oriundos do nordeste brasileiro.

E como objetivos específicos:

- Articular concepções teóricas de literatura e ensino, com ênfase no letramento literário e na interdisciplinaridade em diálogo com a BNCC;
- Refletir sobre a importância da leitura literária na formação de leitores;

- Desenvolver um Caderno Pedagógico de Leitura Literária, com destaque para obra cuja história capte os leitores pela identificação com aspectos nela presentes;
- Buscar relação com os diferentes componentes curriculares, promovendo um diálogo entre os mesmos por meio do uso de textos literários;
- Oferecer aos professores da área de Linguagens e da área das Ciências Humanas subsídios que estimulem o aluno ter desejo pela leitura literária;

Por esta razão, sua natureza se enquadra como pesquisa aplicada. Nesse tipo de pesquisa, as intervenções e a produção do conhecimento se interrelacionam, e os alunos serão capazes de produzirem seu próprio conhecimento, de sorte que, mediante as leituras e compartilhamentos entre si, juntamente com o professor, perceberão que são protagonistas e produtores de saberes.

Segundo Thiollent (2007), a pesquisa de natureza aplicada, tem como caráter a produção de conhecimento e a sua aplicação na prática, em busca das resoluções dos problemas. Segundo o autor, ela “está empenhada na elaboração de diagnóstico, identificação de problemas e a busca de soluções” (THIOLLENT, 2007, p. 49). Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, o ambiente da pesquisa, a sala de aula, é a fonte de coleta direta de todos os dados tendo como instrumento principal o pesquisador por meio da observação. Para fundamentar o que dissemos, entendemos com Ludke e André (1986, p. 12) que: “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. ”

Assim, as atividades propostas no Caderno Pedagógico de Leitura Literária poderão ser realizadas no ambiente escolar, em espaços escolhidos de acordo com a atividade que será desenvolvida, (sala, pátio, biblioteca e etc.). As atividades de leitura serão desenvolvidas sob a observação direta, aberta, participativa, não estruturada, com materiais visuais e registro de informações em diários de bordo.

O presente trabalho evidencia o quanto é significativo o ensino da leitura na formação pessoal e social do aluno. Não meramente como meio de adquirir conhecimentos e aprender sobre os sentimentos humanos, no que concerne à leitura literária, mas também, na formação política e na construção da cidadania do aluno. Possibilitando um maior entendimento da sua realidade e conseqüentemente a sua ação enquanto sujeito de uma sociedade letrada.

Referente à estrutura textual deste trabalho dissertativo, convém enfatizar que está dividido em três capítulos. Este primeiro trata das questões introdutórias, no qual é feito um resumo geral do que se trata o estudo, apresenta a problemática, justificativa, sua ênfase e o método da pesquisa.

O segundo trata das principais questões envolvendo leitura, desde o seu ensino no ambiente escolar, as questões referentes ao letramento e ao incentivo, e o papel fundamental do docente no fomento a aptidão da leitura na vida do aluno. Trata também do letramento literário, do ensino da literatura e da aplicabilidade de textos literários no Ensino Fundamental, sobretudo anos finais. Para tanto, foi utilizado o aporte teórico de Cosson (2009), Soares(2009), Tfouni (2002), Kleiman (2004), Paulino (2008), dentre outros. A interdisciplinaridade e multidisciplinaridade também é um tema recorrente, já que a nossa proposta de trabalho situa-se numa perspectiva interdisciplinar. Para essa discussão teórica, recorreremos a Zabala (2002), Morim (2001), Fazenda (2008), Trindade (2008), dentre outros.

O terceiro e último capítulo, trata de uma proposta de intervenção, a produção de um Caderno Pedagógico de Leitura Literária com sugestões de leitura de obras literárias de escritores cearenses trazendo uma proposta interdisciplinar que poderá ser trabalhada na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com o intuito de aproximar o aluno do seu contexto mais imediato, isto é, sua cultura local, promovendo a valorização dela e da identidade local, sobretudo na região Nordeste, comumente desvalorizada no cenário nacional.

Dessa forma, o produto oferece orientação pedagógica ao professor, com atividades de leitura, de acordo com as competências e habilidades de leitura e ensino de literatura da Língua Portuguesa para o 9º ano do Ensino Fundamenta. Tomando como referência a Base Nacional Comum Curricular – BNCC. (2017)

2. ENSINO DE LEITURA E LITERATURA

2.1. QUESTÕES DE LEITURA E ENSINO

O ensino de leitura e de literatura na escola precisa ser efetivo em toda a trajetória escolar do aluno, no intuito não de promover a leitura pela leitura ou por encargo próprio da sala de aula, mas com a preocupação de trabalhar com a leitura na perspectiva de desenvolver habilidades técnicas, cognitivas, comunicativas, interacionistas, afetivas, além de cultivar competências sociais, estética e acesso a conhecimentos diversos.

Ensinar leitura e literatura na atualidade exige percorrer caminhos muitas vezes distintos. Nesse sentido, a escola, em suas diretrizes educativas, precisa atentar para o modelo de sujeito que ela quer formar. Se é missão da escola contribuir para a construção social do sujeito, então é função desta, pensar em um aluno crítico e reflexivo, capaz de discernir e interpretar as distintas leituras que permeiam seu meio social e cultural. A leitura por si só, apenas como decodificação das palavras, ou a formação do leitor considerado fluente, fazendo-a sem embaraço, torna o sujeito um analfabeto funcional.

No processo de ensino-aprendizagem, uma leitura compreensível de diferentes gêneros textuais pode contribuir efetivamente. Pois, nas atividades de leituras – sobretudo nas de cunho literário - podemos promover as relações sociais e oportunizar momentos de construção de sentidos e de significados, através das quais se pode levar ao aluno, não somente nos trechos de textos presentes no livro didático, mas através da literatura infanto-juvenil que chega às escolas através do desenvolvimento de projetos de leituras ou dos planos de ações voltados para a leitura de livros de cunho literário. Neste sentido, a formação do aluno leitor é a preocupação urgente da escola, desenvolvendo neste o interesse e a motivação pela leitura, pois através do convívio com a leitura é que um sujeito leitor competente e com habilidades surge, capaz de ler e entender o mundo com o seu amplo repertório de práticas discursivas.

Ora, o mundo contemporâneo tem sido definido por aceleradas transformações sociais, como por exemplo, a crescente utilização das novas tecnologias, de comunicação, de ensino, e pelo acesso à informação cada vez mais facilitado. E no universo educativo, elas têm provocado a necessidade de buscar novos sentidos com profundas indagações para o processo de ensino-aprendizagem, principalmente, no campo do ensino de leitura. É importante que a escola produza novas respostas para o ensino dessa habilidade comunicativa, de sorte que o aluno apresente um desempenho discursivo eficiente, que atenda as exigências da sociedade letrada. Nesse sentido, é imprescindível um trabalho proporcionado pela escola suficiente o bastante

para que o aluno desenvolva a leitura de mundo, de textos, não apenas na fase escolar, mas ao longo da vida.

Na busca de nos posicionarmos melhor quanto ao ensino de leitura na sociedade atual, é pertinente trazer para a discussão o documento que, sob a coordenação do Ministério da Educação - MEC, foi formulado, trata-se da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017). Esse documento serviu ou servirá? como referência nacional para elaboração de currículo e como norte das ações dos sistemas de ensino das propostas pedagógicas escolares do Brasil, no que se refere às novas competências que exige o mundo contemporâneo. Nestes termos:

[...] aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2017, p.14).

A partir das reflexões expostas, podemos perceber que somente um leitor proficiente pode desenvolver essas competências. Para formação de um leitor proficiente, a escola cumpre a sua principal função, a de ensinar a ler e a escrever. Para Bamberger (1986, p. 10), “a leitura é uma forma exemplar de aprendizagem [...] A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.”

Segundo Bakhtin (2020), a linguagem tem sua construção oriunda na interação social, como elemento essencial na produção do conhecimento. É na coletividade que são produzidas as ideias, o pensamento e os enunciados. Conforme o pensamento bakhtiniano sobre a questão do discurso, trazendo para o universo comunicativo como um todo, o emprego da língua se efetua em forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos. Através de uma conversação ou de uma leitura, os sujeitos se comunicam.

Conforme o teórico supracitado, em sua obra *Estética da Criação Verbal* (2020), a essência da língua é a comunicação e acontece por meio de enunciados. Ouvinte e falante, locutor e interlocutor desempenham papéis importantes e ativos na comunicação. Na relação entre ambos, há a relatividade de um ocupar o espaço do outro. Nesse caso, na comunicação discursiva não só o falante ocupa um papel ativo no discurso, mas também o ouvinte, a maneira que ele ouve, compreende e responde não exerce mais uma relação passiva. Eis por que:

[...] quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva, eles se transformam em ficção científica. Neste caso o ouvinte ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele total ou parcialmente, completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, e etc. Essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKHTIN. p.271, 2020).

Na teoria do gênero do discurso, Bakhtin (2020) concebe o discurso de natureza dinâmica onde estabelece relações com outros enunciados, seja na linguagem escrita ou oral, sendo fruto da necessidade e natureza humana de se comunicar, está em simbiose com múltiplas vozes. Nesse caso, a relação dialógica presente no enunciado se encontra e se transforma no elo com o outro, é um constructo da interação social que gera outros enunciados de outros pré-existentes.

É nesse sentido que este trabalho tem na perspectiva da teoria do gênero do discurso, sua ênfase, posto que o texto literário é um gênero discursivo que traz em seu bojo muitos temas que desencadeiam em distintos diálogos tornando assim locutor e interlocutor figuras ativas na construção de novos discursos, sobretudo a qual se considera “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva [...]. Toda compreensão é preche de resposta e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte e o falante” (BAKHTIN, 2020, p. 271).

Conforme o teórico supracitado, as multiplicidades dos gêneros do discurso, tendo origem nas diferentes atividades humanas, são inumeráveis. Uma das modalidades da língua a qual Bakhtin (2020) designa de substancial importância é o diálogo; na prática, ele transcende toda a teoria. Assim, é no papel dos diversos sujeitos do discurso que o enunciado se torne real, pleno, pois se complementam a outros enunciados: “A diversidade das modalidades de diálogo é extraordinariamente grande em função de seu tema, da situação e da composição de seus participantes” (BAKHTIN, 2020.p. 262).

No campo da leitura, quanto à seleção dos gêneros literários a serem trabalhados, é mister atentar para a origem cultural do leitor que almeja formar para que este seja acolhido no momento de leitura por um conjunto de textos também oriundos de seu lugar social. Nesse sentido, deve-se considerar que no universo da literatura há a ficcionalidade. Na maioria das vezes, tal lugar é encontrado dentro de um livro que oportuniza ao leitor sonhar e mergulhar no universo de uma personagem, ou viajar através dos sentimentos de um poeta que lhe suscitou os mesmos sentimentos.

Partindo-se da perspectiva bakhtiniana, entender os aspectos constitutivos de um gênero, é essencial, “desde as suas condições de produção os campos de atividade humana nos quais ele é construído, os possíveis papéis sociais, assumidos pelos participantes desse campo e sua função social na interação” (RIBEIRO, 2010, p. 55). É nessa perspectiva enunciativo-discursiva que este trabalho se propõe a refletir sobre ensino da leitura literária como mediação e apropriação de saberes.

Nesta pesquisa, partimos da percepção de leitura como uma atividade que se constitui de sentido e de muitos significados que se materializam na interação social. Nesse parâmetro, Kleiman (1999, p. 10) assegura: a “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados.” Geraldi (1996) também considera a leitura como prática social, afirma que o ato de ler é interativo; uma construção de significado e de sentido:

Aprender a ler é, assim, ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, por interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações. Isto é ler (GERALDI 1996, p. 70).

Convém ressaltar que a riqueza e o valor simbólico e significativo do ato de ler, não se limitam só ao texto lido, é um campo mais abrangente. É de grande relevância os conhecimentos prévios, a visão de mundo, as emoções do leitor, o propósito e a natureza do texto lido para a construção de sentido da leitura.

Nesse sentido, Freire (1984, p. 11) pondera, “O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” De modo semelhante, Martins (1994), enfatiza que a leitura precisa ser considerada como um momento de captação de símbolos manifestos em qualquer linguagem, logo:

O ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (MARTINS 1994, p. 30).

Assim, a leitura é uma via do sujeito interpretar o mundo, e compreender-se no mundo. É uma atividade que favorece a formação da conscientização no momento de realizar atividades

cognitivas embasadas de um pensamento crítico-reflexivo pode se manifestar de forma ativa na construção e reconstrução da sociedade.

Diante das transformações que é uma constância no mundo, o cidadão precisa se adaptar a essas mudanças, tornando-se imprescindível apropriar-se de conhecimentos, onde a leitura se faz ponte para essa busca.

Nesse sentido, Villardi (2005, p. 4) ressalta:

[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas o que se constitui com um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania.

Quando apresentado a leitura através de uma obra, o leitor surge da mesma fonte bebida e produzida por seu autor, há uma relação de convergência ou divergência sobre aquele pensamento ali retratado, ou sobre as diversas temáticas que constituem uma obra, trazendo contribuições para o leitor que se coloca como sujeito responsivo daquela leitura, refletindo sobre o que foi lido, construindo outros enunciados que, muitas vezes, se refletem através das ações, da mudança de pensamento, na construção de novas ideias. Um leitor jamais será o mesmo quando emerge nas diversas fontes de conhecimento presentes numa obra literária. Conforme Bakhtin (2020, p. 279):

A obra, como a réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições discursiva de um dado campo da cultura.

É importante ressaltar que o leitor com frequência se torna um bom orador, tem segurança em suas colocações, pois estas, muitas vezes, são reforçadas pela prática discursiva das diversas leituras que enriquecera seu pensamento, lhe trouxera mais conhecimento, adentrou em outras culturas, tendo contato com novos saberes, tornando a comunicação oral ainda mais compreensível no encontro com a outros discursos.

Assim, o discurso escrito passa a ser também veículo das vivências humanas. Nasce com ele o “ato de ler” numa busca de compreensão de sentidos e significados. No mundo letrado, a leitura funciona como caminho de acesso e caminho facilitador para o homem

experienciar os produtos culturais. Nesse contexto, surge a necessidade de o homem não apenas aprender a falar e a ouvir, mas, sobretudo a escrever e a ler.

Nesse parâmetro, aparece a escola como meio institucional para promover o ensino da leitura, embora a criança já possua uma leitura de mundo, a qual antecede a leitura de livro. Todavia, é no ambiente escolar que boa parte das crianças vai ter contato com as leituras de contos infantis e fábulas que passam a fazer parte do universo infantil, agora imersos no contexto escolar e com uma abordagem não mais oral, como fazem alguns pais com a contação de histórias para seus filhos, mas na forma escrita, através da leitura do professor.

O contato com o livro na escola e no seio familiar possibilita as crianças desenvolverem-se no processo de letramento, sobretudo quando este contato inicia na família, com a contação de histórias, com o contato de jornais, livros de receitas, revistas infantis. A escola precisa proporcionar a continuidade desse letramento, agora no mundo letrado. Por isso, trabalhar diversos gêneros textuais é de suma importância, pois é através destes que se introduz a criança no universo da escrita.

Na primeira infância, o aluno tem acesso ao espaço escolar e já é colocado em contato com a leitura através das investidas literárias de seus professores, da contação de histórias, do contato com o livro didático. Quando chegam à escola, algumas crianças trazem com elas a ideia que desenhos não são lidos, o que se lê são coisas escritas.

No entanto, habilidades que ainda estão veladas podem ser despertadas pelo professor; com o contato com os seus colegas tudo vai fluindo naturalmente. O aluno ainda nas suas primeiras experiências escolares não conhece seu potencial e seus limites. O docente com muito cuidado vai interpelando o aluno para a conquista de novos conhecimentos - principalmente de um universo novo que se apresenta com a conquista do mundo mágico do saber.

O docente pode proporcionar momentos de interação com os textos que circulam na instituição. Gêneros como os gibis e os contos de fadas são sempre mais frequentes. Quando se dá importância aos textos que circulam no ambiente escolar, através de atividades atrativas, esse momento se torna prazeroso, pois, as práticas significativas para a criança fazem com que ela desenvolva a linguagem, enriqueça seu vocabulário, inteligência e imaginação.

A instituição de ensino, com seus gestores e os professores são os mediadores e responsáveis por apresentar a criança um mundo letrado e um espaço formador de leitores ativos e assíduos:

Dessa forma, a instituição desempenha um papel relevante na formação e valorização da leitura, possibilitando que a criança caminhe em direção à construção do conhecimento e sua emancipação. Na sala de aula, a crianças

deve encontrar um ambiente socializador, capaz de fomentar a troca de ideias e de experiência de outras crianças e com o próprio professor, a interpretação e a reinterpretação das diversas leituras (COSTA, 2020. p.21).

Brandão e Leal (2010) em concordância, abordam que as práticas de leituras grupais mediadas pelo docente ampliam as estratégias de compreensão textual, introduzindo-se na escrita e iniciando-se como leitoras, ainda que não tenham adquirido habilidades de escrita e leitura. A Literatura Infantil em si, com suas diversidades de gênero, é um conteúdo de valor na mão do professor e da criança. Este, possibilita à criança o lúdico, um mundo de mistérios e fantasias que lhes ajudam a indagar sobre o universo em que ela vive. Conforme Paiva e Oliveira (2010), a Literatura Infantil é considerada uma arte e como arte deve ser feita sua apreciação de modo que ela corresponda plenamente à intimidade da criança. É através dessa apreciação que despertará na criança um apetite voraz pelo belo encontrando no livro - alimento apropriado para os anseios da psique infantil.

A leitura, por sua natureza de integrar os diversos saberes, é uma abertura para a apropriação do conhecimento dentro e fora da escola, não somente na formação do leitor, mas também na formação continuada dos docentes, formadores de leitores. No mundo do saber, a leitura é uma exigência imprescindível para a apropriação dos conhecimentos específicos em todas as áreas.

Tendo a leitura uma função formativa na vida do indivíduo, precisa ser vista como necessidade básica na construção de conhecimentos numa perspectiva reflexiva e transformadora na formação do aluno-leitor, e não como atividade mecânica. Nesse sentido, é importante a escola se ater a outras questões que não seja apenas o ato de ler e escrever, mas tornar o aluno um sujeito leitor e incentivar a leitura como hábito. Para isso, é necessário um preparo contínuo da instituição e da equipe pedagógica. Como por exemplo, investir na formação do professor, na formação do funcionário da biblioteca e na adequação da mesma, ter um critério para com o acervo de livros, implementar projetos de leitura, uma escolha criteriosa do livro didático, que esse priorize a formação de um aluno-leitor, preparar e oferecer espaços apropriados para a leitura, metodologias atrativas e acompanhamento com orientações de leituras.

É de fundamental importância criar um cenário propício para estimular o aluno e desenvolver nele o ato de ler, tendo como fim uma formação cidadã crítica e ativa na sociedade. Através da formação leitora, a escola pode adotar como princípio, uma maior reflexão social da realidade imediata do aluno.

Haja vista ser a leitura um meio de os indivíduos se posicionarem com maior criticidade e agir na sociedade com autonomia, sendo a escola um espaço de difusão do conhecimento e da cultura, tendo na leitura uma forma de participação na comunicação humana e de compreensão do mundo. Nesse sentido, Silva (2011, p. 47) destaca:

Sendo um tipo específico de comunicação, a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural; o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem do processo histórico, é sempre a encarnação de uma intencionalidade e, por isso mesmo, sempre reflete o humano.

O homem carece de ampliar a sua relação com o outro, assim, é preciso a comunicação carregada de significados e de ideias tanto na emissão como na recepção. Numa sociedade letrada, essa comunicação se dá, na maior parte, pela leitura. Como espaço privilegiado para o ensino da leitura, a escola precisa não somente criar e desenvolver o hábito da leitura, mas também, pensar em meios para que o aluno tenha acesso e desfrute dos vários gêneros discursivos que a sociedade exige, em consonância com os objetivos escolares e a necessidade do aluno-leitor. Deve ser uma leitura autônoma, mediada pela dedicação e atenção do professor-formador na seleção de leituras diversificadas e que seja em consonância com o interesse e a realidade do aluno.

Em razão da presença tecnológica, cada vez mais presente na sociedade moderna, o ensino da leitura passa por situações desafiadoras, sobretudo, na leitura reflexiva e crítica. Na verdade, a leitura tem fortes concorrentes, porém, é um momento para a escola criar oportunidades que possam desenvolver habilidades e competências leitoras e, a partir da multiplicidade de leituras, o aluno compreenda e interprete diferentes gêneros textuais. Somando-se a isto, como professores e gestores precisam considerar a necessidade de integrar a leitura a outros tipos de linguagens como: a música, a pintura, a dança, o teatro, para encantar o aluno.

Para Solé (1998), a leitura fluente acontece quando ela envolve determinadas estratégias: anteriores, para durante e para após a leitura, tais como, a motivação, objetivos claros e avaliações. Essas estratégias vão ajudar na construção de significados através da mediação do professor. Conforme a autora, para se chegar a uma leitura autônoma, precisa-se passar pelo conhecimento e domínio do código da língua escrita com a necessária mediação do professor, que vai além do escrito:

As estratégias que vamos ensinar devem permitir que o aluno planeje a tarefa geral de leitura e sua própria localização – motivação, disponibilidade – diante dela; facilitarão a comprovação, a revisão, o controle do que se lê e a tomada de decisões adequada em função dos objetivos perseguidos (SOLÉ, 1998, p.73).

Antes do processo da leitura, compreendemos que existem fatores basilares para que esta aconteça com sucesso: a ativação dos conhecimentos linguísticos e conhecimento de mundo, motivação, interesse, dentre outros. Conforme Kleiman (2013, p. 77):

[...] o leitor proficiente faz escolhas baseando-se em predições quanto ao conteúdo do livro. Essas predições estão apoiadas no conhecimento prévio, tanto sobre o assunto (conhecimento enciclopédico), como sobre o autor, a época da obra (conhecimento social, cultural, pragmático), o gênero (conhecimento textual). Daí ser necessário que todo programa de leitura permita ao aluno entrar em contato com um universo textual amplo e diversificado.

Percebe-se o quanto é fundamental a formação do professor, pois, além de ser leitor, precisa ser conhecedor das estratégias de leitura para ter as competências necessárias no momento de ensinar aos seus alunos a se tornarem leitores autônomos e competentes. Compete ao professor desenvolver atividades de leitura que oportunizem ao aluno a apropriação de conhecimentos diversos para uma compreensão textual satisfatória. Considerando que a atividade leitora não acontece só no campo visual, o professor precisa ajudar o aluno a usar seus conhecimentos, a realizar inferências e a tornar claro o que não entendeu e que este seja capaz de transferir para outro contexto aquilo que aprendeu com o texto.

Nesse processo de ensino-aprendizagem da leitura, temos outro desafio tão importante de se enfrentar quanto o da formação do aluno-leitor que é a formação do professor-formador de leitor. Com o acelerado avanço tecnológico e mudanças dos conhecimentos que isso trouxe, além da rapidez com que se propaga estes conhecimentos, não cabe mais na sociedade, em nenhuma área do conhecimento, não se trabalhar de forma efetiva a leitura. Por esta razão, urge a necessidade de o professor buscar o estudo e a pesquisa para facilitar o seu trabalho.

Nessa engenharia interpretativa, o leitor precisa se ater às estratégias e aprender a identificar, selecionar e avaliar, não só ter acesso, mas usufruir, embeber-se das diversificadas fontes de conhecimentos que, em sua maioria, são fontes escritas. Nesse sentido, a leitura de um texto precisa ser guiada pela necessidade de se conhecer o seu significado, para isso é importante a mediação do professor para ajudar ao aluno a compreender no texto novos significados, afinal, “a graça não reside em saber o que o texto diz, mas em saber o necessário para saber mais a partir do texto” (SOLÉ 1998, p. 103).

Considera-se que a escola conhecedora do acesso que se dar por meio cultural e social do aluno com distintos portadores de textos que o mundo moderno oferece, precisa atentar para os novos processos cognitivos que surgem com inovações nos meios que veiculam as leituras; não é mais uma leitura somente impressa, mas diversificada, digital, onde circulam textos verbais e não verbais eivados de novos significados, com a presença da intertextualidade e intergêneros, que só um exímio leitor será capaz de compreender.

Na sociedade atual, é preciso o leitor saber interpretar os diversos textos, isto é, conhecer o gênero, sua estrutura, funcionalidade, finalidade, assim como o seu contexto, considerando os novos significados do texto. Essas são atitudes de um leitor bem formado no mundo da leitura. Esse conhecimento só acontece com muito exercício, convivendo cotidianamente com diversificadas leituras, seja por meio impresso, ou no campo eletrônico.

A leitura por meio impresso, sobretudo a que está no livro didático se apresenta de forma fragmentada, seguindo uma sequência lógica expressa nas estruturas linguísticas. Já em outros portadores textuais, sobretudo nos eletrônicos, o excesso de informações precisa de mecanismo que favoreça a seleção destas, e as transformem em conhecimentos. Nesse sentido, o professor-formador de leitores com seus conhecimentos práticos e específicos adquiridos, possibilita ao aluno perceber e interpretar as intertextualidades, intergêneros presentes em um texto, e se apropriar de meios como o hipertexto que vem melhorar o desempenho nessa seleção de informações.

Na cultura da leitura eletrônica, às vezes, a função do escritor e leitor se misturam. Não existe nesse meio um controle de qualidade do que se publica. Assim, é imperioso a orientação no ensino de leitura, sobre as fontes do produto a ser lido. Cabe enfatizar que, diferentemente da cultura impressa, o controle para a leitura eletrônica é, de fato, um desafio, tanto para a escola, como para a sociedade. Sendo assim o leitor é preciso estar bem orientado:

Esse leitor pode escolher o vagar da leitura mesmo diante da tela de um computador, evitando a leitura rápida de inúmeros hipertextos. É com essa mesma atitude aberta, receptiva, que o leitor deve percorrer o espaço dado pela internet à literatura, pois nas páginas da web crescem a cada dia os endereços que levam a sites sobre literatura, envolvendo autores, obras, gêneros, movimentos literários, períodos históricos etc. (JUSTINO; SOUSA, 2016 p. 10).

Nesse parâmetro, acreditamos que ainda há muito a se fazer, o caminho é longo e exige esforço, mas as possibilidades de descobertas, inovações e melhorias e até a origem de novos gêneros textuais que o mundo contemporâneo oferece e pode oferecer a cada dia é instigador e

concomitantemente desafiador. Conhecer e entender esses novos e diferentes gêneros é desafiante para o professor, principalmente para o professor que aprendeu a escrever e a ler no papel e que, agora, se sente desafiado, a se apropriar, como formador de leitor destas novas formas de leituras, conhecer os novos portadores de textos que surgem no cotidiano das relações sociais.

A escola além de evidenciar o papel formativo e mediador do professor no que concerne o processo de leitura que circulam nos meios digitais, não pode deixar esquecida a formação do leitor que se aproprie de textos literários, goste de manusear os livros e apreciar as obras que a literatura o oferece, dado a importância que a literatura exerce na formação humana. Sendo assim, é desafiador levar o aluno-leitor a se apropriar de forma eficiente de diferentes de novas leituras, sem se afastar das leituras nos livros impressos, sobretudo a leitura literária, pelo seu importante papel na formação da pessoa. Para Colomer (2007, p. 31):

O objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem.

Nesse contexto do ensino literário, nascem as exigências de um leitor proficiente – que compreende o que lê, faz inferências, constrói significados de forma funcional na sua vida – não parte de dentro da escola, são exigências da sociedade contemporânea e que a escola precisa trabalhar.

Neste sentido, Candido (2004, p. 76), ao discorrer sobre o papel humanizador da literatura, distingue três faces da literatura:

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significados; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

Para Candido (2004), é com a atuação concomitante desses três aspectos que incide o efeito das produções literárias, e todas apresentam relevância na constituição de sentido do texto. No entender do autor, o que determina se uma comunicação é literária ou não é a sua estrutura, como ela está construída. A maneira como o texto literário se encontra arquitetado, suas disposições estéticas e o escopo de sua síntese já exerce no leitor um efeito humanizador de organização do espírito e conseqüentemente de mundo.

Na verdade, as palavras no texto literário são mais do que um código, obedecendo uma ordem, elas comunicam algo que nos emocionam. As palavras saem da desordem para um todo organizado que traz sentido. Nesse sentido, “Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido” (CANDIDO, 2004.p. 178).

Sendo a leitura literária um meio de tornar o indivíduo mais humano, de oferecer-lhe a oportunidade de organizar suas emoções e sentimentos, todos têm o direito a usufruir dela, e a escola precisa promovê-la em toda a Educação Básica, pois “as produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo” (CANDIDO, 2004, p.179).

O autor chama de “humanização” o processo que permite ao homem a capacidade de refletir, apropriar-se do saber, desenvolver a empatia, educar as emoções, valorizar a vida e a natureza, desenvolver o senso de beleza, cultivar o humor, tornar-se mais compreensivo e aberto ao outro, à natureza e à sociedade. A razão de ser da produção literária é o seu “plano estético”, embora veicule manifestações éticas, políticas, sociais, religiosas e culturais.

Presente nas relações sociais, a produção literária, pode assumir posições sociais, sem prejuízo para a estética e razão de ser na literatura. A sua atuação humana e social se dá pela eficiência da própria organização formal, pela qualidade de sentimento que expressa, emoções e visão de mundo, e como forma de conhecimento.

Na opinião de Bazzo (2016), a leitura literária se configura uma essencialidade no processo de formação humanizadora do sujeito que lê. A escola não pode se omitir da missão de instruir, orientar e proporcionar não só o contato, mas o exercício, o ensinamento prático da leitura e da escritura, e que o faça de forma integral, e não o realize de maneira fragmentada e mecânica. O professor não pode confutar a sua função como formador de leitores. Desse modo, é salutar respeitar a idade do aluno e valorizar os conhecimentos prévios no processo de seleção do material a ser lido.

Para Costa (2015, p.101), “Estes são os desafios maiores na formação do leitor na escola: a natureza do texto literário, as reações do leitor, a cultura e a inserção numa sociedade leitora.” É na interação em sala de aula que o aluno começa a adquirir o gosto pela leitura e começa a se formar como leitor, internalizando formas sociais e culturais, aumentando a sua familiaridade com os textos e se projetando como escritor. A leitura precisa ser trabalhada num processo de fruição, que o aluno se sinta encantado e parte do processo:

As crianças serão receptivas à literatura na medida em que se sentirem participantes e não estranhas, ou seja, não meras espectadoras passivas no/do processo criativo. Haverá avanços sempre que se sentirem e viverem a linguagem como um eterno e extraordinário movimento, não como conjunto de estruturas invariáveis preexistentes. Para tanto, há de se investir no potencial criador das crianças. Sem dúvida, é preciso, de modo equivalente, instigar-lhes a capacidade de pensar sobre sua própria “invenção” e sobre a invenção alheia (HELD *apud* BAZZO, 2016, p.115).

Bazzo (2016, p.115) considera “a literatura a arte que materializa a imaginação na forma de palavras escritas, no processo de aprendizagem.” Assim, é no espaço escolar que ela pode ser manifestada de forma motivadora, instigante e atraente. Que ela seja apresentada de uma maneira que o aluno perceba no texto literário um pensamento construído, contudo, não pronto, pois este pensamento depende do que o leitor constrói a partir dele. É importante que o professor esclareça para o aluno esta ligação que se estabelece entre texto e leitor, como forma de atraí-lo.

Faz parte também do trabalho do professor abrir, no ato da leitura, diálogos intertextuais e interdisciplinares entre o aluno e o texto, e manter uma interação permanente durante o processo da leitura, traçando metas para despertar e instigar o gosto de ler. Atentar para a não apropriação da literatura para se buscar tão-somente os fins formadores e educativos da escola, ou seja, a obrigatoriedade, por simples cumprimento de programa curricular, sem o devido planejamento e preparo docente, que instigue no aluno a curiosidade que o motive ao interesse pela leitura, o que Soares (2006) define como “escolarização da literatura”.

Para a autora, é competência da escola esse fazer pedagógico de transformar os conhecimentos em saberes. A escolarização de textos literários é necessário, urgente e inevitável. No entanto, ela faz uma distinção entre uma “escolarização adequada” e uma “escolarização inadequada” da literatura:

Adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler (SOARES, 2007, p.47).

Do ponto de vista mais pragmático, é de primordial relevância que na relação escola e leitura, que no trabalho com o texto, perceba o que foi subtraído de sua essência ao sofrer o transladado de um contexto para o outro. O professor não deve tirar do aluno o que o texto

literário pode lhe proporcionar: o direito de se divertir, ter prazer, se emocionar, para dar a ele o dever simplesmente do estudo.

2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO EM FOCO

Na contemporaneidade, o processo de letramento inclui as práticas sociais e a utilidade de um uma variedade de gêneros textuais que circulam na sociedade. Vai além da codificação e decodificação dos símbolos alfabéticos, não se trata apenas de habilidade de leitura e escrita, mas das competências e habilidades exigidas pela linguagem.

Segundo Soares (2009), o letramento é a inserção do sujeito no mundo da escrita e da leitura através das práticas sociais. Na escola, a criança se insere neste universo, a partir do processo de alfabetização, contudo, muitos já têm um convívio com esse tipo de prática no âmbito familiar com a leitura de livros infantis e a contação de histórias. Segundo a autora, a leitura e a escrita na proposta de letramento é evidenciado, ultrapassando as fronteiras do ato de alfabetizar, “elas abrangem técnicas para alfabetização quanto o convívio e o ato social da leitura e da escrita” (SOARES, 2009, p. 38).

Tfouni (2002, p. 12) na mesma linha de pensamento, enfatiza que o letramento não se encaixa no campo do individual, “centraliza-se no campo social tendo por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é”, já que o sujeito faz parte de um meio cultural letrado, mesmo que não leia. Cosson (2009), por sua vez, explica que um analfabeto, ainda que precariamente, tem participação em algum processo letrado.

Tfouni (2002) destaca que o foco do letramento é examinar e descrever o que ocorre nas sociedades que adotam um sistema de escrita, e de tal modo ter ciência de quais práticas psicossociais substituem as práticas letradas em comunidades ágrafas. O letramento envolve questões sócio-históricas da aquisição da escrita e também das práticas psicossociais. Rojo (2009) comunga da mesma ideia no uso do termo, ressaltando que o letramento busca recobrir o uso e a prática da linguagem que envolve a escrita em contextos sociais diversos, numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural.

Para Paulino (2008, p.56), “o letramento ocorre quando se constitui em prática o conjunto heterogêneo de leituras costumazes” que se exerce numa sociedade letrada. Dessas fazem parte uma gama de gêneros textuais como os textos notícias, receitas, bulas de remédio, reportagens, romance, contos, mitos, entre outros, ou seja, uma diversidade de textos que se deve considerar nos diversos modo de ler. Cada gênero textual tem uma finalidade, uma funcionalidade e características estruturais ímpares que adequam a cada gênero discursivo.

No entender de Paulino (2008), essa pluralidade se torna mais forte e mais evidente no modo de ler, a diferença está no objeto lido, ou seja, explicitar o objeto de leitura, definido, ou seja, é através da leitura dos textos e do que está estabelecido em sua proposta que percebemos questões de espaços sociais e culturais que se apresentam no texto lido, além de outras características como a ficcionalidade e a realidade que o autor apresenta no texto, no qual o leitor passa a sentir um sentimento de identidade ao texto que está sendo lido.

Nesse sentido, um texto pode ter características literárias de ficção, entretanto, pode ser usado para fins não literários, ou seja, de leitura, apreciação e compreensão do texto e seus diversos contextos, o autor exemplifica tal uso, referindo-se aos textos literários abordados nos livros. Em alguns contextos de épocas, os textos literários eram usados no universo pedagógico para o uso de questões gramaticais e suas aplicações e não para análise de leitura, a compreensão e aplicação do seu uso ou ainda o entendimento da obra desde a sua produção e circulação.

Kleiman (2004) concebe o letramento como um conjunto de prática sociais que usa a escrita, ou seja, uma prática que extrapola os muros da escola, pois ela se faz presente em outros contextos específicos com objetivos específicos. Para a autora, os textos permeiam as ações cotidianas dos sujeitos, estão presentes nas diversas atividades que praticam.

Assim, na igreja há leituras de textos religiosos; nos estabelecimentos de vendas há textos publicitários e instrucionais; no contexto familiar essa prática ocorre através do uso de distintos gêneros textuais, sejam instrucionais como receitas, jornal, a contação de histórias; na mídia quando se liga o aparelho de televisão e depara-se com uma diversidade de textos, informativo, publicitários, jornalísticos e se citarmos, há um arsenal de textos e contextos nos quais são abordadas as práticas sociais leitoras e de escritura de uma determinada sociedade.

Em concordância, Oliveira (2009) ressalta que o contato com os textos que circundam nas conjunturas sociais, é tido como eventos de letramento, ou seja, qualquer pessoa terá contato com diversos gêneros textuais, nos diversos contextos de sua vivência, como o texto de propaganda da TV, a leitura da Bíblia na igreja, o cartaz do filme no cinema, a bula do remédio, a novela radiofônica, filmes, os textos digitais que circulam as redes sociais.

Soares (2008, p. 30) aborda que “ler só é verbo intransitivo sem complemento, enquanto seu referente for habilidade básicas de decodificar palavras e frases”. Para a autora, “nas práticas sociais de leitura,” o termo verbal “ler” se torna verbo transitivo, carece de complemento. Não necessariamente ler quem foi alfabetizado ou quem profere frases e textos de um determinado livro, mas ler quem compreende o mundo em que vive, quem entende a funcionalidade dos gêneros textuais que circundam no meio social, é nessa perspectiva que se entende o processo de letramento.

São muitos gêneros textuais que circulam no ambiente midiático como séries, novelas, minisséries, cinemas e uma infinidade de textos literários por fazerem parte do cotidiano das pessoas, passam a ter um grande valor em sua atuação do docente, ao fazer uso na sala de aula, por tratar de uma literatura dinâmica e cultural. Compreende-se, que o letramento literário ao qual Zappone (2008) se reporta apresentado nas mídias sociais, não necessariamente são textos escritos, no entanto, sua utilidade na sala de aula poderá servir de complemento na ação de ensino do professor, despertando assim, maior interesse do aluno, com uma metodologia apropriada para atrair o mesmo para a leitura, e conseqüentemente chegar à leitura literária.

Nesse parâmetro, a partir das leituras de Soares (2009), Tfouni (2002), Cosson (2009), Rojo (2009), Paulino (2008), Oliveira (2009), Kleiman (2004) e Zappone (2008), acerca do letramento, evidencia-se que este não parte do campo individual, mas está presente nas práticas sociais e coletivas de uma dada sociedade e diferente do letramento que se introduz na instituição escolar, o qual se concentra na habilidade técnica de leitura e escrita, as quais seguem em construção em todo o processo educativo.

Na diversidade de contextos sociais, é possível o contato com uma infinidade de textos, sejam escritos, orais, iconográficos, o que alguns autores os chamam de “eventos de letramento”, assim, um indivíduo que não saiba cognitivamente expressar-se no que se refere a leitura e escrita, de alguma forma entrou em contato com o processo de letramento, conforme ressaltam Cosson (2009) e Tfouni (2002).

Adiante, para dar continuidade a esse estudo que trata do letramento literário, *a priori* foi indispensável mergulharmos no conceito de letramento e na sua compreensão epistemológica. Esse aprofundamento teórico bastante relevante faz compreender o uso do termo letramento literário, seu significado e a importância deste para a formação do leitor crítico possível de compreender as realidades e leituras do mundo atual e seus desafios.

No entanto, para melhor compreensão do termo letramento literário, faz-se mister a compreensão do que seja literatura, com qual intuito essa se aplica nas escolas, como se chega à leitura de textos literários, o que se compreende por leitura literária e análise dessa leitura. Para Zappone (2008), a literatura tem como uma de suas características primordiais a ficcionalidade, ela é o ponto relevante de uma obra literária.

Para a autora, “o literário está presente num texto quando é possível lê-lo como sendo o resultado de um ato de fingir” (ZAPPONE, 2008. p. 52). Entende-se o pensamento de Zappone ao se debruçar nos pensamentos de Cosson (2009) quando resalta o poder da literatura sobre as pessoas, que ler, que escreve textos literários:

No exercício da literatura podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência, e ainda assim sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. [...] ou seja, a ficção feita palavra na narrativa, e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem como do leitor e do escritor (COSSON, 2009, p. 17).

Compagnon (1999) reconhece o caráter ficcional do texto literário. Entretanto, ele faz um elo entre a ficcionalidade do texto literário e a realidade vivida pelo leitor entendendo que entre ambos texto e leitor há a existência de um pacto ficcional, o que Martins & Versiani (2008) acreditam que se dá porque os textos de ficção se utilizam de mecanismos referenciais na linguagem não ficcional. Para Compagnon (1999), a literatura tem como fim a representação da realidade, o que se explica a identificação do leitor com os textos literários, pois este se personifica na vivência das personagens. Para o autor, todas as interpretações são válidas, pouco importa se o autor estiver morto, se a obra é cânone, o leitor não se anula. Ele mergulha, se envolve emocionalmente na leitura, porque de algum modo houve uma identificação, um elo que o ligou entre a realidade e a ficção.

Nesse contexto, Hansen (2005, p. 19) comunga do mesmo pensamento quando ressalta que “o texto efetua uma materialidade autorreferencial ou pseudorreferencial, pois a existência real das coisas ou eventos representados nele não é pertinente para sua significação”.

Uma das máximas usadas por Cosson (2009, p. 17) é “A literatura precisa manter um lugar especial nas escolas”. É no contato com a literatura que se desenvolve o letramento literário. Segundo o autor, a literatura tem a função de humanizar, é “ela que diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos” (COSSON, 2009, p.17).

No exercício da literatura, nosso ser transcende, pode ultrapassar o espaço e o tempo, “através dela podemos ser outros, viver como outros, e voltar a ser nós mesmo” (COSSON, 2009, p.17). A leitura de gêneros literários promove uma atitude híbrida de sentimentos, permite o traslado do leitor de seu lugar através da personificação das personagens, leva-o a imaginar lugares, pessoas, aguça os sentidos humanos, tornando o mundo mais compreensível.

Esse poder transcendental se adquire a partir do exercício da prática leitora tanto na escola quanto nos demais âmbitos de convívio dos sujeitos. Entretanto, não é no contato com qualquer leitura. Não é o ato de ler, como obrigação, assim muitas vezes exigido, utilizando os livros didáticos recheados de partes de textos, ora fragmentados, mas por encantamento, por paixão, por gostar de ler.

Cabe à escola incentivar o hábito pela leitura literária e introduzir essa prática desde a primeira infância, nos primeiros anos da educação escolar. A literatura infantil promove esse

encontro de fantasia, de personificação, de sensibilidade do mundo, de gosto pela leitura e de desenvolver comportamentos leitores.

Na primeira infância, o livro infantil se caracteriza como um instrumento valioso para estimular o gosto pela leitura. É deveras relevante para o processo de letramento e na inclusão da criança no mundo letrado. Segundo Brandão; Leal (2010), as práticas de leitura no universo infantil ampliam as experiências de letramento e os repertórios textuais das crianças, desenvolve estratégias de compreensão textual, assim, as crianças iniciam-se como leitoras.

Nas práticas de leitura na educação infantil, os textos literários têm como instrumento a emoção, de modo que as crianças se vejam emergidas no universo fantástico das histórias, expressa sentido mágico, revela um universo maravilhoso que está fora do nosso entendimento.

Conforme Oliveira (2009), essa linguagem metafórica que vai se comunicar diretamente com o pensamento mágico da criança, é algo que é natural delas. A magia, o extraordinário sempre foi e continuará sendo um dos elementos primordiais na literatura destinada às crianças.

Segundo Cavalcante (2002), no texto literário reside o potencial de configuração, da possibilidade de sensibilidade, do fazer transcender o olhar imediato e instantâneo, remetendo aos leitores o prazer, e desprazer, de jogar com os nossos sentidos e, portanto, estabelecer o lúdico através da leitura literária.

Na Educação Infantil, o uso do texto literário, tais como, contos, fábulas, cantigas, abrem possibilidades para um mundo cheio de sentidos, e desperta na criança o prazer pela leitura, no Ensino Fundamental. Segundo Cosson (2009), precisa ser dada a sustentação para a formação do leitor, as temáticas e as linguagens precisam estar em consonância e se encaixar conforme o interesse das crianças, os textos precisam ser contemporâneos, curtos, divertidos, para despertar o gosto pela leitura.

Para que uma leitura seja por prazer, por fruição, por busca de conhecimentos, e não por obrigação, como ocorre na maioria das vezes nas atividades de leitura, por cumprimento de protocolo ou preenchimento de fichas de leitura, sem outras razões suficientes e eficientes que leve o aluno se apropriar do hábito de ler, faz-se necessário a intermediação do professor, tornando-se um exemplo para o aluno. Se apropriar da rotina da sala de aula para promover o gosto de ler. É uma boa estratégia para inserir o aluno no mundo maravilhoso e formativo da leitura. O docente pode abordar distintos gêneros textuais criando oportunidades leitoras para toda a turma.

A forma entusiasta do professor em expor um livro, iniciando pela abordagem do título e da capa, apresentando o autor, ressignificando o ambiente da sala de aula de forma que interaja

com a obra literária exposta, demonstrando que tem conhecimento do livro que vai ler, o modo como ele aborda o significado da leitura para a transformação da existência de cada ser, são elementos relevantes no trabalho com a leitura. O aprendizado acontece quando o professor vai instigando a leitura, a produção de texto, sem tornar a sua aula cansativa, desinteressante e insignificante para o seu aluno. Assim poderia proceder as atividades de leitura no Ensino Fundamental.

Cosson (2009) ressalta que as atividades de leitura no Ensino Fundamental, em algumas circunstâncias, se restringem às atividades de leituras extraclasse com atividades específicas. Nesse sentido, percebe-se a urgência de uma escola que traga o aluno para o primeiro plano na relação escritor-leitor, tendo conhecimento de quem escreveu o texto, compreendendo a finalidade do texto, a que gênero pertence, se percebendo como coautor do texto lido numa relação de interação.

A falta de motivação do aluno pela leitura de textos literários pode ocorrer, devido a esse tipo de leitura, às vezes, ser imposta sem levar em conta a opinião do aluno, seus gostos e sem valorizar o seu meio cultural e social. A forma como também é trabalhada a obra literária pode não ser suficiente para despertar no aluno o encantamento e conseqüentemente levá-lo ao ato de ler por prazer, promovendo assim o letramento literário.

Para Silva (2003), geralmente, no ambiente escolar, os textos de cunho literário são abordados de forma técnica, levando em consideração não o conjunto da obra, uma vez que o docente priorize mais o preenchimento das fichas de informações, com questões meramente secundárias, como nome do livro, personagens principais, nome do autor, descrição mínima de alguns personagens.

Ou seja, não há uma significação maior por parte do docente em fazer a escolha de um livro que desperte a atenção de seus alunos, que seja coerente aos diferentes componentes curriculares presentes na proposta de ensino, ora se preocupam mais com questões para cumprir critérios, que raramente motivará o aluno a desenvolver comportamentos leitores.

Nesse sentido, o aprendizado da literatura na escola pode ser bem ou mal sucedido, de forma que, levando em conta o segundo termo, as conseqüências na formação do leitor são, no entanto, negativas, pois “quem passou pela escola preenchendo fichas de leitura meramente classificatória terá grande dificuldade de apreciar a beleza de uma obra literária mais complexa” (COSSON, 2009, p. 28). Mas não só isso, pois a leitura no ambiente escolar precisa ser um lugar de conhecimento, um despertar para o pensamento crítico, para a autonomia do leitor.

Quando um aluno desenvolve o ato de ler e o faz com frequência, seu discurso argumentativo se manifesta com menos desvios ortográficos e sua oralidade pode ser melhor

desenvolvida. Sua linguagem expõe coerência, porque será capaz de discorrer sobre temas variados com lucidez, tornando-se convincente e persuasivo. Por traz de um jovem bem instruído, existe uma educação equilibrada:

[...] o ato de ler, considerado em sua dimensão mais ampla, constitui um dos mecanismos por meio do qual é possível compreender melhor o mundo, posicionando-se diante dele. Na medida em que a atividade de leitura se configura como o cerne de todo o processo de ensino-aprendizagem – pois que os conteúdos, mesmo que vinculados pela fala, são sistematizados por meio da palavra escrita (livros, apostilas, apontamentos de aula etc.) – torna-se evidente que, para qualquer sujeito em fase de escolarização, a leitura é um hábito, no sentido de que é uma atividade realizada quase que diariamente, durante prolongado período (VILARDI, 2005, p. 9).

Portanto, para que a leitura de gêneros literários se efetive a contento, é necessário preparo, planejamento, e que se ensine a fazer a leitura das entrelinhas, a buscar atrelar um diálogo entre o universo do leitor e do interlocutor. Significa permitir a conexão e comunicação com outros mundos, outras realidades, e a escola deve desenvolver esse papel de forma proficiente, pois, segundo Cosson (2009), quando se deseja promover o letramento literário, precisa-se ir além da leitura do texto no ambiente escolar.

A leitura literária precisa ser bem explorada, de sorte que os professores na educação básica instiguem seus alunos a ler, a fazerem análise literária, compreendendo o sentido do texto, expressando sentimentos, no objetivo de que haja um envolvimento com a obra, e a possibilidade de apreciar a sua beleza. Segundo o autor, para que o leitor entre de forma mais intensa na obra, esta precisa ser bem trabalhada, assim, o permitirá uma melhor compreensão da magia presente no texto.

O conhecimento adquirido no contato do aprendiz com a escola materializa-se por intermédio da instrução sistêmica - da formatação de um ensino que transcende ao conhecimento puramente rudimentar – contudo sem descartá-lo. Na escola, o aluno potencializa a sua leitura. Em contato com a literatura, ele se confronta com outro mundo, e novas culturas se apresentam diante dele. Eis a razão pela qual a escola tem uma função pragmática quanto à lapidação cultural do aluno. Nela ele deverá ter discernimento objetivo de colocar cada conteúdo intelectual no seu devido lugar. O que estava desarrumado em sua mente – deve encontrar sentido e se desenvolver. Nesse sentido, Perissé (1998, p, 11) ressalta:

Quem vê a leitura como um meio de conhecimento real do mundo e de si mesmo, sabe, experimenta na carne que a leitura bem-feita deflagra um

complexo exercício interior de difícil descrição. Ao ler, ponho em ação sentimentos, a vontade, a memória, a imaginação, a inteligência. Nasce dentro de mim uma agitação bem organizada, como a dos formigueiros e das colmeias. As palavras são verdadeiras embaixatrizes. Fisicamente distante de um vulcão, trago-o para perto, para dentro de mim quando leio a palavra “vulcão”. Aparentemente absorto do mundo e distante de todos, o leitor, na verdade, está fugindo em direção ao mundo, está se unindo a todos.

Nesse sentido, o interesse de buscar por novos conhecimentos se processa a partir do gosto pela leitura, tanto curricular como paradidática. E este fato só ganha projeção com o incentivo por parte da escola e, de forma bem particular, do professor. A leitura é primordial para a construção de um sólido saber, por isso, nas escolas o cultivo da leitura precisa fazer parte da grade disciplinar – teremos dificuldades de formar bem um sujeito se não se difunde o valor da arte de ler com proficiência desde os primeiros passos da vida escolar.

Por esta razão, o trabalho de mediador do professor é de fundamental relevância, sobretudo quando este tem o objetivo de desenvolver o gosto pela leitura, de formar leitores capazes de compreender o significado da literatura em prepará-los para a vida, de ensiná-los a superar as situações de conflitos que encontram ao longo da vida e resolvê-las, de dar condições para se tornarem mais humanizados. Quando a criança apresentada no universo literário ainda pequena, ela compreende melhor o mundo a sua volta, sobretudo porque ela aprenderá a conviver com seus pares.

Quando o professor considera a leitura como uma atividade de significação para o educando, ele vai buscar um atrelamento da obra literária com os saberes do aluno, elencando juntamente com outros profissionais que trabalham de acordo com o currículo escolar leituras que os interliguem e que dialoguem, tendo assim a literatura uma abordagem interdisciplinar na escola.

2.3. INTERDISCIPLINARIDADE E O CONTEXTO EDUCACIONAL

Ao desenvolver um trabalho literário em sala de aula com o viés da interdisciplinaridade, elencando componentes curriculares das Ciências Humanas, é necessário debruçar-se sobre os diversos termos que englobam as disciplinas e seus estudos de forma que não só se percebam o elo entre elas, mas também que se aplique na prática metodologias que as envolvam. Nesse sentido, as discussões arroladas a seguir pretendem servir para que professores e alunos adquiram um sentido mais amplo na construção de saber através do diálogo

entre os diferentes componentes curriculares, tornando-os sujeitos mais críticos e ativos, capaz de moldar a realidade de “seu mundo”.

Neste parâmetro, na busca por um embasamento teórico-metodológico para o desenvolvimento dessa pesquisa e na elaboração de um material de cunho metodológico para professores e literário para o aluno, deve-se considerar que os termos interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são os que melhor se aplicam, levando-se em conta que o letramento literário por sua natureza, apresenta uma abordagem interdisciplinar, sobretudo porque a literatura se torna um “constructo interdisciplinar através das diferenças de sentidos suplementares atribuídos às obras tanto por parte do autor quanto do leitor ao gerar diálogos com demais áreas diferentes” (NOVO, 2016, p. 59) .

Pensar o ensino sob a ótica da interdisciplinaridade parece algo novo, que só veio permear o universo escolar nas últimas décadas. No bojo da educação contemporânea e das diversas transformações ocorridas no processo educacional, conceitos como interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e multidisciplinaridade emergem como algo inovador que permite transformar, ressignificar a práxis docente e, de forma mais significativa, socializar os diversos conhecimentos das distintas áreas de ensino, uma vez que elas podem cooperar entre si.

No entanto, os conceitos citados, já estão em discussão há algumas décadas, como é o caso do Brasil, onde os primeiros estudos tiveram início nos anos de 1960 e 1970, em razão de uma reorganização do ensino. Isto ocorreu pelo fato de que o mundo já começava a ficar marcado pela globalização, de sorte que não havia mais sentido um ensino onde o conhecimento se desse de forma dissociada, com os saberes limitados à cada área da ciência, ou seja, um ensino mediado pela disciplinaridade.

Nesse sentido, deve-se considerar as ponderações de Lück (1994, p. 14):

O ensino que recebe a responsabilidade social de promover a formação para a cidadania dos membros da sociedade, [...] defronta-se com a necessidade de promover sua própria reorganização para orientar-se ele próprio por esse novo sentido. Isso por que, sendo ele próprio uma expressão do modo como o conhecimento é produzido, também se encontra fragmentado, eivado de polarizações competitivas, marcado pela territorialização de disciplinas, pela dissociação das mesmas em relação concreta, pela desumanização dos conteúdos fechados em racionalidades autossustentadas, pelo divórcio, enfim, entre vida plena e ensino.

Pela leitura de Lück (1994), percebe-se que o conhecimento outrora produzido, levando em conta o enfoque de cada área das ciências e suas especificidades acentuavam-se

como desvinculado de um mundo em constantes mutações, onde as práticas e vivências humanas transcendiam o que abordavam os compêndios teóricos de cada ciência com seus saberes isolados, sem uma contribuição integradora, sem abertura ao diálogo, destituída de qualquer interação, impossibilitando, assim, uma ação transformadora da realidade.

Para Lück (1994), está no ensino a responsabilidade social de promover a cidadania, de formar cidadãos críticos que sejam capazes de desenvolver uma sociedade mais justa, igualitária, este é o papel social da escola, das universidades e demais instituições educacionais. Nesse sentido, pertence sobretudo ao ensino e à pesquisa, aos professores, aos cientistas, intermediadores do saber, buscar meios por onde os saberes se encontrem, interajam e produzam novos conhecimentos.

Essa necessidade urgente de tomada de consciência, pela busca de estabelecer um sentido de unidade fez brotar diversos movimentos citados por Lück (1994), tais como, Qualidade Total, Gestalt da Ecologia, Pedagogia Holística, Medicina Alternativa. Segundo a autora é no contexto desses movimentos que surge a interdisciplinaridade, como meio de superar a fragmentação das disciplinas, pois quanto mais se distanciam, mais elas perdem a ligação com a realidade humana, de sorte que há a necessidade de reorganização do modo de produção e reelaboração do conhecimento de forma mais global e mais humana.

Um dos pioneiros dos estudos sobre interdisciplinaridade no Brasil foi o pesquisador Japiassu. Para ele, a “interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa” (JAPIASSU, 1976, p.74). Segundo o autor, um dos objetos de estudo da interdisciplinaridade é a exploração das fronteiras entre as disciplinas, superando o distanciamento e o isolamento, como forma de inovar a formação profissional no campo do ensino. Ele define interdisciplinaridade como:

Método de pesquisa e de ensino susceptível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si, nesta interação podendo ir da simples comunicação até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa (JAPIASSU; MARCONDES, 1993, p.136).

Os autores deixam claro que não é apenas a relação ou interação entre uma disciplina e outra, mas que deve haver um aprofundamento, métodos, organização, um estudo criterioso que exige formação de conceitos, procedimentos, aplicação. Ir da simples comunicação até a integração mútua dos conceitos, não reduz o diálogo, a interação entre as pessoas e os saberes distintos, sem isso a interdisciplinaridade não encontra espaço para ser exercida.

Fazenda (2008) ressalta que, desde o ano de 1960, pesquisadores se empenham em pesquisas sobre interdisciplinaridade, pela busca de sentidos existenciais ou intelectuais que exigem respeitar critérios de funcionalidade necessários sem que haja a ruptura dos princípios básicos de humanidade no significado mais amplo. A autora apresenta discussões que buscam compreender e explicar o conceito, sua epistemologia, traçar critérios metodológicos e praxeológicos, ampliar as análises no campo conceitual. Ela defende que, de posse desses aspectos, pode-se aplicar a interdisciplinaridade à práxis educacionais.

Para Fazenda (2008), a interdisciplinaridade está de forma direta conectada ao conceito de disciplina, assim a interpenetração ocorre sem que haja desoneração básicas às ciências conferidas. Entretanto, abordar a interdisciplinaridade na escola exige também uma análise interdisciplinar dos conceitos de educação, escola, currículo, visto que a interdisciplinaridade escolar é distinta da interdisciplinaridade constitutiva das ciências. Sendo assim, Fazenda (2008, p. 21) ressalta:

Seguindo esse raciocínio, falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica, ou didática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo ou didática. A historicidade desses conceitos, entretanto, requer uma profunda pesquisa nas potencialidades e talento dos saberes requeridos ou a querer de quem as estiver praticando e pesquisando.

Observa-se que é necessário para o professor um aprofundamento a respeito das teorias que envolvem o tema, sobretudo quando esse se aplica ao universo educativo, pois carece de um projeto que envolva toda a escola e fomente a aceitação dos educadores a colaborar com o conhecimento de suas áreas específicas em busca de um mesmo fim, para que o trabalho seja desenvolvido com a compreensão do que seja de fato uma ação educativa fundamentada nos moldes interdisciplinares.

Assim, o diálogo, as interações entre os diversos saberes são essenciais, a participação efetiva de todo o corpo docente que envolve a temática do projeto em que se inclua a participação de outras áreas do conhecimento, tornando, assim, a aprendizagem mais significativa e eficaz, levando em consideração a participação do alunado como produtores e socializadores de saberes.

Nesse parâmetro, Trindade (2008) ressalta que não se poderia ter chegado até aqui sem a contribuição e o valor da ciência. Para o autor, a história da ciência deu possibilidades à construção e compreensão dinâmica das vivências e experiências humanas, do entendimento histórico, social, produtivo e cultural, possibilitada pela ação dos sujeitos.

Percebe-se que as práticas humanas superam o campo teórico metodológico e científico, levando-nos a compreender que a interdisciplinaridade se apresenta no campo das atitudes. Sendo assim, levada ao campo teórico, deve se ter muito cuidado para não reduzi-la a um conceito que se entenda como puro e acabado, mas refletir sobre questões que interpelam o ser humano e exigem atitudes, dinâmica, conhecimento e criticidade:

No mundo atual, envolvido pelas exigências de contexto globalizante, é importante repensar as reivindicações geradoras do fenômeno interdisciplinar e suas origens, que desencadearam uma nova ordem de pensar sobre o homem, o mundo e as coisas do mundo, que se encontra em franca efervescência. (TRINDADE, 2008, p. 66).

Trindade (2008) compara o conhecimento com base na disciplinaridade como um pássaro com asas potentes, porém que só alça voos no campo restrito da sua especialidade, eis por que compara a disciplina a uma gaiola.

D'Ambrósio (cf. MIRANDA, 2008, p.115), seguindo a mesma analogia, destaca que as disciplinas por si só são consideradas gaiolas. Para o autor, se nos prendemos aos conhecimentos específicos de cada área, somos como pássaros restritos em gaiolas disciplinares. Serão perceptíveis as deficiências desse conhecimento, pois "começamos a perceber fenômenos e fatos que não se encaixam em nenhuma das gaiolas disciplinares" (D'AMBRÓSIO *apud* MIRANDA, 2008, p.115).

No entender de D'Ambrósio, é nesse momento que se manifesta a necessidade do embate com outras disciplinas "e nesse encontro, juntos, misturando nossos métodos, misturando nossos objetivos mesclando tudo isso, acabamos criando um modo próprio de voar e nascem as interdisciplinas" (D'AMBRÓSIO *apud* MIRANDA, 2008, p.115) e, a partir de então, há a expansão dessas gaiolas misturando os saberes, integrando conhecimentos, criando padrões epistemológicos próprios e uma vez expandindo-se os saberes, a gaiola se rompe e nos tornamos livres na busca do conhecimento.

Numa abordagem mais contemporânea, depois de idos mais de 20 anos de estudos sobre o conceito, as teorias, metodologias e epistemologia da palavra, Fazenda (2008) conceitua a interdisciplinaridade não como a cooperação ou simplesmente a interação entre os saberes das disciplinas, mas como algo que confere novo significado à palavra, através da atitude, da ação em movimento, das incertezas.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade seria um meio de transformação onde o educador é capaz de ressignificar sua prática a partir da reflexão e conscientização, de sorte que, numa

abordagem interdisciplinar, o educador se torna um socializador, construtor e produtor do conhecimento. Nesse parâmetro, Miranda (cf. FAZENDA, 2002, p. 180) ressalta:

Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão [...] A interdisciplinaridade pauta-se numa ação de movimento. Pode se perceber esse movimento na sua natureza ambígua, tendo como pressuposto a metamorfose, a incerteza.

Talvez, por esse pressuposto ambíguo de incertezas, dinâmicas, transformações, a que se refere Fazenda (2002) sobre as questões de interdisciplinaridade é que aplicá-la em sala de aula gere alguns equívocos. Mesmo depois de muitos pesquisadores, tais como, Fazenda (2002 e 2008), Japiassu (1993) Lück (1994), Trindade (2008), Miranda (2008) e os demais estudiosos e pensadores citados nesse estudo se debruçarem no conceito de interdisciplinaridade, este não se mostra suficientemente claro e definido ainda.

Conforme Novo (2016), no trabalho com a Interdisciplinaridade, há um despreparo da escola e dos docentes. A escola, mesmo em meio as transformações e mudanças ocorridas nas políticas educativas, se mostra como um espaço contraditório uma vez que:

O sistema educacional ao mesmo tempo que orienta as escolas para a prática interdisciplinar e contextualizada, impede tal prática ao passo que cobra metas inalcançáveis, baseados em esforços segregados disciplinarmente. (NOVO, 2016, p.61).

O preparo dos profissionais de ensino para a prática interdisciplinar é uma responsabilidade das escolas, visto que tem como sua atribuição oferecer formação continuada aos seus docentes e prepará-los para o enfrentamento dos desafios de um sistema de ensino dinâmico em plena transformação, acompanhando as mudanças sociais, culturais e econômicas no contexto global, conforme propõem os documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (2002), a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2017), e por meio de documento interno como Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola:

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido ela deve partir da necessidade sentida, pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar prever algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários (BRASIL, 2002, p.88-89).

Para um trabalho interdisciplinar na escola, é necessário que haja em sua Proposta Pedagógica, em suas ações e programas de ensino, a preocupação de se romper com a disciplinaridade que fragmenta o conhecimento. Eis por que precisa estabelecer como caminho a ser perseguido a interdisciplinaridade, no esforço de juntar os conhecimentos específicos e fragmentados em prol de um entendimento e aplicações de situações de vida discente na sala de aula e destas com a realidade de cada um.

A Proposta Curricular de uma escola, com base na interdisciplinaridade, para atender o direito do aluno de ter acesso aos saberes, as artes, valores e culturas precisa alcançar os direitos de aprendizagem nas diferentes áreas do conhecimento. Promover o diálogo entre conhecimentos específicos, imprescindíveis à capacidade de desenvolver uma visão holística da realidade histórica e social; por conseguinte, ser capaz de assumir responsabilidades para sua atuação cidadã na sociedade.

O ensino com base na interdisciplinaridade tem o aluno como pessoa, portador de individualidade; mas integrante de um grupo social. Na verdade, a interdisciplinaridade na escola não destrói a identidade cultural do aluno, mas democraticamente, cultiva, e quando necessário, aperfeiçoa-a. Por isso, a organização escolar, ou mesmo seu corpo pedagógico, não deve ficar à margem de novos saberes, mas procurar estar a par dos novos conhecimentos gerados, rever metodologias, em virtude de novas práticas e aprimorar os métodos de ensino:

Reconhece-se que para o desenvolvimento da interdisciplinaridade, é fundamental que haja diálogo, engajamento, participação dos professores, na construção de um projeto comum voltado para a fragmentação do ensino e de seu processo pedagógico (LÜCK, 1994, p. 80).

O docente é o mediador do saber, está sobre a sua responsabilidade a missão de formar um sujeito crítico que tenha voz ativa na sociedade, formar um indivíduo que saiba ler e interpretar o mundo a sua volta, que perceba e compreenda a dialética global. Nesse sentido,

Interdisciplinaridade leva o aluno a ser protagonista da própria história, personalizando-o e humanizando-o, numa relação de interdependência com a sociedade, dando-lhe sobretudo a capacidade crítica no confronto da cultura dominante e por dizer opressora por meio de escolhas precisas e responsáveis para sua libertação e para a transformação da realidade (YARED, 2008, p. 165).

Formar um cidadão a esse modo não é tarefa fácil. Promover o diálogo no encontro dos que pensam iguais e dos que pensam diferentes precisa ser rotina na sala de aula, desenvolver nos alunos habilidades e competências para que estes possam refletir, dialogar, problematizar, desenvolver atitudes coerentes com leituras e conteúdos propostos, que possam intervir de forma a mudar a realidade em que se vive. O educador precisa estar tomado de um desejo de mudança, e tornar esse desejo uma ação concreta de transformação de sujeitos e realidade:

O educador necessita estar sempre incomodado é ele que contribui para despertar, a busca, a pesquisa e o desenvolvimento de novas competências. A competência não se constrói por meio do acúmulo de cursos e de livros, mas de um trabalho de reflexão crítica sobre as experiências de vida, de modelos educativos e das práticas, por intermédio de construção e reconstrução permanente da identidade social (TAVARES, 2008, p.136).

É necessário que haja o desvencilhamento das formas anteriores de como fazer a abordagem das disciplinas na sala de aula. O ensino disciplinar voltado para a compreensão da disciplina por si só, pelo conhecimento restrito de cada componente curricular, torna sem sentido a aprendizagem e sem possibilidade dialógica.

O professor moderno embasado pela interdisciplinaridade se transforma em profissional integrado, mais assertivo, capaz de perceber que saberes e conhecimentos das diversas ciências se interconectam e esses saberes encontram no universo da sala de aula, diversos outros saberes trazidos das vivências e experiências de cada aluno e compartilhados entre eles. Nessa perspectiva:

Apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, mais flexível, mais solidária, democrática. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais frequente e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade (SANTOMÉ, 1998, p.45).

Nesse sentido, é necessário destacar o fato de que os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade se confundem. Segundo Zabala (2002), a primeira se configura como a interação entre duas ou mais disciplinas que cooperam entre si, estas podem implicar transferências de leis para outras disciplinas. Nessa mesma linha de pensamento, Fourez (*cf.* MIRANDA, 2008) ressalta que a interdisciplinaridade seria a possibilidade de transferir

resultados, pontos de vistas ou métodos de uma disciplina para outra, evento ao qual o autor denominou de "contato interdisciplinar".

Nesse parâmetro, os termos de transferência ou transposição também estão presentes na transdisciplinaridade que se reveste de uma mesma roupagem manifestando-se nas diferentes áreas do conhecimento como um modo de pensar organizado que possibilita uma maior interação com outros campos do saber. Para Morin (2001), a transdisciplinaridade trata frequentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas.

Meireles (2020) ressalta que a transdisciplinaridade não possui um objeto específico, entretanto, pressupõe a unidade do conhecimento. Para o autor, ela não se resume a um sincretismo de saberes, mas coaduna outros conhecimentos, e coopera com outras disciplinas e para além das disciplinas, ou seja, a transdisciplinaridade é transcendente e "não restringe o próprio conhecimento a perspectivas limitadas ou fechadas" (MEIRELES, 2020, p. 6).

Sendo a transdisciplinaridade um conceito que ultrapassa as disciplinas, ele supõe a cooperatividade e o elo entre os saberes de distintas áreas. Sommerman (2002) ratifica esse poder transcendente de forma mais contundente, no sentido da interdisciplinaridade ser uma teoria que envolve não só o diálogo entre diferentes áreas, mas que envolve diferentes níveis que compõem o ser humano de forma integral, pois assimila questões da arte, da cultura e da vida social:

A transdisciplinaridade transforma nosso olhar sobre o individual, o cultural e o social, remetendo para a reflexão respeitosa e aberta sobre as culturas do presente e do passado, buscando contribuir para a sustentabilidade do ser humano e da sociedade (SOMMERMAN, 2002 p.10).

Nesse sentido, Meireles (2020, p. 7) corrobora na mesma linha de pensamento ao afirmar que:

Em estudos transdisciplinares, é imprescindível a abertura a outros níveis de Realidade, que permitam um olhar para além dos sistemas e paradigmas já conhecidos, assim como é imprescindível reconhecer a presença dos contraditórios [...] fugindo assim de uma lógica linear e restrita, típica da Ciência Moderna.

Compreender o universo da transdisciplinaridade, a complexidade do termo e aplicá-la à realidade precisa de atitude e não se concebe como uma atividade fácil, sobretudo no âmbito da sala de aula, pois a "interdisciplinaridade trata da inovação de se trabalhar em ambientes de

aprendizagem, dois ou mais conteúdos frente a uma única linha de raciocínio” (RODRIGUES, 2016, p.13).

Numa abordagem transdisciplinar o sistema educativo, não privilegia abstração de conhecimento, a educação se consolida como contextualizadora e globalizadora. Para Rodrigues (2016), a transdisciplinaridade extrapola o campo das ciências exatas, por permitir o diálogo e sua reconciliação, com as ciências humanas, e com as diversas linguagens e experiências humanas. Um ensino voltado para o viés transdisciplinar “deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão do conhecimento” (CETRANS, 1999, p.14).

No que diz respeito à multidisciplinaridade, outro conceito relacionado a trans e interdisciplinaridade, deve-se dizer que se trata do quadro de disciplinas curriculares inseridas em algum curso ou organização curricular do ensino do nível básico e programas de curso superior. Trata-se das matérias escolares ou das cadeiras nos cursos universitários: “As cadeiras ou disciplinas são propostos simultaneamente sem que se manifestem explicitamente as relações que possam existir entre elas” (ZABALA, 2002, p. 33)

Fourez (*cf.* MIRANDA, 2008, p.116) conceitua multidisciplinaridades como “a prática de reunir resultados de diversas disciplinas científicas em torno de um tema comum sem visar um projeto específico”. Para o autor, esse conjunto de disciplinas é pensado e reunido em prol de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comuns, mas sem articulação entre si, como os projetos de programas de ensino que se limitam a reunir várias disciplinas sem uma correlação.

Há uma forte congruência entre os termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, ambas são categorizadas pela reunião ou conjunto de várias disciplinas, de sorte que há uma integração de conhecimentos. Entretanto, sua essência continua sendo disciplinar. Delattre (2006, p. 180) conceitua ambos os termos em uma só explicação:

Uma associação de disciplinas que concorrem para uma realização comum, mas sem que cada disciplina tenha que modificar significativamente a sua própria visão das coisas e dos próprios métodos. [...]. Toda realização teórica que põe em prática saberes diversos corresponde de fato a um empreendimento pluridisciplinar.

Para Zaballa (2002), a pluridisciplinaridade é a relação existente e complementar entre disciplinas afins, ou entre distintas áreas das ciências experimentais. Já para Fourez (*cf.*

MIRANDA, 2008, p.116), é a prática que consiste nas perspectivas de diferentes disciplinas sobre uma questão geral.

O objetivo de se debruçar sobre a visão de diversos teóricos sobre as temáticas interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade justifica-se pelo fato de que esses termos se confundem, mas é mergulhando nos significados de seus conceitos e a aplicabilidade dos mesmos que se percebe as distinções presentes em cada um, mesmo estes apresentando uma congruência.

Assim, é possível fazer um elo entre a literatura e os demais componentes curriculares presente nas escolas. Os textos literários auxiliam professores e alunos a fazerem uma ligação significativa com as disciplinas de História, Geografia, Artes, Língua Portuguesa, dentre outras áreas do ensino, tornando a aprendizagem mais significativa, envolvente e desenvolvendo o senso crítico do aluno, algo que já é inerente ao texto literário.

No capítulo a seguir, a proposta de interdisciplinaridade nesse trabalho toma forma, pois trata-se de um caderno de leitura literária para se trabalhar em sala de aula não somente nas aulas de Língua Portuguesa, mas também nos componentes curriculares que compõem a área de Ciências Humanas de modo que os professores sejam orientados quanto a forma que esse trabalho poderá ser desenvolvido de maneira que desperte no aluno o interesse pela leitura literária.

3. CADERNO DE LEITURA COM ESCRITORES CEARENSES NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

3.1 A LEITURA LITERÁRIA EM FOCO: O TRABALHO COM DIFERENTES GÊNEROS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA

Atualmente, tem sido recorrente a ideia de que todo tipo de texto tem seu espaço na sala de aula e nas práxis pedagógicas dos professores da área de linguagem. A contribuição das pesquisas e estudos das ciências linguísticas e a exigência social vigente, contribuem para discussões essenciais sobre a necessidade e importância do uso de textos diversos nas aulas de leitura. Em decorrência desse movimento, mudanças significativas vêm ocorrendo nas propostas curriculares da área de linguagem, no âmbito da formação docente e nas práticas de muitos professores.

Bronckart (1999) e Schneuwly e Dolz (2004) manifestam-se sobre a importância de se promover o contato do aluno com as diferentes práticas de linguagem para facilitar que estes se apropriem dos gêneros textuais orais e escritos, e progressivamente estabeleçam relações com as situações reais de uso desses gêneros, uma vez que a produção de conhecimentos culturais e históricos são instrumentos utilizados pelas práticas de linguagem orais e/ou escritas.

Esses mesmos autores trazem nessa obra uma discussão importante sobre a multiplicidade de gêneros textuais e muitas vezes seu caráter variável o que ocasiona nos professores uma dúvida sobre o que oferecer aos alunos em determinados níveis de ensino, o que eles propõem aos professores é que se pense nas capacidades de linguagem e nas capacidades linguísticas-discursivas, para que os alunos tenham a possibilidade de se aprofundarem com o avançar da escolaridade.

Para oferecer aos alunos os gêneros que os levem a avançar seu conhecimento e sua experiência literária, os professores precisam conhecer as habilidades de linguagem que seus alunos já possuem e quais aquelas que precisam adquirir, dessa forma, a escola proporciona a esses, diferentes aprendizagens a partir do trabalho com diferentes gêneros textuais.

Assim Schneuwly e Dolz (2004) sugerem que os professores possam escolher gêneros orais e escritos com características composicionais, discursivas e linguísticas diferentes, para que ao desenvolver um trabalho didático pedagógico na área de linguagem, os alunos elaborem diferentes operações de linguagem e aprendam com a assimilação de diversas práticas de letramento no percurso de sua escolaridade:

[...] existem semelhanças entre alguns gêneros textuais que podem servir de referência para adotarmos um plano de trabalho em que diferentes capacidades textuais e diferentes conhecimentos sobre a língua possam ser inseridos em cada grau de ensino (MENDONÇA & LEAL, 2007, p. 63).

Tomando como referência a necessidade de o aluno precisar refletir sistematicamente sobre os gêneros textuais que lhes são oportunizados em sala de aula, esse processo de escolha dos gêneros precisa ser bem pensado e escolhido com a pretensão de alargar as capacidades de linguagem e a relação dessas com conhecimentos históricos e culturais apresentados pelas diversas áreas do conhecimento.

A educação literária precisa fazer parte da prática cotidiana dos professores da área de linguagem, e que esses possam estabelecer relações com as demais áreas de conhecimento para proporcionar aos alunos possibilidades múltiplas de ampliar seus conhecimentos culturais, estéticos e éticos, agregando-lhe novos olhares para o mundo em que vivem.

Segundo Soares (2007), é função da escola oportunizar amplo acesso ao mundo da leitura, de forma que se inclui a leitura de textos literários, de patrimônio oral, leituras de conhecimento científico, leitura de textos que não apresentam a linguagem verbal, textos que debatam temas que provoquem pontos de vista divergentes, textos para deleite que permitam ao leitor fugir momentaneamente da vida real. A sala de aula é o lugar mais adequado para se oferecer toda essa diversidade de gêneros textuais.

Com embasamento nas pesquisas propostas pelos autores mencionados, esta dissertação oferece sugestões metodológicas para professores não somente na área de linguagem, mas também para que docentes de outras áreas do conhecimento possam oferecer aos alunos momentos de leitura distintos com diferentes tipos de textos, porém, todos com o propósito de tornar a leitura uma prática significativa para a construção do conhecimento como também para a sua formação humana.

A proposta para os professores se baseia em tornar a leitura um instrumento e fator preponderante para a conquista e o exercício da cidadania. Para o trabalho de leitura literária proposto aqui, nos baseamos na sequência básica de leitura desenvolvida por Cosson (2009). O autor propõe o trabalho de letramento literário a partir de quatro passos metodológicos. São eles: 1. Motivação, 2. Introdução, 3. Leitura, 4. Interpretação.

Passo 1- Motivação - o professor prepara o aluno para entrar em contato com o texto, podendo fazer uso de vários elementos motivacionais, tais como: imagens, letra de música, vídeo. Nesse momento o professor também pode fazer alguma observação referente aos elementos estruturais do gênero textual a ser trabalhado.

Passo 2- Introdução - o professor apresenta o autor ou autores da obra, pode incorporar a biografia, ou apenas obras conhecidas desse autor; pode também fazer a antecipação de parte do enredo ou alguma característica do personagem principal da obra; pode optar por apresentar a obra e abordar aspectos da capa e contracapa. Fazer leitura de alguma crítica à obra pode ser uma boa estratégia para aguçar e despertar a curiosidade para a leitura da obra.

Passo 3 – Leitura - o professor disponibiliza o texto aos alunos e utiliza estratégias para diversificar a leitura, tais como: leitura como modelo (o professor faz a leitura); leitura espontânea; dependendo do tamanho do texto leitura dividida (cada grupo faz a leitura de uma parte do texto e ao concluir lê-se para a turma); momento do professor mediar caso perceba alguma dificuldade no decorrer da atividade como (estrutura do texto, vocabulário, ritmo da leitura – principalmente se for texto poético).

No passo 4 – Interpretação - é onde se desenvolve a construção do sentido do texto, os alunos podem compartilhar e fazer inferências acerca do texto, pode ser realizado através de

registros gráficos, exposição oral, jogo dramático, fazer uso de outras linguagens artísticas, (pode-se explorar as várias habilidades da turma de acordo com a faixa etária).

Assim, com base na proposta de sequência básica didática para o texto literário de Cosson (2009), a seguir, um material com orientações metodológicas para uso de professores de linguagem em turmas de Ensino Fundamental (9º ano), podendo ser também trabalhado em todas as turmas do Ensino Fundamental anos finais (6º ao 9º). Foram escolhidos cinco gêneros textuais que se agrupam nos textos literários ficcionais, e textos de patrimônio oral.

Dentro dos agrupamentos de *textos de patrimônio oral*, foram selecionados o poema e a lenda. Já nos agrupamentos de *textos literários ficcionais*, crônica, conto e romance. Para cada um deles, foi elaborada uma sequência de trabalho que pode ser utilizada como orientação, já que cada sala de aula tem suas especificidades tanto em relação a realidade das turmas como em relação as experiências de leitura dos alunos. Eis por que a proposta a seguir apresenta-se como uma possibilidade de trabalho, portanto, poderá ser adaptada pelo professor.

3.2 CADERNO DE LEITURA LITERÁRIA

O presente Caderno intitulado *Do Cariri a Quixadá: uma proposta literária sobre escritos de autores cearenses* é um projeto interdisciplinar cujo objetivo é despertar o interesse e o gosto pela leitura nos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista o tímido trabalho desenvolvido pela literatura junto a este público, notadamente a literatura de autoria cearense. Para isso, foram propostos textos de autores do Estado do Ceará, que pudessem proporcionar um diálogo de vida entre o descrito e a realidade existencial de cada educando.

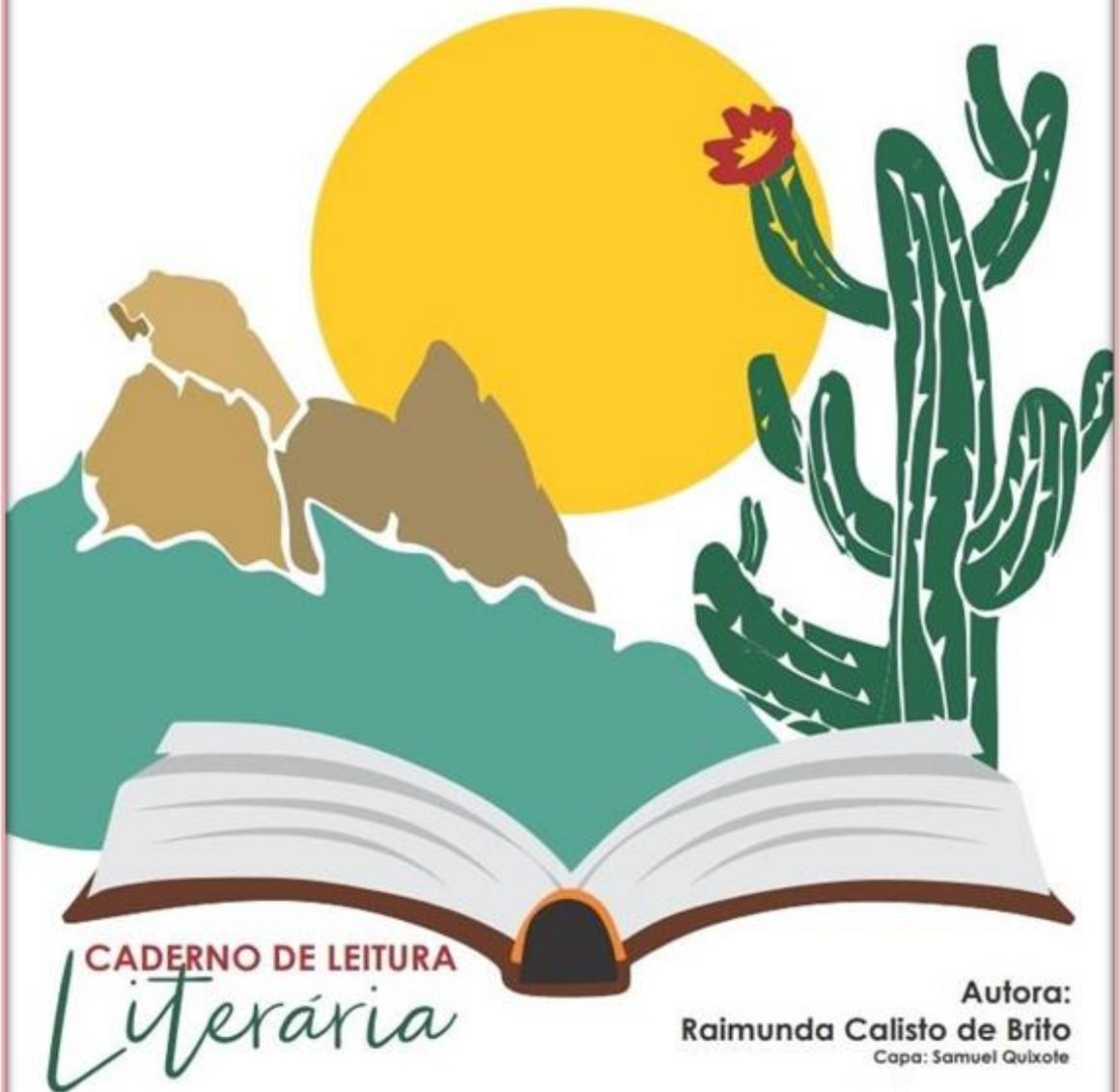
O foco central foi elaborar, com obras de escritores do próprio Estado (Ceará), um caderno que abraçasse com suas linhas o dia a dia, dentro do contexto histórico, cultural, geográfico e social dos estudantes, formando uma teia que interligasse as disciplinas ofertadas no Ensino Fundamental – anos finais, e com a capacidade de ressignificar esse elo, às vezes perdido, gerado através do encontro entre história escrita e história vivida, entre personagem e leitor, e que as mesmas se entrelaçassem. O percurso aqui proposto para ser trilhado, precisará do apoio dos colegas das demais áreas de ensino; isto é, um ponto chave para que cheguemos aos resultados almejados, mesmo sabendo dos desafios e de algumas resistências encontradas para se levar a efeito um trabalho de tal natureza.

Para que possamos seguir dando continuidade à implantação desse projeto, e em um futuro muito próximo descortinar aos nossos olhos exímios leitores, criativos escritores e cidadãos conscientes, capazes de ler as entrelinhas, interpretar, compreender, apreciar o mundo, a vida, o cotidiano, o homem, com todos os contextos e facetas vividos e por viver,

O Caderno de leitura apresenta a seguinte estrutura, conforme mencionado: I Capítulo - Poema “A força de Maria,” do livro *Lições de Maria* (2009), de Fátima Teles; II Capítulo - Crônica “O Espírito do Casarão,” do livro *A Delicada Trama do Labirinto* (2013), de J. Flávio Vieira; III Capítulo - Lenda *A Lenda da Pedra da Batateira: uma história do Cariri* (2020), de Fátima Teles; IV Capítulo - Conto “Milagre em Juazeiro,” do livro *Livro dos Homens* (2005), de Ronaldo Correia de Brito; V Capítulo - Romance, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz.

DO CARIRI A QUIXADÁ:

uma proposta literária sobre
escritos de autores cearenses



Autora:
Raimunda Calisto de Brito
Capa: Samuel Quixote

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	56
I CAPÍTULO.....	61
Gênero Textual: Poema	
Poema “A força de Maria” (2019) – Fátima Teles	
II CAPÍTULO.....	70
Gênero textual: Crônica	
Crônica “O espírito do casarão” (2013) – J. Flávio Vieira	
III CAPÍTULO.....	79
Gênero textual: Lenda	
Livro “A lenda da Pedra da Batateira” (2020) – Fátima Teles	
IV CAPÍTULO.....	89
Gênero textual: Conto	
Conto “Milagre em Juazeiro” (2005) – Ronaldo Correia de Brito	
V CAPÍTULO.....	100
Gênero Textual; Romance.	
Livro <i>O Quinze</i> (1930) – Rachel de Queiroz	

APRESENTAÇÃO

Todo texto literário é uma partitura musical. As palavras são as notas. Se aquele que lê é um artista, se ele domina a técnica, se ele surfa sobre as palavras, se ele está possuído pelo texto – a beleza acontece. E o texto se apossa do corpo de quem ouve. (ALVES, 2000, p. 43).

Caro(os) professor(es), sendo a escola um espaço privilegiado para o ensino da leitura, e sendo esta condição essencial para o exercício da cidadania, é fundamental que a escola busque desenvolver estratégias que ensinem ao aluno a aprender a ler.

Nesse sentido, dada a tamanha urgência e necessidade de trazer o aluno para dentro do universo da leitura, sobretudo, no que se refere ao texto literário, este Caderno de Leitura Literária que ora propomos, oferece um aporte didático-pedagógico e metodológico ao docente da área de Linguagens e da área de Ciências Humanas, como também, ao professor de outras áreas do conhecimento que sinta o desejo de contribuir para o desempenho do ensino da leitura.

Todas as propostas aqui apresentadas foram pensadas para serem realizadas em sala de aula, por isso, uma sequência didática simples, sem recursos sofisticados, para que todo professor, de qualquer escola possa colocá-la em prática. São atividades que podem ser facilmente executadas passo a passo com a participação ativa dos alunos e com recursos metodológicos disponíveis na biblioteca, sala de aula ou laboratório de informática da escola.

É importante ressaltar que fomentar o prazer individual pela leitura, propiciar o deleite de entrar e explorar mundos reais e imaginários, através da leitura literária não é tarefa fácil. E quando esta incumbência recai somente sobre o professor de Língua Portuguesa, especificamente no Ensino Fundamental, torna-se mais direcionada essa atribuição. Acreditamos que se houver espaço e tempo dentro das outras áreas do conhecimento, a leitura literária ocupará seu espaço merecido dentro do universo escolar e, por conseguinte, na vida do aluno.

Intentamos com as atividades propostas nesse material, não procurar a leitura literária somente com a finalidade de explorá-la e/ou relacioná-la com as unidades temáticas de cada

componente curricular, porém como um momento lúdico, ou seja, um espaço para cada um se entregar ao mundo mágico da leitura. Assim, nesse trabalho apresentamos possibilidades de se trabalhar a leitura literária de forma didática e interdisciplinar com o cuidado de não deixar à margem os elementos estéticos.

Com o intuito de valorizar e dar visibilidade, dentro da escola, à literatura cearense, buscamos neste trabalho apresentar alguns representantes desta região tão plural e significativa que têm em suas manifestações artísticas diferentes gêneros, textos e percepções. Para isso, fizemos uma delicada e criteriosa seleção.

Para este trabalho, escolhemos cinco obras literárias de autores como: Fátima Teles, José Flavio Vieira, Ronaldo Correia de Brito e Raquel de Queiroz, esses fazem parte de distintos gêneros discursivos como o poema, a crônica, a lenda, o conto e o romance, objetivando apresentar ao professor um meio que proporcionasse o prazer pela leitura, que pudesse estimular a imaginação e a criatividade e que auxiliasse na construção de conhecimentos em sala de aula. Consideramos os gêneros selecionados propícios para a percepção do aluno acerca de questões voltadas ao seu contexto sociocultural e assim se identificar e sentir-se parte das histórias escritas.

Consideramos também que os temas abordados na obra tivessem relação e/ou aproximação com a realidade imediata do aluno. Nesse sentido, pudemos agrupar aqui cinco obras que com uma linguagem simples, direta e natural, os autores trazem uma temática regional, social, cultural que transita pela cidade e o campo, que fala de resistência, luta, política, religião, natureza, tradição, enfatizando o modo de ser e viver do sertanejo e valorizando o imaginário popular nordestino. Para diversificar, escolhemos autores com diferentes formações, do clássico ao contemporâneo. Todos com suas histórias de vidas, de lutas e de paixão pela arte.

Este Caderno Pedagógico de Leitura Literária embasa-se em estudo teórico, tendo como referências autores que se dedicam estudo na linha de leitura, literatura, letramento literário e textos literários. Neste sentido autores como Cosson (2009), Solé (1998), Kleiman (2013), Colomer (2007), Bakhtin (2020), Compagnon (1999), Soares (2007) e Fazenda (2008), entre outros autores que nos deram subsídios teóricos-metodológicos para a concretização desse trabalho.

As sugestões de leituras e atividades aqui apresentadas podem ser adaptadas para alunos de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental, visto que os gêneros textuais aqui abordados têm fácil veiculação para esse tipo de público. No entanto, o docente, ao fazer a abordagem dos

textos e das propostas didáticas do caderno literário deve observar a realidade de cada turma e desenvolver de acordo com as habilidades de compreensão e de leitura de cada uma.

Este Caderno Pedagógico de Leitura Literária está estruturado em cinco capítulos: I Capítulo - Poema “A força de Maria,” do livro *Lições de Maria* (2009), de Fátima Teles; II Capítulo - Crônica “O Espírito do Casarão,” do livro *A Delicada Trama do Labirinto* (2013), de J. Flávio Vieira; III Capítulo - Lenda *A Lenda da Pedra da Batateira* (2020), de Fátima Teles; IV Capítulo - Conto “Milagre em Juazeiro,” do livro *Livro dos Homens* (2005), de Ronaldo Correia de Brito; V Capítulo - Romance, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. Os elementos contidos na arte da capa desse caderno fazem parte da vegetação da região caririense, assim como a Pedra da Galinha Choca é um ponto turístico que representa a cidade de Quixadá (cidade natal de Raquel de Queiroz); Este sol majestoso está sempre presente em todo o Ceará – “Terra da Luz”. O livro aberto dá significado a proposta literária apresentada na obra.

O trabalho excede o objeto de estudo e seus sujeitos, visto que oferece sugestões exequíveis, de fácil aplicabilidade para que os docentes possam se espelhar, pondo em prática a sequência didática desenvolvida em cada capítulo desse trabalho para que a leitura literária possa de fato fazer parte das atividades pedagógicas da escola em consonâncias com outras práticas leitoras exitosas que permeiam a vida escolar do aluno e que este momento seja um desvelamento para o gosto pela leitura literária.

É função do professor instigar o aluno a estabelecer relações do que lhe é proposto como novo ao conhecimento que já detém e assim aprender a ressignificar suas concepções, num processo dialético.

[...] o processo de construção/apropriação do conhecimento no contexto da sala de aula é mediado pelo professor. A ação pedagógica nessa mediação tem duplo movimento. Inicialmente, o que mais importa é a busca das “concepções” prévias dos alunos para que nelas o professor possa ancorar seu processo de ensino. (MORETO, 2014, p. 50).

Agir como mediador no processo de ensino aprendizagem, valorizando os conhecimentos prévios do grupo, é usar com competência um recurso indispensável para fazer da sala de aula um ambiente de troca de experiências, de respeito mútuo e, sobretudo de valorização da capacidade intelectual dos protagonistas desse processo.

Na interação com o aluno, o professor é capaz de captar o poder de superação frente aos dilemas comuns; torna-se claro a possibilidade de equacionar o potencial particular de seus alunos, a partir da pedagogia utilizada em sala.

O contato com os diversos tipos de textos trabalhados em sala de aula, como e com diversos materiais escritos, aliado ao conhecimento do docente acerca de como os alunos se relacionam com a língua são aspectos fundamentais para uma exímia prática docente no ensino da leitura.

Esperamos com este caderno de leitura, oferecer aos educadores um material que contribua para o fomento à leitura literária em suas aulas. Que ele seja um convite para a desvelamento da leitura como fonte de entretenimento e conhecimentos. E que possa contribuir para o crescimento pessoal e social do seu aluno.



I CAPÍTULO

POEMA: “A FORÇA DE MARIA” (2019), DE FÁTIMA TELES

Prezada professora, prezado professor:

Conforme Pinheiro (2007) o texto poético é um dos menos trabalhados em sala de aula, talvez pelos professores não disporem de contato e experiência com a poesia pelo simples prazer de degustar uma obra literária ou pelas escolas não colocarem em suas listas de livros obras poéticas, ou mesmo por não ter habilidade para trabalhar com a poesia.

Quando muito se apresenta o texto poético em sala de aula, este se resume ao trabalho de interpretação, ou a parte estrutural de sua composição, como verso, poemas, rimas, aliterações, deixando de lado o essencial da poesia que é a capacidade de levar o leitor ao prazer, a despertar sua sensibilidade, trazer significado distintos para palavras comuns.

A função da poesia é levar o leitor a ler para sorrir, para despertar sentimentos, fantasias, enriquecer seu vocabulário, ler por prazer: “[...] O modo como o poeta diz – e o que diz ou comunica – sua experiência, permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçará as emoções e a sensibilidade do leitor” (PINHEIRO, 2007, p. 23).

O trabalho pedagógico com o gênero poemas em sala de aula vai carecer da experiência do professor com esse tipo de gênero literário, ele precisa estabelecer aproximação com o texto poético, valorizar a poesia e encontrar significados nela para poder encantar seus alunos e aguçar neles o gosto pela leitura de textos poéticos. Muitas vezes, na sua própria formação esse professor não entrou em contato com esse gênero textual, dessa forma, se não há uma experiência particular e significativa deste para com a poesia, é importante um debruçar no estudo, na pesquisa, na leitura desse gênero para que o uso de poemas em sua sala de aula seja de maneira mais efetiva. Na verdade,

Tendo em vista que a poesia é dos gêneros literários mais distantes da sala de aula, a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada. Deve-se pensar que atitude se tomará, que cuidados são indispensáveis e, sobretudo, que condições reais existem para realização do trabalho. (PINHEIRO, 2007, p. 25).

Além da experiência e do prazer do professor ao desenvolver um trabalho com poesia, também é indispensável outros aspectos como o ambiente em que se vai trabalhar a poesia, temas de interesse dos alunos, temas que o professor entenda como pertinentes aos alunos e não foram elencados por eles, material de arte disponível, uma lista de obras em bom estado físico.

É preciso investir e criar condições para desenvolver esse trabalho e seduzir os alunos para o mundo da leitura poética. É fundamental que o contato e a experiência leitora desde os primeiros anos da escolaridade para gestar um leitor ávido por obras poéticas, sobretudo porque:

Nunca será demais repetir que os hábitos só se formam através de atividade regular, mais importante que toda a atividade baseada em livros, mais importante que a melhor discussão, é a própria leitura. É preciso se tomar em princípio o pensamento de que é melhor ler por quinze minutos todos os dias do que meia hora um dia e outro não. É melhor ler meia hora um dia e outro não do que ler uma hora por semana, e assim por diante. A prática regular é a precondição para a formação do hábito. (BAMBERGER, 1986, p. 74-75).

Para os alunos que não foram oportunizados o direito de ler textos poéticos, não vai ser fácil inicialmente realizar a leitura de determinados textos, pois vai exigir estratégias de leitura que este ainda não desenvolveu, como os tons de voz na declamação de um poema que vai dar sentido ao que está sendo lido. Então algumas estratégias devem ser criadas pelo professor ao inserir esse aluno na leitura de obras poéticas, como sugere Pinheiro (2007) fazer a leitura do poema inteiro, lê-lo novamente, dessa forma o leitor ao ler o poema em voz alta, vai ouvi-lo e, assim, perceber onde e quando mudar o ritmo da leitura, a entonação da voz. Quanto mais contato com a poesia, mais afinidade e melhor forma de leitura vai desenvolvendo e experienciando o leitor.

Diante do exposto, vamos utilizar um poema do livro *Lições de Maria* (2019) da autora cearense Fátima Teles, cujo título é “A força de Maria.”

Planejando a sequência didática de trabalho com o gênero poema

Objetivos: desenvolver o gosto pela leitura de textos poéticos, propondo atividades que despertem o prazer, a curiosidade, a criatividade e a relação entre o proposto no texto e a vida diária de mulheres do seu cotidiano.

Conteúdos: Gênero textual poema, “A força de Maria”

Tempo estimado: 4 h/a

Recursos: Texto “A força de Maria”, fotografias de “Marias” da nossa região, (personalidades cearenses com nome de Maria), letra de música “Maria, Maria,” de Milton Nascimento, papel e canetinhas.

Procedimentos metodológicos:

Motivação

Tempo estimado: 1 h/a

- ❖ Em sala de aula retomar algumas informações sobre as características e funções do gênero textual poema.
- ❖ Incentivar o aluno a adquirir o hábito da leitura de poemas, enfatizando a importância do ato de ler na ampliação do vocabulário, no desenvolvimento da oralidade, e das habilidades de leitura e interpretação textual e, por conseguinte, como uma possibilidade de melhorar a comunicação e expressão de seus pensamentos e sentimentos.
- ❖ Conversar com o aluno sobre a importância desse gênero como abertura para a leitura dos diferentes gêneros textuais, e como meio do enriquecimento intelectual.
- ❖ Em sala de aula dispor as carteiras em círculo ou semicírculo, no chão espalhar as fotografias das Marias e colocar o áudio da música “Maria, Maria,” de Milton Nascimento, pedir aos alunos que escutem a letra e reflitam sobre cada verso da música.

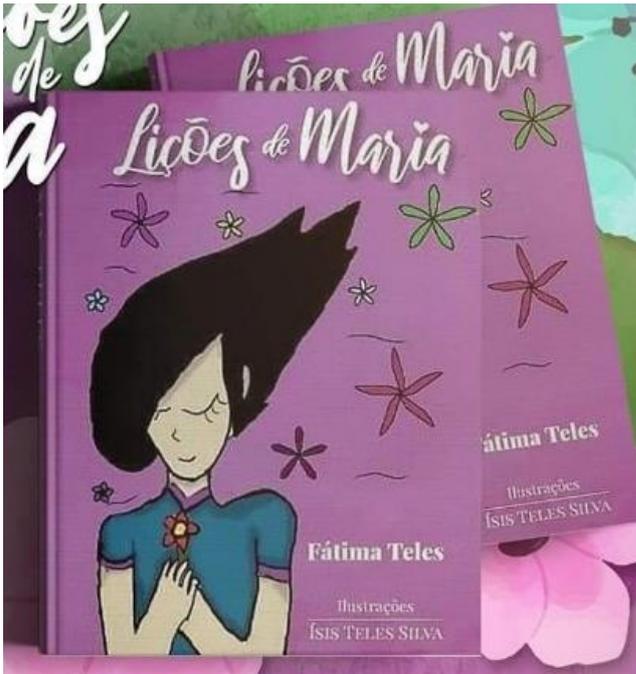
- ❖ Pedir para que cinco alunos se dirijam até as fotografias e escolham uma delas, e que eles falem sobre aquela Maria, (caso o aluno não conheça a personagem, outro aluno ou o próprio professor pode falar um pouco sobre aquela pessoa).
- ❖ Perguntar aos alunos se na comunidade, no bairro ou na sua rua existe alguma “Maria” que também tem a força de lutar pela vida, assim como aquelas “Marias” apresentadas.

Introdução:

Tempo estimado: 1 h/a

- ❖ O professor apresentará o livro *Lições de Maria* (2019) da autora Fátima Teles e ler o sumário com os demais títulos de poemas, todos sobre as características de Maria.¹
- ❖ O professor lerá as informações sobre a autora e ilustradora da obra no verso do livro, (a ilustradora é Ísis Teles Silva, aluna do Ensino Fundamental anos finais, assim como eles).

¹ Toda a proposta deste Caderno de leituras foi pensada tendo em mente alunos e professores do Estado do Ceará, sobretudo da região do Cariri, especialmente o público-alvo da disciplina Estudos Regionais, a qual faz parte do currículo escolar da cidade de Juazeiro do Norte - CE. Todavia, professores de outros estados poderão adaptar as sugestões aqui apresentadas.



www.blogdofariasjunior.com acesso em: 30 de mar de 2021.

CONHECENDO A AUTORA

Quem é Fátima Teles?

Maria de Fátima Araújo Teles é Cearense, natural de Brejo Santo, nasceu em 1969. É Professora, escritora, poeta e membro da Academia de Letras do Brasil, Secção Ceará; Membro da Academia Internacional da União Cultural; Membro do Instituto Cultural do Cariri; Membro do Instituto Cultural do Vale Carirense.

Principais obras publicadas: *Alumbramento* é a primeira obra da autora, livro de poesia tendo sido publicado em 2015 e lançado na Feira Literária do Pará (FLIPA). O livro é dividido em dois capítulos. O primeiro fala sobre a vida, a natureza e a relação que ela mantém conosco. A segunda parte é dedicada a Belém do Pará, cidade que sempre a inspirou. *A Cidade que Veio das Águas* – Infante Juvenil - (2017), *Lições de Maria* - Poesia - (2019), *A lenda da Pedra da Batateira* – Lenda - (2020). (Adaptado de TELES, 2020).

“A FORÇA DE MARIA”

“Por ser inteira
 Maria nunca quis metades
 Ela prefere nada, aos meios
 Maria nunca deixou de sonhar
 Ela dizia para si mesma:
 “um dia eles deixarão
 De balançarem-se na rede comigo
 E passarão a andar ao meu lado
 e de mãos dadas, compartilhando
 realidades”
 Maria é uma semeadora de sonhos
 Ela acredita que um dia
 Eles se concretizarão
 O tempo não levou a doçura de Maria
 Ela ainda tem o mesmo sorriso
 De seu tempo de menina
 As ventanias não venceram Maria
 Algumas as derrubam
 Mas, logo conseguia levanta-se
 E recomeçava a luta
 A beleza de Maria
 Está na alma
 Ela sabe ser firme
 Sem deixar de ser branda
 Maria parece um girassol
 Abre sua alma
 Para as manhãs douradas de Sol
 Ergue sua força
 E vai para a labuta
 Toda bonita.
 As feridas deixadas pelo amor
 Maria cicatriza com doses
 De amor próprio
 Ela sabe viver! (...).”
 (TELES, 2019, p. 27-30)
 (Trecho do Poema “A força de Maria”).

Leitura

Tempo estimado: 1 h/a

- ❖ Distribuir o poema “A força de Maria” e convidá-los a realizar uma leitura silenciosa dele;
- ❖ O professor fará a leitura em voz alta do poema “A força de Maria”.
- ❖ O professor convidará algumas alunas para espontaneamente realizarem a leitura do poema.
- ❖ Para finalizar, toda a turma será convidada a ler o poema.

Interpretação

Tempo estimado: 1 h/a

- ❖ Cada aluno receberá um papel com o contorno do rosto de uma mulher e escreverá uma característica que mais lhe chamou atenção na “Maria” do poema, ou das personagens “Marias” que lhes foram apresentados.
- ❖ Alguns alunos podem fazer a leitura das características ou relatar sua experiência com essa atividade;
- ❖ O professor poderá pedir à turma para escolher um dos títulos para leitura de deleite na aula seguinte.
- ❖ O professor explicará aos alunos as características do poema, tanto em relação à sua forma quanto em relação ao seu conteúdo.² (1 hora/aula para rever as características do poema – a forma livre dos versos e o uso de estrofes com diferentes quantidades de versos.
- ❖ Promover na escola, uma roda de conversa sobre a arte de ler e escrever poema com a escritora do Livro *Lições de Maria* (2019) através de uma conversa online, marcada com a autora, com antecedência, pelo aplicativo Google Meet. Esse material pode ser

² O poema “A força de Maria” apresenta versos livres, por não seguir um padrão métrico regular. As estrofes variam entre terceto, quarteto, quinteto, sexteto, sétima, oitava, nona e décima. <https://www.portugues.com.br/literatura/tipos-estrofes.html> Acesso em 30/03/2021.

divulgado nos canais das redes sociais da autora como em seu blog <http://fafatinhateles.blogspot.com/2018/05/biografia-da-escritora-fatima-teles.html>).

Lembre-se:

Para Cosson (2009), a sala de aula é o ambiente propício para o trabalho com o texto literário, pois nesse espaço sob a mediação do professor, os alunos são impulsionados não só a ler, mas sobretudo, enriquecer seu repertório cultural e seus conhecimentos e percepções, tornando-se leitores/agentes ativos ao praticarem a leitura como exercício de prazer, satisfação pessoal e, conseqüentemente, ampliar suas habilidades necessárias ao processo de apropriação das práticas de linguagem.

Assim, reiteramos mais uma vez que essas sugestões servem de suporte para auxiliar a prática pedagógica de professores que façam uso de diferentes práticas de leitura em suas aulas, concorrendo para a formação do aluno que na sua escolaridade vai adquirir conhecimentos, habilidades e atitudes que são revelados através de diferentes linguagens, contribuindo para que ao aprender e interpretar conteúdos, possam corroborar para eles ler, interpretar e representar a realidade.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Trad. Octávio M. Cajado. São Paulo: Ática/UNESCO, 1986. p. 74-75.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado. Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. A leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão oral e escrita- elementos para a reflexão sobre uma experiência suíça (Francófona). In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY,

Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 2004, p. 41-70.

MENDONÇA, Marcia; LEAL, Telma Ferraz. Progressão escolar e gêneros textuais. In: Santos, Carmi Ferraz e Mendonça, Marcia. (Orgs). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Banco do Nordeste, 2007.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TELES, Fátima. **Lições de Maria**. Fortaleza: Premium, 2019. p. 26-48.

<http://fafatinhateles.blogspot.com/2018/05/biografia-da-escritora-fatima-teles.html>

<https://twitter.com/fafatinhateles>

https://www.instagram.com/fatima_teles/

CRÔNICA

O Espírito do Casarão

J. Flávio Vieira

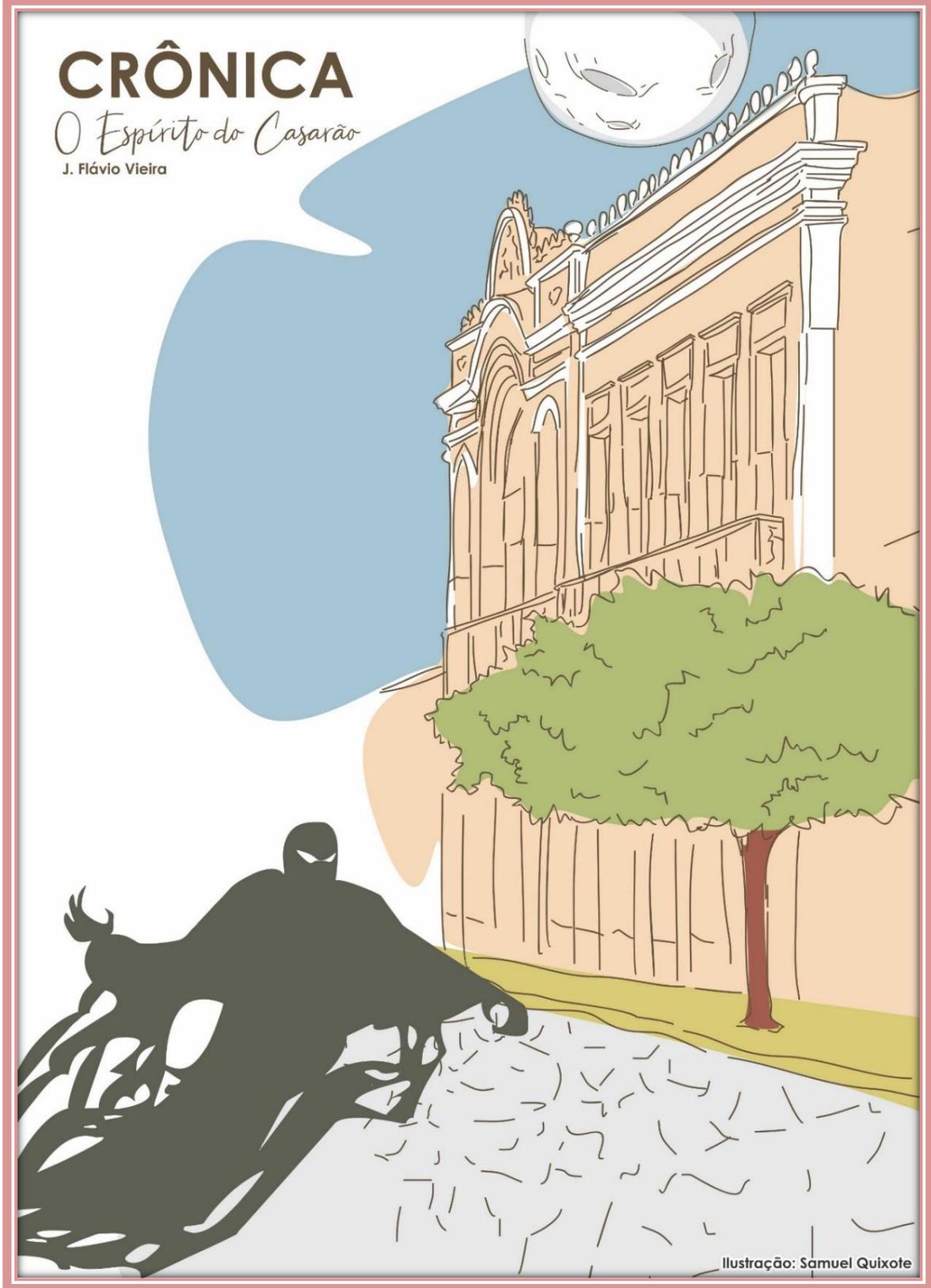


Ilustração: Samuel Quixote

II CAPÍTULO

CRÔNICA: “O ESPÍRITO DO CASARÃO” (2013), DE J. FLÁVIO VIEIRA

Prezada professora, prezado professor:

Todo gênero textual apresentado em sala de aula possibilita ao aluno ampliar seu repertório literário, linguístico e desenvolver habilidades de escrita. O professor não deve simplificar seu trabalho apresentando apenas diversos gêneros de textos, suas características e função social, mas envolver o aluno no universo da leitura, promovendo-o a leitor que sente prazer ao abrir um livro ou não se contenta em ler apenas um título.

A escola tem essa função didática de realizar um trabalho pedagógico com a leitura, mas também tem a função humanizadora de apresentar a leitura para deleite, apreciação, lazer. Quando a instituição escolar consegue concretizar esses dois propósitos, a sociedade é presenteada com pessoas mais humanas, mais sensíveis e mais cultas.

Para que essa dupla função se efetive no cotidiano escolar, os professores carecem ser esse ser humano ávido por leitura, exemplo de leitor para seus alunos. Segundo Freire (2018, p,18) “Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”, ou seja, não se conscientiza o aluno da necessidade de ler sem dar o exemplo de leitor. Nesse sentido:

O professor que realmente ensinar, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do "faça o que mando e não o que eu faço". Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. (FREIRE, 2018, p.19).

A sala de aula é o espaço apropriado para apresentar ao aluno a diversidade de gêneros textuais e propiciar um trabalho pedagógico frutífero no âmbito da leitura literária, sobretudo quando oportuniza ao aluno conviver entre obras e textos diversos, antigas e atuais, sejam elas, romances, contos, fábulas, história em quadrinhos, crônicas, poemas, enfim, o professor provido dessa gama de gêneros textuais e ciente do comprometimento de sua atuação e exemplo do ato de ler, tem em mãos a fórmula para difundir a leitura literária entre seus alunos, mudando os rumos dessa nova geração no quesito formação leitora. Assim:

A relevância de tal aprofundamento justifica-se em virtude da carência de práticas de leitura coerentes e consistentes na escola, pois, apesar dos avanços no que diz respeito à promoção da leitura nesses espaços, ainda existem diversas práticas equivocadas na sala de aula em relação ao ato de ler, como um trabalho distorcido e fragmentado com textos literários, o que leva a uma “falência do ensino de literatura das escolas. (SOUZA & FEBA, 2011, p.148).

Nesse entendimento da escola ser o espaço que promove o acesso do aluno à leitura através de diferentes gêneros, entre eles os que abordam assuntos cotidianos, apresentar aos alunos o gênero textual crônica é oportunizar seu encontro com temáticas da vida, através de uma linguagem simples e com um toque de humor, mas, que merece a atenção do leitor.

A crônica que trazemos pode ser observada na tipologia do gênero como crônica narrativa, pois traz uma história curta, simples, humorada, porém, que merece o olhar crítico do leitor para um problema social que é a destruição do patrimônio cultural material. O autor é cratense e narra um fato que circula entre a realidade e o humor da crônica. J. Flávio Vieira em seu livro *A Delicada Trama do Labirinto* (2013) nos presenteia com a crônica “O Espírito do Casarão”, chamando a atenção do leitor para a importância da preservação do patrimônio material da cidade de Crato – CE.

Apresentar leituras numa linguagem simples e lúdica, além de promover a discussão sobre a preservação do patrimônio cultural local é possibilitar o uso do gênero textual como elo integrador entre outras disciplinas do currículo escolar usando-a de forma inter e transdisciplinar.

Planejando a sequência didática de trabalho com o gênero crônica

Objetivos: Apreciar o gênero crônica, reconhecendo o valor literário desse tipo de texto para aprender de forma lúdica questões do cotidiano da vida humana.

Conteúdos: Gênero textual crônica: “O Espírito do Casarão” retirada do livro *A Delicada Trama do Labirinto* (2013), do autor cratense J. Flávio Vieira.

Tempo estimado: 05 h/a

Recursos: Livro *A Delicada Trama do Labirinto* (2013) e cópia do texto “O Espírito do Casarão,” do autor J. Flávio Vieira, fotografias de prédios históricos da cidade de Crato, palavras impressas em letra de imprensa maiúscula “herança,” “patrimônio,” “gerações,” “cultura,” “preservar” e “saberes.”

Procedimentos metodológicos:

Motivação

Tempo estimado: 1 h/a

- ❖ Rever com a turma as características e funções do gênero textual crônica.
- ❖ Expor nas paredes do pátio fotografias de prédios históricos da cidade de Crato, e palavras como: HERANÇA, PATRIMÔNIO, GERAÇÕES, CULTURA, SABERES, PRESERVAR.
- ❖ Convidar os alunos a observar a exposição por alguns minutos e escolher uma imagem ou palavra.
- ❖ Após esse primeiro momento, sentar e conversar sobre a escolha de cada aluno, realizando intervenções com informações sobre as imagens ou o significado das palavras.
- ❖ Falar que o trabalho da semana será com um gênero textual que abordará essas questões com ludicidade e humor.

Foto 01-: Prédios históricos de Crato



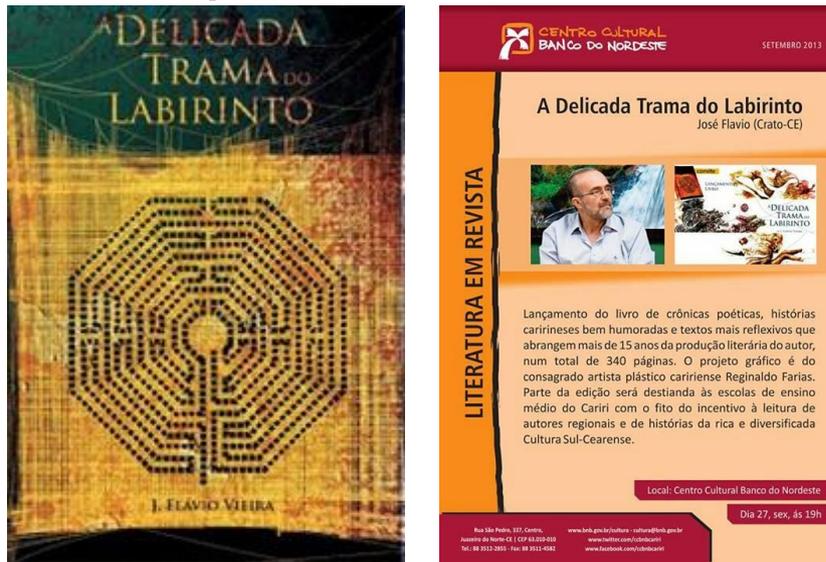
Fonte: <https://barbalhaesquecida.wordpress.com/predios-historicos/>

Introdução

Tempo estimado: 2 h/a

- ❖ Apresentar a obra do autor J. Flávio Vieira.
- ❖ Apresentar encarte do lançamento da obra (O professor pode imprimir do site <http://www.gazetadocariri.com/2018/10/jose-flavio-vieira-o-memorialista-da.html>)
- ❖ Ler a apresentação do autor por José Nilton de Figueiredo, músico e professor da Universidade Regional do Cariri –URCA (que pode ser encontrada na contra capa da obra A Delicada Trama do labirinto (2013).
- ❖ Apresentar a biografia do autor contida na orelha da obra.

Foto 02: foto da capa do livro e encarte de lançamento



<http://www.gazetadocariri.com/2018/10/jose-flavio-vieira-o-memorialista-da.html>

- ❖ Convidar o professor de História para falar sobre Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de uma sociedade. (30 minutos de conversa)
- ❖ Convidar o professor de Geografia para tratar da necessidade de cuidar do espaço geográfico onde fica localizado os bens arquitetônicos tombados como patrimônio histórico. (30 minutos)

CONHECENDO O AUTOR

Quem é J. Flávio Vieira?

J. Flávio Vieira nasceu em Crato/CE em 1952, onde reside. É médico, escritor, dramaturgo e poeta. Entre outras publicações, é autor da peça *A Terrível Peleja de Zé Matos com o Bicho Babau nas Ruas do Crato* (2004), do livro de contos *Matosinho vai à Guerra* (2008), do livro de literatura infantil *O Mistério das 13 portas no Castelo Encantado da Ponte Fantástica* (2010), do livro de crônicas *A Delicada Trama do Labirinto* (2013). Ele é o vencedor do I Prêmio Literário Rachel de Queiroz de Literatura Infantil (SECULT –EC 2010). (Adaptado de: VIEIRA, 2013).

Leitura

Tempo estimado: 1h/a

- ❖ Convidar o autor para uma roda de conversa com a turma e a leitura da crônica (Caso a escola seja situada na região do Cariri). Para escolas fora da região, sugerimos um encontro virtual com o autor pelo aplicativo Google Meet, ou visitar o site a seguir onde o autor escreve regularmente.
<http://simborapramatozinho.blogspot.com/>
- ❖ O professor poderá providenciar para os alunos uma cópia do texto “o Espírito do Casarão”
- ❖ Abrir espaço para perguntas dos alunos sobre a vida e a obra do autor.
- ❖ Promover um desafio aos alunos de ilustrar o tema da crônica.
- ❖ Instigar o aluno a perceber a sutileza do cronista em denunciar um fato presente no nosso cotidiano.
- ❖ Possibilitar ao aluno a observar o que está implícito no texto.

Interpretação

Tempo estimado: 2 h/a

- ❖ Convidar o autor para um momento com todos os alunos de 6º ao 9º ano no pátio ou auditório da escola. (Caso o professor não tenha a possibilidade da presença física com o escritor,

“O espírito do casarão”

“Apesar de ter laivos de realismo fantástico a estória não é de todo inverossímil. Narrada por um magistrado sóbrio ou um sacerdote comum, já estaria fazendo parte do nosso imaginário popular. O problema diz respeito a única testemunha ocular do fato: “Gargalo” um pinguço inveterado, que leva o dia peruando no gamão da Senador Pompeu e à noite, faz sua via-sacra, ou melhor, sua via-profana, nos botequins da Rua da Saudade, tendo seu gólgota geralmente, na mais abissal madrugada no Bar do Neném. (...) Estava-se dirigindo para a Praça Siqueira Campos, que usa confortavelmente como hotel, quando ao passar na Senador Pompeu, defronte ao Clube Cariri, (...) topou com uma figura estranha, saindo lá de dentro: um velho de barbas brancas, (...). O idoso senhor lhe disse ser O Espírito do Casarão e que estava acabando de ser expulso, uma vez que o prédio seria demolido para a construção, pasmem vocês, de um estacionamento! (...)”

(VIEIRA, 2013, p .339).

(Trechos extraídos do Livro *A delicada Trama do Labirinto*).

acessar os meios de contatos fornecidos no livro pela editora, ou um encontro virtual pelo aplicativo *Google Meet* com o autor.

- ❖ Sortear um aluno da turma do 9º ano para apresentar o autor aos demais alunos da escola, caso seja possível tê-lo em sala.
- ❖ Promover uma conversa do autor e alunos sobre leitura, escrita e a obra “A Delicada Trama do Labirinto”.
- ❖ Imprimir em modelo cartaz o texto “O Espírito do Casarão”, caso o professor sentir a necessidade de trabalhar com imagem maiores.
- ❖ Promover a exposição das ilustrações dos alunos do 9º ano sobre o título da crônica “O Espírito do Casarão”.
- ❖ Propor aos alunos a observar o que faz parte de suas experiências cotidianas e produzir uma crônica para fazer parte de uma possível publicação coletiva da sala.
- ❖ Trabalhar com os alunos características do gênero crônica e debater aspectos próprios do estilo do autor.

Lembre-se:

É na inquietação social que nasce o desejo de mudança, de ir além, nesse sentido é fundamental a escola, como instituição de ensino, possibilitar diálogos que possa inquietar o aluno no seu pensar crítico, cabe a nós professores promover estes momentos, e a leitura pode oportunizar isto, vai depender da maneira como ela é concebida, apresentada, selecionada, trabalhada, e essa tarefa é nossa. Não podemos nos omitir dessa nossa contribuição social. Para Zilberman (1985, p. 29):

Trata-se, pois, mais uma vez de dar relevo à função formadora da leitura, pois seu desenvolvimento incrementa no leitor a capacidade de compreender o mundo e investigá-lo, e de, ao mesmo tempo, por em tela de juízo o comportamento que promove obras e as considera boas, porque transmitem valores socialmente úteis.

Nesse sentido, esse capítulo propõe uma prática de leitura visando à formação cidadã do aluno. Uma leitura reflexiva e empenhada é uma forma organizacional do pensamento, podendo assim despertar a criticidade do aluno e, por conseguinte, uma interpretação aguçada da sua realidade social.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

FREIRE, Paulo. **Autonomia da Pedagogia: saberes necessários a prática educativa**. 57^a ed. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

SOUZA, Renata Junqueira e FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org.). **Leitura Literária na Escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

VIEIRA, J. Flávio. **A Delicada Trama do Labirinto**. Fortaleza: Secult, 2013.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

<https://barbalhaesquecida.wordpress.com/predios-historicos/>

<http://www.gazetadocariri.com/2018/10/jose-flavio-vieira-o-memorialista-da.html>

LENDA

A lenda da Pedra da Batateira
Fátima Teles



Ilustração: Samuel Quixote

III CAPÍTULO

LENDA: “A PEDRA DA BATATEIRA: UMA HISTÓRIA DO CARIRI” (2020), DE FÁTIMA TELLES

Prezada professora, prezado professor:

Para Coelho (2000), na literatura infantil, infanto juvenil ou para adultos, encontramos a presença dos gêneros orais passados de geração em geração, como os mitos e as lendas.

A lenda (lat. *legenda*, *legere* = ler) é uma forma narrativa antiquíssima, geralmente breve (em verso ou em prosa), cujo argumento é tirado da tradição. Consiste no relato de acontecimentos em que o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro. É transmitida e conservada pela tradição oral. É também ligada a certo espaço geográfico e a determinado tempo. (COELHO, 2000, p. 171-172).

Na maioria das vezes, as lendas fornecem explicações aceitáveis e, até certo ponto, cabíveis para fatos que não se explicam cientificamente, como acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais que despertam a curiosidade e o interesse das pessoas de todas as faixas etárias. No gênero lendas, elementos que se opõem estão sempre interligados como o bem e o mal, o real e o imaginário.

Em síntese, as lendas apresentam um estilo literário fantástico que misturam fatos reais e históricos com fatos imaginários que são produtos da fértil imaginação humana na busca constante de conhecer a origem das coisas, o surgimento de tudo.

As grandes perguntas sobre questões ligadas à origem do universo, ao aparecimento do homem, aos fenômenos da natureza, à existência de outros planos espirituais, são indagações que continuam a ser feitas e refeitas pelo ser humano na busca contínua de conhecimento do espaço em que vive e de si próprio. (ROCCO, 1996, p. 45).

O trabalho pedagógico com o gênero lendas atrai o interesse dos alunos por apresentar situações misteriosas que a ciência não explica. O mistério e o sobrenatural aguçam a curiosidade dos alunos, levando-os a desenvolver uma aprendizagem significativa.

Todas as regiões brasileiras apresentam um rico folclore, onde as lendas encantam ou amedrontam seus leitores, e é essa oposição de sentimentos que faz desse gênero uma ótima escolha para desenvolver o gosto pela leitura em qualquer fase da escolarização:

“Não é grande a distância que vai da lenda à História, do mito à realidade. Ambos se mesclam na confluência dos mesmos fatos e circunstâncias, apenas com as variantes definidoras das rotas trilhadas. O mito completa a História, e esta explicita aquele” (RAFAEL, 2020 p. 01).

A região nordeste traz uma rica e variada literatura sobre a tradição cultural, sobretudo contos, mitos e lendas que reforçam a formação de seu povo e suas manifestações culturais passadas de geração para geração. As lendas são muitas e ricas em detalhes e mistérios.

O autor norte-rio-grandense Câmara Cascudo é um dos nomes mais conhecidos na região por coletar, pesquisar, resgatar e escrever sobre essas tradições. Ele assim se expressa sobre sua paixão pela temática regional:

Queria saber a história de todas as coisas do campo e da cidade. [...] Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar, das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. [...] Tudo tem uma história digna de ressurreição e de simpatia. (CASCUDO, 2004, p. 2).

No caso da região do Cariri cearense, cujos primeiros habitantes foram os índios kariris, ela apresenta uma vasta literatura acerca de mitos e lendas e outras manifestações culturais de seu povo, de sua origem.

A lenda escolhida para trabalhar com a turma de 9º ano do Ensino Fundamental foi “A lenda da Pedra da Batateira” que é recontada de maneira espetacular no livro da autora Fátima Teles, cujo título é: *A lenda da Pedra da Batateira: uma história do Cariri* (2020). Essa lenda conta que um dia a pedra da batateira vai rolar e toda a cidade de Crato e o Cariri cearense serão inundados. É passada de geração em geração desde os índios kariris até a atualidade.

Os mais antigos da cidade repassam essa lenda para os mais jovens. Existem várias versões dela, umas de cunho mais religioso, outras mais ligadas à arqueologia e ao surgimento da Floresta Nacional do Araripe/CE.

A lenda contada por Fátima Teles apresenta um aspecto mais histórico, trazendo desde a origem dos indígenas da “Nação kariri” e sua luta contra a intervenção dos brancos, assim como a resposta dos índios ao represarem a água coma grande pedra:

Outra versão lendária é a de que os índios vencidos, em lutas anteriores, haviam “encantado” (tampado) a grande nascente da Chapada do Araripe com a Pedra da Batateira, e que as águas acumuladas, no subsolo, acolhiam uma serpente sagrada, que faria deslocar a pedra, e todo o Vale do Cariri seria inundado, e que os índios Cariris voltariam a ser uma nação livre, senhores do mar, viveriam na paz e tranquilidade de um Paraíso. (RAFAEL, 2020 p. 01).

O livro de Fátima Teles é um verdadeiro convite à leitura, ao texto, às ilustrações, à versão da lenda da batateira contada por uma mestra na arte do ofício de contar histórias.

Planejando a sequência didática de trabalho com o gênero lenda

Objetivos: Conhecer e apreciar o gênero lenda reconhecendo o valor literário desse tipo de texto para aprender a cultura regional/local e a contribuição dos antepassados na construção e divulgação de saberes.

Conteúdos: Gênero textual lenda: *A lenda da Pedra da Batateira*- Uma história do Cariri (2020), da autora Fátima Teles.

Tempo estimado: 04 h/a

Recursos: Livro *A lenda da Pedra da Batateira*: uma história do Cariri (2020).

Imagens da Chapada do Araripe, Fotos do Geossítio Batateiras, Imagens de personagens lendários, cópia da lenda da Pedra da Batateira, escrita por Fátima Teles.

Procedimentos metodológicos:

Motivação

Tempo estimado: 1 h/a

- ❖ Convidar os alunos a assistirem ao documentário “O Cariri e o GeoparkAraripe” disponível no *site* (abrilde2020<https://int.search.myway.com/search/vídeo>. Abrir diálogo sobre as informações contidas no documentário e sobre as histórias contadas pelos nossos antepassados que falam do início da história do Cariri.
- ❖ Mostrar o mapa dos Geossítios³, inclusive o do Geossítio Batateiras em Crato- CE
- ❖ Falar dos Índios Kariri e da Fundação Casa Grande, da contribuição dessa instituição para a preservação dos costumes, lendas e a cultura dos nossos antepassados.
- ❖ Falar da “Lenda da Pedra da Batateira” e anotar os conhecimentos prévios dos alunos acerca do tema.
- ❖ Comunicar que, na aula seguinte, a lenda será trabalhada e pedir que o aluno traga informações sobre a lenda da pedra da batateira e outras lendas presentes na sua vivência. Incentive a colher essas informações com familiares e/ou pessoas de sua vizinhança.

³ “Geossítios: os sítios de maior relevância geológica/paleontológica.” Fonte: <http://geoparkararipe.urca.br/>
Acesso: 23 de Março de 2021

Foto 03: Fundação Casa grande



Fonte: Google imagens <http://geoparkararipe.urca.br/>

Foto 04: Geossítio Batateiras



Fonte: Google imagens <http://geoparkararipe.urca.br/>

Foto 05: Chapada do Araripe



Fonte: Google imagens <http://geoparkararipe.urca.br/>

Introdução

Tempo estimado: 1 h/a

Apresentar a obra da autora Fátima Teles. Caso não haja um exemplar na biblioteca da escola, essa obra pode ser encontrada no blog pessoal da autora cujo acesso livre é através do endereço eletrônico: <http://fafatinhateles.blogspot.com/2018/05/biografia-da-escritora-fatima-teles.html>.

- ❖ Promover uma discussão com a sala para melhor revisão e compreensão do que são Lendas.
- ❖ Valorizar e sensibilizar a importância do gênero em relação ao respeito dos costumes, das crenças e tradições que norteiam as atitudes e pensamentos de um povo.
- ❖ Recolher informações dos alunos sobre a Lenda da pedra da batateira.
- ❖ Montar painel com as informações trazidas pelos alunos.

Foto 06: capa do Livro



FORTALEZA-CE (2020)

Fonte: Cedido do arquivo pessoal da autora

CONHECENDO A AUTORA

Quem é Fátima Teles?

Fátima Teles é Mestranda em Estado, Governo e Políticas Públicas pela Faculdade de Ciências Sociais da América Latina (FLACSO) e professora da rede pública municipal de Brejo Santo. A conhecida lenda da Pedra da Batateira é o fio condutor da mais nova obra lançada pela escritora. O livro, que conta com as ilustrações de João Alves, tem 29 páginas e traz personagens que relatam, através da oralidade, as histórias que permeiam o imaginário de cada um. <https://jornaldocariri.com.br/pedra-da-batateira-e-tema-de-livro-infantojuvenil/> (Acesso em 30 de mar de 2021).

Leitura

Tempo estimado: 1 h/a

- ❖ Convidar a autora e o ilustrador que são da cidade de Brejo Santo para realizar a leitura da lenda na sala de aula. (Sugestão para professores da região do Cariri cearense e para o professor de outras regiões, sugerimos um encontro virtual pelo aplicativo *Google Meet*).
- ❖ Conhecer o *Blog* da autora: <http://fafatinhateles.blogspot.com/2018/05/biografia-da-escritora-fatima-teles.html>, onde Fátima Teles publica seus textos, livros, etc.
- ❖ Promover uma roda de conversa entre os alunos, a autora e o ilustrador, tendo como mediador o professor por meio das redes sociais da autora. <http://fafatinhateles.blogspot.com/2018/05/biografia-da-escritora-fatima-teles.html>
- ❖ Registrar o momento em vídeo e fotografias.

A Lenda da Pedra da Batateira

“Conto aqui uma história trazida pelos povos Kariri. A lenda da Pedra da Batateira conhecida por nós caririenses. A narradora oral é dona Maricotinha, que representa a figura feminina das avós. Esta obra visa o fortalecimento do nosso sentimento de pertencimento, a fim de que possamos compreender nossa origem”. (TELES, 2020).

(Texto extraído da capa do Livro A Lenda da Pedra da Batateira – 2020)

Interpretação

Tempo estimado: 1 h/a e o recreio.

- ❖ Em sala de aula, realizar um apanhado dos registros dos três momentos anteriormente trabalhados (Motivação, Introdução e Leitura).
- ❖ Confeccionar um painel ilustrativo com os registros (fotografias, textos, vídeos)
- ❖ Um grupo de alunos apresentará o painel na hora do recreio em uma tenda.
- ❖ Esse momento será intitulado de recreio literário.
- ❖ Revisar as características do gênero lenda e debater as temáticas apresentadas pela autora.

Lembre-se:

São das várias leituras que nascem outras leituras. Que essas aqui apresentadas, sejam apenas o início do espiral de outros inúmeros gêneros textuais veiculados em infinitos portadores na nossa sociedade moderna e que a escola pode apresentar a seu aluno. Que seja a leitura uma constante em nossas aulas.

Não temos a presunção de impor qualquer leitura, isso já tiraria o caráter democrático que a ela pertence. Apenas, apresentamos um convite a boas leituras, a leituras diversas, em um momento em que pouco se lê, ou não se lê. A seleção dos gêneros textuais é determinada pelas exigências e especificidades de cada momento, de cada realidade. Para Porto (2009, p. 42):

Cada situação de comunicação social exige uma forma específica de linguagem. Por isso, falamos e escrevemos de formas diferentes dependendo de cada situação de interlocução. Os gêneros textuais vão se estabelecendo socialmente e, sendo assim, precisamos estar atentos para os usos sociais da linguagem, para fazer da sala de aula um ambiente em que circulemos mais diferentes gêneros.

A nossa sala de aula é um espaço de encontros e interações. E o encontro com a leitura é um exercício essencial na nossa prática educativa, carece da nossa dedicação e de cuidados específicos no que concerne à leitura.

Cuidado com a escolha de textos, cuidado com o que vai desenvolver com o texto, cuidado de como atrair o aluno para o texto. Isso tudo implica - para nós professores - estudos,

atenção e empenho, em um mundo que está em aceleradas mudanças, repleto de novos conhecimentos e informações. Todo esse cuidado é para que possamos trazer para nosso aluno uma leitura que faça conexão com o que o momento exige e possa contribuir na sua formação pessoal e social.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 13.ed. São Paulo: Global, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria**. Análise. Didática. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON. Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão oral e escrita- elementos para a reflexão sobre uma experiência suíça (Francófona). In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 2004.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymará, 2009. p. 42.

RAFAEL, Armando. **A lenda da Pedra da Batateira**. Disponível em: <http://lendas-do-ceara.noradar.com/a-lenda-dapedra-da-batateira/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Viagens de Leitura**. Cadernos da TV Escola. Brasília, 1996.

TELES, Fátima. **A Lenda da Pedra da batateira – Uma história do Cariri**. Fortaleza: Premium, 2020.

<http://fafatinhateles.blogspot.com/2018/05/biografia-da-escritora-fatima-teles.html>

<https://twitter.com/fafatinhateles>

https://www.instagram.com/fatima_teles/

<http://geoparkararipe.urca.br/>

CONTO

Milagre em Juazeiro

Ronaldo Correia Brito

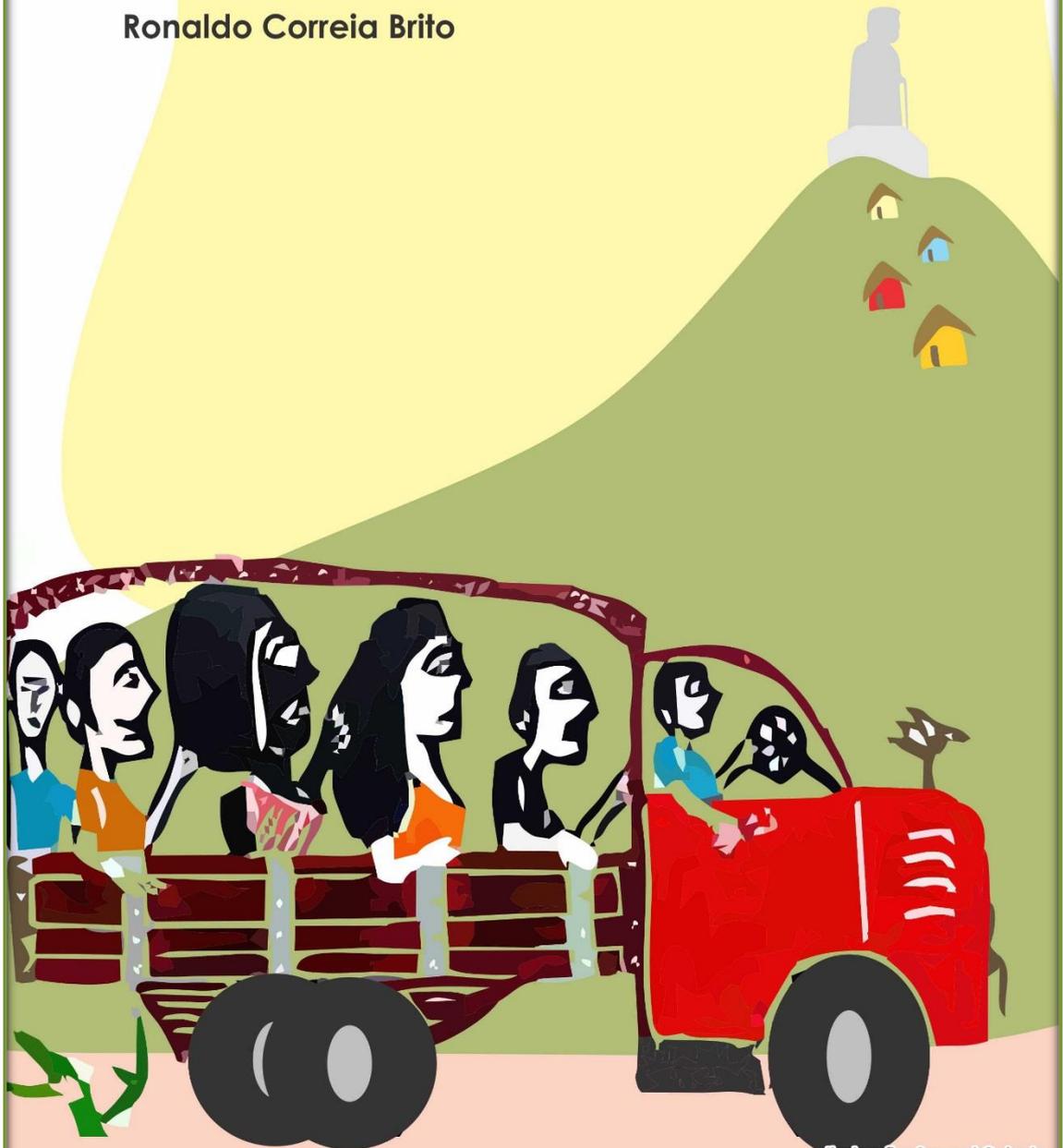


Ilustração: Samuel Quixote

IV CAPÍTULO

CONTO “MILAGRE EM JUAZEIRO” (2005), DE RONALDO CORREIA DE BRITO

Prezada professora, prezado professor:

A literatura como parte da disciplina de Língua Portuguesa do currículo do 9º ano do Ensino Fundamental, traz à escola a obrigatoriedade de trabalhar os diversos gêneros do discurso tanto orais como escritos, especificamente por essa disciplina. No entanto, os autores que estudamos, tais como, Cosson (2009), Colomer (2007), Soares (2007), Bamberger (1995) trazem em seus trabalhos a importância de se apresentar esses gêneros desde a Educação Infantil para desenvolvimento da oralidade, da leitura, da compreensão e da escrita. O letramento literário é uma modalidade de letramento que os autores acima defendem está presente no processo de escolarização da literatura.

Ao sistematizar o trabalho pedagógico com textos literários por esse olhar é ter como anseio modificar, fortalecer e ampliar a educação literária no Ensino Fundamental, possibilitando construir uma nova postura do professor. Um professor que possa ser modelo de leitor para seu aluno, que traga para sua aula propostas metodológicas ricas e diversificadas para estimular o aluno a transformar-se em leitor ativo, crítico e reflexivo, transpondo o que aprende na escola para a vida cotidiana.

Segundo Bakhtin (2020), toda obra estudada pode assumir mudança de hábito no leitor, dependendo da forma como lhe é apresentada e consumida a obra literária transforma-se em ponte entre o pensamento do autor e a receptividade do leitor:

Assim, o trabalho com leitura literária no Ensino Fundamental, tendo em vista a perspectiva do autor citado, se faz necessário, pois, quanto mais cedo o aluno desenvolver a habilidade de ler e interpretar diferentes gêneros do discurso, orais ou escritos, mais o propósito da formação escolar estará efetivado. Portanto, esse aluno levará seus hábitos e habilidades a transpor as fronteiras da escola e terá posse de um conhecimento que ao usufruí-lo no cotidiano, poderá ser objeto de construção e diversificação de saberes necessários à compreensão da linguagem.

Para Coelho (2000), o conto é um gênero muito trabalhado em sala de aula, principalmente os contos de fada na Educação infantil. Os contos maravilhosos, os contos de assombração, são mais explorados nas séries finais do Ensino Fundamental, onde surgem

personagens com poderes sobrenaturais, que são beneficiados com milagres, que sobrevivem e observam fenômenos que fogem e desafiam as leis da física. Esse tipo de gênero chama a atenção do aluno, sendo bem aceito por eles, visto que cada ser humano tem um sonho, um propósito e luta para alcançá-lo:

“Importante notar que há uma identificação essencial entre as invariantes que estruturam essas narrativas maravilhosas e as exigências básicas que a vida faz a cada um de nós, para que nos realizemos plenamente como indivíduos e seres sociais... As personagens desses contos nada mais são do que símbolos ou alegorias da grande aventura humana, que cada qual vive a seu modo, ou de acordo com as circunstâncias” (COELHO, 2000, p.116).

O conto escolhido para apresentar as turmas do 9º ano traz como problema a ser resolvido, o encontro de um familiar que não se conheceu pessoalmente, então “a força do destino” que é uma característica do gênero é o principal elemento desse conto religioso do autor cearense Ronaldo Correia de Brito, intitulado “Milagre em Juazeiro” (2005). A viagem que os personagens precisam fazer, as dificuldades enfrentadas, e a ajuda de um ser supremo são elementos fundamentais para a conquista do objetivo do casal.

Nas categorias dos contos, de acordo com Coelho (2000), o conto religioso pertence a uma espécie de defesa de espírito popular que pode envolver elementos como pecado, graça, mérito, sentenças.

Planejando a sequência didática de trabalho com o gênero conto

Objetivos: Ampliar o repertório de leitura do aluno, propondo leituras de contos que despertem o gosto pela a leitura e a ideia de que cada ser humano precisa ter um ideal e que para alcançá-lo deve sair da sua zona de conforto e ir em busca de realizar o ideal perseguido, assim como nos contos.

Conteúdos: Gênero textual conto religioso “Milagre em Juazeiro” (2005), do autor cearense/caririense Ronaldo Correia de Brito.

Tempo estimado: 04 horas aulas.

Recursos: Livro *Livro dos Homens* (2005) de onde foi retirado o conto; obras dos artistas Luis Karimai⁴ e Petrônio Alencar,⁵ cópia de ex-votos da casa dos Milagres como: cartas, fotografias de pau de arara com romeiros, fotos dos lugares “sagrados” em períodos de romarias na cidade de Juazeiro do Norte.

Procedimentos metodológicos:

Motivação

Tempo estimado: 1 h/a

- Convidar os alunos a sentarem em círculo e observarem os objetos dispostos no centro da sala de aula (cópia de cartas, fotografias, e obras de artesãos juazeirenses adquiridas no Centro Mestre Noza de Arte e Cultura). Juazeiro do Norte – CE.
- Trabalhar o significado de ex-votos.
- Trazer imagens de obras de artistas locais como Karimai e Petrônio Alencar que tratam da temática.
- Pedir a cinco alunos que escolham algum objeto que está exposto e fale sobre o que lhe remete aquele símbolo escolhido.
- Intervir entre uma fala ou outra (dos alunos) acrescentando informações, ou suscitando mais argumentos dos mesmos.
- Suscitar a discussão acerca de como os romeiros iniciaram as romarias a Juazeiro em caminhões denominados Pau de Arara, que atualmente são transportados de ônibus. (Os Paus de arara atualmente, são considerados pelos órgãos de fiscalização – o Departamento Estadual de Trânsito (Detran) como transporte irregular, por isso os romeiros se deslocam até as cidades onde acontecem as romarias de ônibus).

⁴ “Luis Karimai: Luiz Karimai, conceituado artista plástica. Karimai era natural de Lavínia no Estado de São Paulo e na década de 70 fez uma passagem pela Terra do Padre Cícero buscando dados, fotos e depoimentos visando concluir pesquisa para um estudo sociológico do curso de fasia na USP. No Cariri cearense conheceu Penha com sangue dos bravos índios Kariris.” Fonte: <https://pt-br.facebook.com/acervodekarimai/> Acesso em 26 de março de 2021.

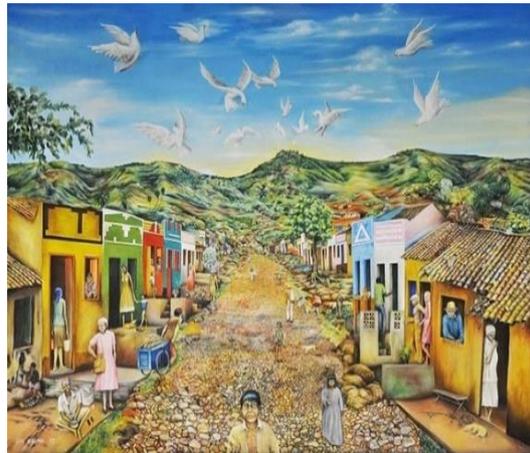
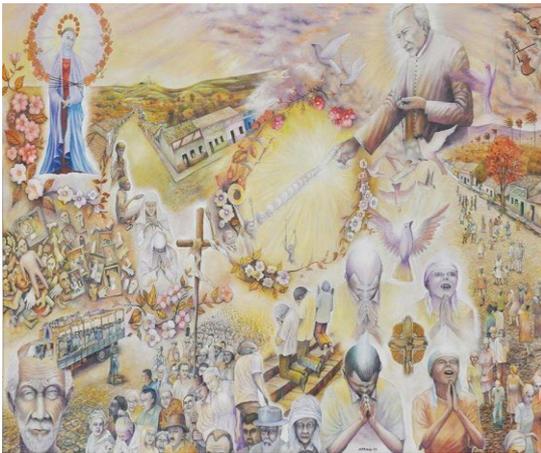
⁵ “Petrônio Sampaio de Alencar, 33, nasceu e reside em Juazeiro. Há 13 anos trabalha profissionalmente com artes plásticas. Atualmente dá prioridade aos desenhos antigos que está retrabalhando. Também é o Diretor Financeiro da recém inaugurada Casa da Gravura”. Fonte: <http://oberronet.blogspot.com/> Acesso em 26 de março de 2021.

- Trazer o áudio e a letra do bendito “Mãe de Deus das Candeias” (Coral de Nossa Senhora das Candeias- encontrado no site:
<https://www.youtube.com/channel/UCQd39pZ8JmsAD428RzNrtUA>

Mãe de Deus Das Candeias (Coral de Nossa Senhora das Candeias)

Bendita e louvada seja
 A luz que mais alumia
 Valei-me meu Padrinho Cicero
 E a mãe de Deus das Candeias
 Oh que caminho tão longe
 Cheio de pedra e areia
 Percorre o bom Pelegrino
 Da Mae de Deus das Candeias
 No Caminho de Juazeiro
 Nunca ninguém se perdeu
 Por causa da aluminara
 Da Mae de Deus das Candeias
 A luz da fé que nos guia
 Aqui nos reanimou
 Formamos grande família
 De Cristo nosso Senhor⁶

Fotos 07 e 08 - Obras de Luis Karimai

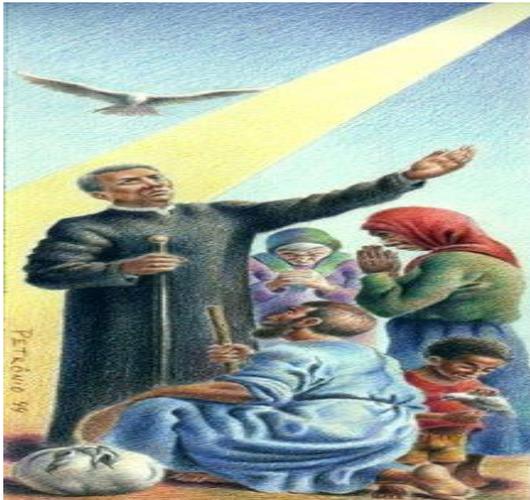


Fonte: Google imagens⁷ <https://pt-br.facebook.com/acervodekarimai/>

⁶ Deve ser facultativa a participação de alunos de outros credos religiosos que não queiram participar desse momento da aula.

⁷ <https://pt-br.facebook.com/acervodekarimai/>

Fotos 09 e 10 - Obras de Petrônio Alencar



Fonte: Google⁸ <http://www.caririeisso.com.br/2017/02/artista-caririense-com-fama-nacional>.

Fotos 11 e 12 - Casa dos Milagres Padre Cícero⁹ (Juazeiro do Norte-Ceará)

Fonte: Google imagens: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/santuarios-no-interior-guardam-simbolos-de-gracas-alcancadas>

⁸ <http://www.caririeisso.com.br/2017/02/artista-caririense-com-fama-nacional>.

⁹ Casa dos milagres Padre Cícero: um dos pontos turísticos religiosos mais procurados por visitantes eromeiros por abrigar fotos, imagens de santos e objetos que simbolizavam ex-votos e graças alcançadas.

Introdução

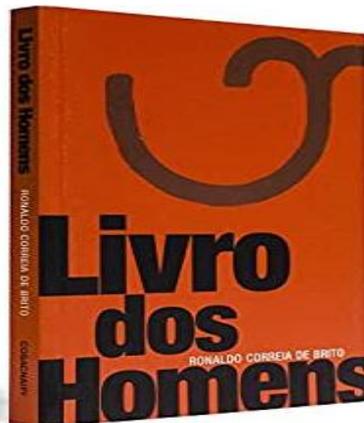
Tempo estimado: 30 min

- ❖ Apresentar a capa do livro de Ronaldo Correia de Brito.
- ❖ Instigar o aluno a fazer inferências sobre a temática do livro a partir da capa.
- ❖ Ler informações básicas sobre o autor encontradas na orelha do livro.
- ❖ Apresentar a biografia do autor.
- ❖ Abrir o livro e apresentar o conto “Milagre em Juazeiro”.
- ❖ Valorizar a leitura de contos como uma fonte de conhecimento e entretenimento.
- ❖ Promover e envolver o aluno numa discussão sobre as características peculiares ao gênero conto.
- ❖ Discutir e trocar opiniões sobre a temática apresentada no conto “O milagre de Juazeiro.”

“MILAGRE EM JUAZEIRO”

“- Valei-me, Nossa Senhora, valei-me! – cantaram as peregrinas num pedido extremo de socorro. Naqueles desertos sertões, o vento arrastou os cantos para as profundezas da terra, onde guardavam-se as vozes de todas as mulheres do mundo, desde as mais antigas eras, retornando com o seu eco. Quem ouviu aquele coro de vozes vivas e mortas acreditam que a Virgem Mãe atenderia ao clamor das desvalidas. (...) - O mundo é grande - diziam – Existem os caminhos do sul, os do norte e os caminhos do céu. Por um deles caminha sua avó” (...). (BRITO, 2010, p.67,68,80). (Trechos extraídos do 1º capítulo da obra.)

Foto 13: Capa do livro



Fonte: Google <https://www.estantevirtual.com.br/livros/ronaldo-correia-de-brito/livro-dos-homens/>

CONHECENDO O AUTOR

Ronaldo Correia de Brito?

Ronaldo Correia de Brito nasceu em 1950 na cidade de Saboeiro, sertão dos Inhamuns, no Ceará. Formou-se em medicina no Recife, onde reside. Escreveu em parceria com Antônio Madureira e Assis Lima as peças teatrais *Baile do Menino Deus* (1983), *O pavão misterioso* (1985), *Bandeira de São João* (1987), e *Arlequim* (1990), todas lançadas em CD pelo selo Eldorado.

É autor dos livros de contos *As Noites e os dias* (Ed. Bagaço, 1996), *Faca* (Ed. CosacNaify, 2003) e do romance *Galileia* (Ed. Alfaguara, 2008). Ele é vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura/2008. (Adaptado de BRITO, 2005).

Leitura

Tempo estimado: 30 min

- ❖ Realizar a leitura do conto (O professor deverá providenciar uma cópia do conto para os alunos, com recursos próprios da escola.)
- ❖ A leitura deve ser iniciada pelo professor e seguido pelos alunos que livremente poderão dar continuidade a leitura.

Interpretação

Tempo estimado: 2 h/a

- ❖ Realizar um painel em sala de aula com informações sobre as características e funções do gênero textual conto (Relembrar os tipos de contos, visto que esse é um gênero textual apresentado em quase todas as séries do Ensino Fundamental).
- ❖ Realizar um debate acerca das ideias contidas no texto.
- ❖ Possibilitar e provocar o aluno a perceber o implícito, a desvendar o que está além das palavras escritas no texto.

- ❖ Levar os alunos A Casa dos Milagres Padre Cícero para observar *in loco* a quantidade de ex-votos 10 expostos naquele local “sagrado” pelos romeiros. Horário de visita: segunda a sexta de 8h às 17h Endereço: Praça do Socorro, 159 - Juazeiro do Norte – CE Acesso gratuito.
- ❖ Os alunos também podem ter acesso aos ex-votos através de fotografias feita na casa dos Milagres e no Museu Vivo do Padre Cícero, encontradas no site <http://www.conhecendomuseus.com.br/museus/museu-vivo-do-padre-cicero/>
- ❖ Realizar uma exposição de fotos de ex-votos da casa dos Milagres Padre Cícero e do Museu Vivo do padre Cícero. Essas fotografias podem ser encontradas no site: <HTTP://conhecendomuseus.com.br/museus/museu-vivo-do-padre-cicero>.
- ❖ Após a visita (online ou presencial) realizar uma roda de conversa onde os alunos deverão expor a conclusão que tiraram do processo de toda preparação para a leitura do conto a conclusão da atividade proposta na Casa dos Milagres.
- ❖ Essa atividade de conclusão será escrita (Os alunos escreverão um relato pessoal sobre a experiência do trabalho desenvolvido nessas 04 horas/aulas).
- ❖ O professor poderá realizar uma exposição dos textos no mural da sala de aula.

Lembre-se:

A leitura curta objetiva e simples que o conto proporciona ao aluno-leitor pode ser uma estratégia importante para atrair-lo. O conto em seus subgêneros traz o diálogo como base expressiva para sua linguagem e, por conseguinte, torna a sua leitura dinâmica e atrativa. Também oferece um certo realismo em sua linguagem, aproximando assim, a leitura do texto com a realidade do aluno-leitor.

10 “Ex-votos: O ex-voto é o testemunho concretizado por meio do ato de desobriga em salas de milagres de igrejas e santuários católicos. Pode ser realizado através de variadas formas: bilhetes ou cartas, esculturas, milagritos, quadros pictóricos, fotografias, órgãos in vitru, mechas de cabelo, CDs ou DVDs, objetos pessoais, enfim, uma infinidade de objetos que ficam no espaço denominado “de milagres” <https://www.nucleodepesquisadosex-votos.org/o-ex-voto.html> Acesso em 30/03/2021.

Para maior realização e otimização da leitura de contos em sala de aula é importante desenvolver atividades de leitura com perspectivas interdisciplinares. Um trabalho coletivo, integrado com os demais componentes curriculares, - proposta que norteia toda a produção do nosso caderno - vai ampliar o campo da leitura e desenvolver o sentimento de pertencimento na comunidade escolar no ensino da leitura. Para Fazenda (2012, p. 72):

Nem sempre é possível à própria pessoa sozinha perceber as *n* leituras que sua prática revela. Nesse sentido, é fundamental de um *interlocutor* que vá ajudando a pessoa a se perceber, que vá ampliando as possibilidades de *leitura* de sua prática docente e da *prática docente* de outros colegas. O papel de um supervisor ou de um *coordenador pedagógico* é fundamental nesse caso. O *interlocutor* pode ser também o grupo de professores da escola; entretanto, é necessária a *intermediação* de um coordenador competente que gradativamente promova a integração do grupo diante desse projeto. (FAZENDA,2012, p.72).

Nessa perspectiva, faz-se necessário que o nosso trabalho com a leitura seja claro e coerente para podermos envolver os nossos colegas de escola em um fazer coletivo, partindo da premissa que a prática da leitura é uma prática social e precisa estar cada vez mais em consonância com todo o projeto pedagógico da escola.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**/ prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6ª ed. - São Paulo: Ática, 1995.
- BRITO, Ronaldo Correia de. **Livro dos Homens** – contos. São Paulo: Cosac Naif, 2005.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria, e pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 72.
- COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria. Análise. Didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

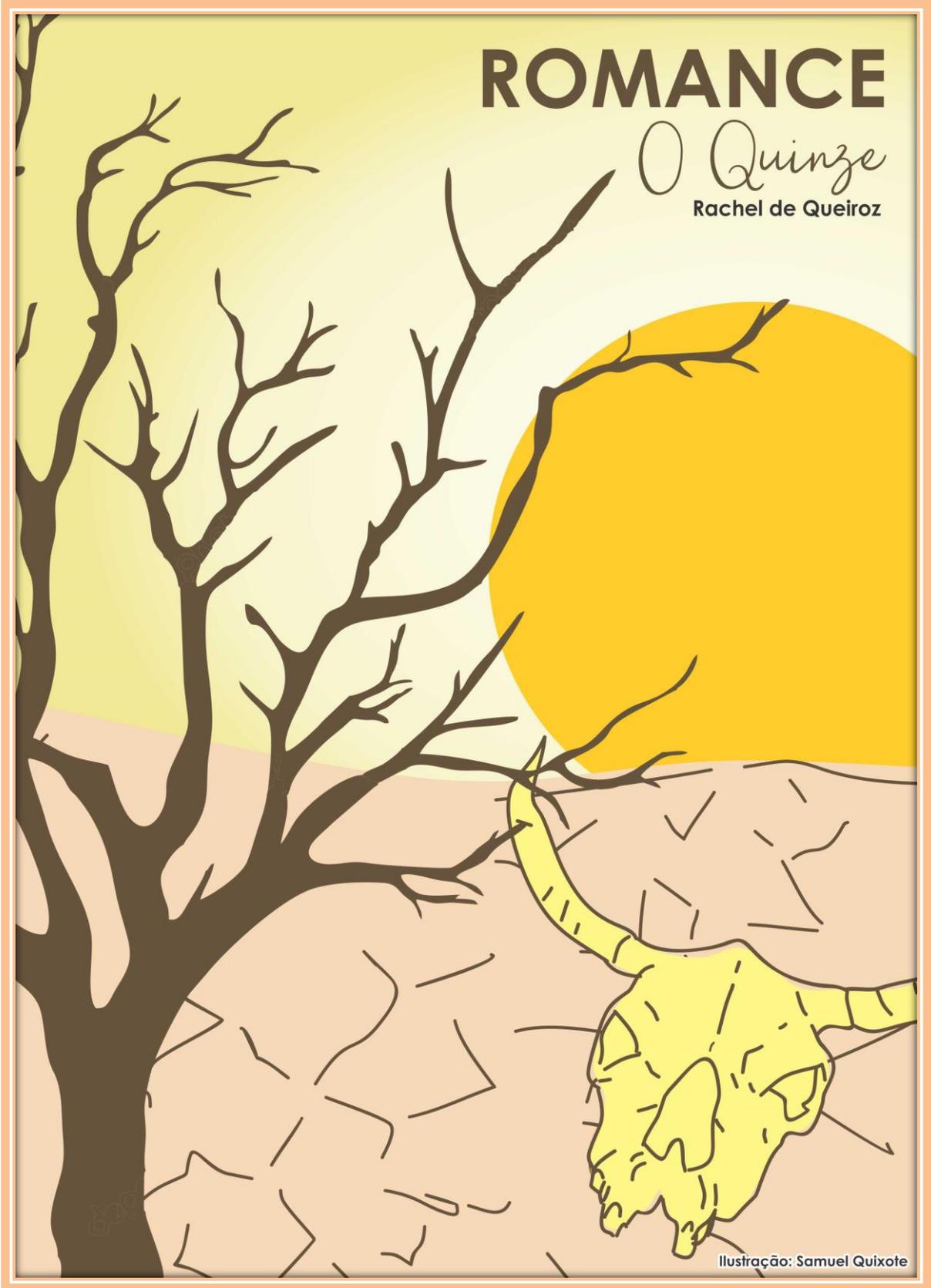
SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **A escolarização da leitura literária**: O jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/08/incendio-destroi-casa-dos-milagres-de-padre-cicero-no-interior-do-ceara.html>

<https://www.estantevirtual.com.br/livros/ronaldo-correia-de-brito/livro-dos-homens/>

<https://www.ronaldocorreiaebrito.com.br/site2/>

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa362330/ronaldo-correia-de-brito>



V CAPÍTULO**ROMANCE: *O QUINZE* (1930), DE RAQUEL DE QUEIROZ*****Prezada professora, prezado professor:***

A proposta de trabalho nas turmas de 9º ano com o gênero romance traz como propósito maior levar o aluno a ler a obra completa, sobretudo, com algumas intervenções didático pedagógicas realizadas durante o processo de leitura. Essas intervenções sugerem ao trabalho de leitura literária uma percepção de leitura em uma ótica sociointeracionista, ponderando o processo da interação entre texto e leitor. Esse processo de interagir entre os interlocutores se dá em três etapas: antecipação, decifração e interpretação.

Dessa forma, sugerimos alternativas metodológicas que têm o objetivo de envolver o aluno no processo de leitura para que este desenvolva o desejo de ler e transforme-o em um hábito prazeroso.

Para isso, indicamos o trabalho com o texto literário a partir de um olhar mais amplo, através do qual o professor possa proporcionar aos alunos estabelecerem relações entre textos e as diferentes linguagens artísticas, como a música, a arquitetura, a pintura, a fotografia, o teatro, o cinema, e outras que estiverem disponíveis. Desta forma, o professor propõe ao aluno expandir a sua capacidade de construção dos sentidos e a prática de compreensão.

Indicam-se as leituras integrais das obras para que se possa proporcionar que ao lê-las os alunos desenvolvam a habilidades de fruição, o prazer de ler e amplie o conhecimento. Essa proposta contempla a finalidade da leitura literária, levando à prática do letramento literário.

A proposta que ora apresentamos tem como texto gerador o romance *O Quinze* (1930), da escritora cearense Rachel de Queiroz. A obra escolhida representa temáticas que estão próximas à realidade dos alunos, como a seca, o processo de migração, as agruras do sertanejo e sua luta e desejo de uma vida melhor. Acreditamos que esse contexto tão realista suscitará o interesse pela leitura.

A literatura brasileira infanto-juvenil nos apresenta textos e contextos que permitem o nosso aluno “conversar com a obra literária e degustá-la através da linguagem, do ambiente descrito, das características físicas e emocionais das personagens, das dificuldades apresentadas no percurso da trama”, a ponto de o leitor desenvolver uma relação de familiaridade e

intimidade com a obra, o que pode gerar interesse para a leitura e, por conseguinte, o prazer de ler (BORDINE; AGUIAR, 1988, p. 18). Outra razão para a escolha consiste no fato de a obra possibilitar um estudo literário contínuo, com sugestões e enriquecimento das temáticas que poderão ser exploradas durante as etapas de desenvolvimento das sequências de letramento literário.

O critério para a escolha da obra, se deu em princípio pela capacidade sagaz de a autora tratar de temas atuais e realistas, sem perder a essência poética, e também por escolhermos autores cearenses.

Planejando a sequência didática de trabalho com o gênero Romance

Objetivos: Despertar o gosto pela leitura de obras completas desenvolvendo atividades que despertem o prazer, a curiosidade e a sensibilidade acerca das temáticas apresentadas na obra a ser compartilhada com a turma.

Conteúdos: Gênero textual romance, *O Quinze* (2020), da autora cearense Rachel de Queiroz

Tempo estimado: 08 horas aulas.

Recursos: Livro *O Quinze* (2020); obras de arte da série “Retirantes” do artista plástico paulista Candido Portinari; fotografias de Sebastião Salgado¹¹; os poemas “A Triste Partida” (1964) musicado por Luiz Gonzaga e o poema “Vaca estrela e boi fubá (1978) do poeta cearense Patativa do Assaré^e musicado pelo cantor também cearense, Raimundo Fagner.

Procedimentos metodológicos:

Motivação

Tempo estimado: 1 h/a

¹¹ Sebastião Salgado: <https://www.epics.com.br/blog/sebastiao-salgado-famoso-fotografo-brasileiro>.

- ❖ Utilizar as obras fotográficas de Sebastião Salgado do seu projeto “Terra” para sensibilizar e instigar os alunos acerca das temáticas a serem trabalhadas. <https://www.epics.com.br/blog/sebastiao-salgado-famoso-fotografo-brasileiro>.
- ❖ Apresentar rapidamente esse projeto desenvolvido pelo fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, levando os alunos a perceberem o propósito desse tipo de fotografia.
- ❖ Informar o motivo pelo qual o fotógrafo dá preferência a registrar suas imagens em preto e branco.
- ❖ Falar sobre o projeto “Terra” – de onde foram escolhidas as fotografias.

Figuras 14-17: Sebastião Salgado:



Fonte Google: ¹ Sebastião Salgado:
<https://www.epics.com.br/blog/sebastiao->

- ❖ Utilizar as obras de arte da série “Retirantes,” do artista plástico brasileiro Candido Portinari¹² para instigar os alunos a pensar sobre o sofrimento do pobre sertanejo ao se ver obrigado a sair de sua terra natal em virtude da seca.

¹²“Candido Portinari: Nome: Cândido Portinari - Brodósqui - SP - Brasil (29/12/1903) Rio de Janeiro - RJ - Brasil (06/02/1962) Filho de imigrantes italianos, de origem humilde, tem uma infância pobre. Recebe apenas a instrução primária. Desde criança manifesta sua vocação artística. Começa a pintar aos 9 anos. E – do cafezal às Nações Unidas – ele se torna um dos maiores pintores do seu tempo.” Fonte: <http://www.portinari.org.br/> Acesso em 26 de Março de 2021.

Figuras 18-21: Série Retirantes de Cândido Portinari



Fonte Google: <http://www.portinari.org.br/>

- ❖ Conversar sobre as obras de arte apresentadas (fotografias de Sebastião Salgado e pinturas de Cândido Portinari), estabelecendo uma relação entre elas e o tema da seca, assim como a saída do sertanejo de sua terra natal em busca de sobrevivência.
 - ❖ Ouvir a música “Vaca Estrela e Boi Fubá” (1978), musicada do poema de Patativa do Assaré pelo cantor cearense Raimundo Fagner.
 - ❖ Distribuir o poema de Patativa do Assaré “Vaca estrela e boi Fubá” (1978) para leitura coletiva.
-

**Vaca Estrela e Boi Fubá
(Patativa do Assaré)**

Seu doutor, me dê licença
pra minha história contar
Hoje eu tô na terra estranha
é bem triste o meu penar
Eu já fui muito feliz
vivendo no meu lugar
Eu tinha cavalo bom
e gostava de campear
Todo dia eu aboiava
na porteira do currá.
Eeeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá

Eu sou filho do Nordeste
não nego meu naturá
Mas uma seca medonha
me tangeu de lá prá cá
Lá eu tinha o meu gadinho
não é bom nem imaginar
Minha linda Vaca Estrela
e o meu belo Boi Fubá.
Eeeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá

Aquela seca medonha
fez tudo se atrapalhar
Não nasceu capim no campo
para o gado sustentar
O sertão se estorricou, fez o açude secar
Morreu minha Vaca Estrela,
se acabou meu Boi Fubá
Perdi tudo quanto eu tinha
nunca mais pude aboiar.
Eeeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá.

Hoje nas terras da Sul
Longe do torrão natal
Quando eu vejo em minha frente
Uma boiada passa
As água corre dos óios
Começo logo a chorá
Lembro minha vaca Estrela
E o meu belo boi Fubá
Com sordade do Nordeste
Dá vontade de aboiá.
Eeeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá.
(ASSARÉ, p.323-324)

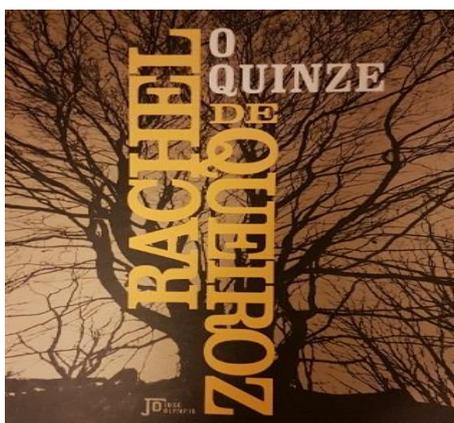
- ❖ Relacionar as duas linguagens artísticas como meio de sensibilização para introduzir o texto principal, *O Quinze*.

Introdução

Tempo estimado: 1h/a

- ❖ Apresentar a capa do livro

Figura 22 - Capa do livro



Fonte Google: <https://lojaclassicos.com.br/>

- ❖ Fomentar nos alunos a estabelecer que relação podemos fazer da fotografia da capa do livro com as fotografias de Sebastião Salgado e as obras de Cândido Portinari.
- ❖ Realizar a leitura da orelha do livro onde Antônio Torres faz uma apresentação rápida e sucinta da obra ou de outra edição onde haja dados sobre a autora.
- ❖ Relacionar as palavras do apresentador Antônio Torres com os elementos das outras linguagens artísticas já apresentadas no momento da motivação.
- ❖ Apresentar Rachel de Queiroz – cearense da cidade de Quixadá, no sertão central do Ceará. (Breve biografia)
- ❖ Iniciar a leitura do prefácio do livro *O Quinze* (2020 p: 7-14) intitulado de “O algodão da terra”, por Elvira Bezerra ou de outra autoria. Essa estratégia metodológica possibilita em apresentar Rachel de Queiroz para a turma.

CONHECENDO A AUTOR

Quem é Rachel de Queiroz?

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, Ceará, em 17 de novembro de 1910 e ali viveu até os cinco anos de idade. Mudou-se com a família para o Rio de Janeiro em virtude da terrível seca que assolou o Ceará em 1915. Em 1917, mudou-se para Belém do Pará e, em 1919, retornou para o Ceará, onde fixou residência.

Iniciou sua carreira jornalística escrevendo para o jornal O Ceará quando tinha apenas 17 anos. Aos 19 anos, começou a escrever, em segredo, o romance que a tornaria conhecida como escritora: *O Quinze*. Com a publicação do livro, em 1930, a autora tornou-se nacionalmente conhecida e ganhou o prêmio da Fundação Graça Aranha.

Em 1937, foi presa pelo governo de Getúlio Vargas acusada de ser comunista. A autora permaneceu presa por dois anos. Décadas depois, Rachel de Queiroz, em 1964, apoiou a ditadura militar brasileira, integrando o Conselho Federal de Cultura e o Diretório Nacional da Arena, partido político de sustentação do regime.

Além do prêmio da Fundação Graça Aranha, a escritora também ganhou diversos outros prêmios, como o Prêmio Jabuti de Literatura Infantil, em 1970, e o Prêmio Camões, a maior honraria dada a escritores de língua portuguesa, em 1993. Rachel de Queiroz faleceu em 2003, no Rio de Janeiro, aos 92 anos de idade.”

Extraído de: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/raquel-queiroz.htm>. Acesso em 26 de Março 2021.

O QUINZE

“Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, dona Inácia concluiu:

“Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém.”

Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala, interpelou-a:

- E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês...nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

-Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril.

Na grande mesa de jantar onde se esticava, engomada, uma toalha de xadrez vermelha, duas xícaras e um bule, sob o abafador bordado, anunciavam a ceia:

- Você não vem tomar o seu café com leite, Conceição?

A moça ultimou a trança, levantou-se e pôs-se a cear, calada abstraída.

(...) Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá.” (QUEIROZ, 2020. p. 17 e 19). (Trecho extraído do 1º cap. da obra)

Leitura

Tempo estimado: 4 h/a + leituras domiciliares

- ❖ A leitura pode ser iniciada em casa e retomada na aula seguinte, onde o professor deverá fazer algumas intervenções a partir de perguntas acerca dos personagens, do espaço onde ocorre a narrativa e do problema da seca enfrentado por eles. (Importante pedir ao aluno para fazer a leitura recorrendo ao dicionário sempre que surgir uma palavra que ele desconheça.)
- ❖ Nesse momento, é importante que o professor retrate o romance entre Vicente e Conceição, e as diferenças culturais e sociais entre eles. É interessante que se faça a leitura das páginas 24 a 29 (onde a autora narra o encontro de Vicente e Conceição e o sentimento de amor de ambos)
- ❖ O professor pode fazer inferência textual sobre o que os alunos vão encontrar nas próximas páginas (A situação da família de Chico Bento e sua retirada para a capital em busca de sobrevivência).
- ❖ Ao passo que os alunos vão se apropriando da narrativa, em sala de aula o professor vai realizando suas intervenções e utilizando um retorno aos recursos metodológicos já apresentados (fotografias, obras de arte, poema, música) e incentivando os alunos a estabelecer relações entre os diversos de textos propostos. (As imagens devem estar fixadas no mural da sala), assim como o poema.
- ❖ Um momento oportuno para trazer o quadro “O menino Morto,” de Portinari, é quando a autora narra a morte do menino Josias que foi envenenado por comer mandioca crua.
- ❖ É importante o professor ressaltar as características regionalistas do romance *O Quinze* pois ele destaca aspectos sociais (da região cearense onde é situada a obra- na zona rural da cidade de Quixadá e a migração para a capital Fortaleza, são destacados aspectos históricos, geográficos e sociais desse itinerário).
- ❖ Outro ponto importante para retomada do professor em sala de aula é a chegada da família de Chico Bento no Campo de Concentração e o encontro com Conceição. (Nesse momento o professor pode usar a música “Diáspora” (2017) dos Trabalhistas que trata de refugiados – ouvir a canção e ler a letra) que pode ser encontrada facilmente em: [http:// www.marisamonte.com.br](http://www.marisamonte.com.br)

Diáspora (Tribalistas)

Acalmou a tormenta
 Pereceram
 O que a estes mares ontem se arriscaram
 E vivem os que por um amor tremeram
 E dos céus os destinos esperaram
 Atravessamos o mar Egeu
 Um barco cheio de Fariseus
 Com os Cubanos
 Sírios, ciganos
 Como Romanos sem Coliseu
 Atravessamos pro outro lado
 No rio vermelho do mar sagrado
 Os center shoppings superlotados
 De retirantes refugiados.

Onde está
 Meu irmão sem irmã
 O meu filho sem pai
 Minha mãe sem avó
 Dando a mão pra ninguém
 Sem lugar pra ficar
 Os meninos sem paz
 Onde estás meu Senhor
 Onde estás?
 Onde estás?
 Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
 Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
 Embuçado nos céus?
 Há dois mil anos te mandei meu grito
 Que embalde desde então corre o infinito
 Onde estás, Senhor Deus?

- ❖ Os alunos serão incentivados a concluir a leitura do livro e saber o que Chico Bento e sua família conseguiram no novo lar.
- ❖ Marcar uma aula no pátio da escola para finalizar a leitura da obra. O retorno da chuva, a esperança de quem não saiu do sertão, a esperança de quem retornou.

Interpretação

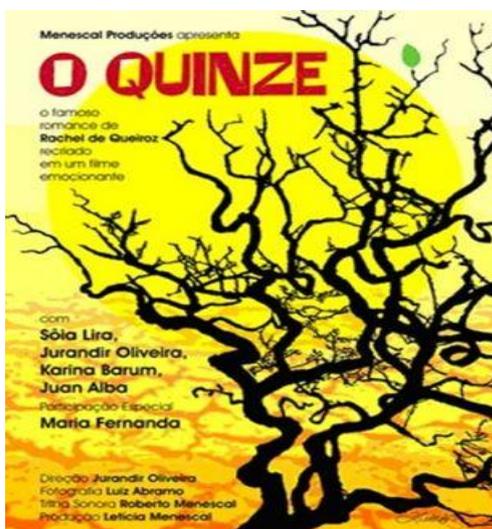
Tempo estimado: 2 h/a

Objetivo: Instigar os alunos a exteriorizarem suas impressões sobre a obra e falar sobre os conflitos emocionais que a leitura ocasionou em sua experiência de vida como leitor. Instigar e possibilitar que o aluno veja a obra em diferentes perspectivas,

Criar um espaço para realizar a atividade de interpretação, onde os alunos vão ter oportunidade de expor suas experiências com a obra, suas expectativas, suas frustrações.

Outra proposta para a interpretação é, marcar um momento para assistir ao filme “O Quinze” (2004), de direção de Jurandir de Oliveira.¹³

Foto 23: O Quinze



Fonte: Google- <https://pt-br.facebook.com/public/Jurandir-Oliveira>

- Após a sessão de cinema, um momento de análise e reflexão acerca da mesma obra em linguagens artísticas diferentes. O que mudou?
- Por último, o professor poderá propor um trabalho prático onde em equipes os alunos escolheriam uma linguagem artística para representar a obra *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. Essa apresentação poderia ser em forma de tenda artístico-literária, onde seriam apresentadas diferentes formas da interpretação dessa obra por meio de escultura, pintura, dança, painéis, entre outras ideias.

¹³ Jurandir de Oliveira: “Estréia de Jurandir Oliveira como diretor de longa-metragem. - Jurandir Oliveira levou um ano para concluir o roteiro, que passou por 5 versões. A própria Rachel de Queiroz chegou a lê-lo e dar opiniões. - Inicialmente Jurandir Oliveira não atuaria em *O Quinze*- o que apenas fez atendendo a pedidos da produtora Leticia Menescal e de amigos. - Cerca de 90% do filme foi rodado em Quixadá, no sertão central do Ceará. - Foram necessárias 6 semanas de filmagens no Ceará e uma semana em Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro, onde foram rodadas as sequências do trem. - A estação ferroviária onde foram realizadas as filmagens leva o nome do pai da escritora Rachel de Queiroz, Daniel de Queiroz. - Rachel de Queiroz faleceu em 4 de novembro de 2003, duas semanas antes de Jurandir Oliveira dar o corte final do filme.” Retirado do site <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-54772/filmografia/> Acesso em 26/03/2021

Lembre-se:

Segundo Souza (2011, p. 160):

Uma das tarefas cada vez mais urgentes para a instituição escolar é atentar para a dinâmica e as múltiplas maneiras de uso social da linguagem, estabelecendo uma ponte entre o que está dentro e o que está fora da sala de aula, de forma a considerar as diferentes vozes e identidades que circulam nos espaços educativos. Essa preocupação é particularmente importante nesse momento sócio-histórico em que a educação para todos, como política, impõe-se como questão-chave para um mundo em movimento do qual a escola faz parte. Estamos diante da necessidade de reconhecer e validar diferentes práticas de uso social da linguagem como parte do repertório cultural dos novos sujeitos.

É nesse universo “dinâmico e de diferentes usos sociais da linguagem” que propomos trazer uma leitura clássica para enriquecer o conhecimento do aluno sobre a organização de pensamentos do escritor, os recursos estilísticos da língua, o estilo e o uso da linguagem de cada época. Quando pensamos em formação de leitores, precisamos atentar para a construção autônoma e urgente desse leitor neste “mundo em movimento.” Nesse caso, subestimar a capacidade de compreensão do aluno pode prejudicar nessa construção. Procuremos apenas, uma melhor adaptação da leitura da “obra clássica” para cada realidade.

Foi dentro da escola que certo dia, na efervescência habitual da sala do professor percebi a necessidade de ir além das minhas aulas e oferecer aos educadores tantas vezes, angustiados com o processo de aprendizagem, mormente, no tocante a apatia dos nossos alunos com a leitura que decidi reunir, então, contribuições de teóricos, pesquisadores e escritores para produzir esse material acessível, prático e simples, contudo, carregado de significados, dedicação e afeto de forma a enriquecer, contribuir com sua, nossa ação docente.

E imbuída de grande emoção me dirijo a você, professor, meu companheiro de luta na estrada do conhecimento e do fazer pedagógico, para te oferecer a minha singela contribuição que poderá auxiliar em suas aulas de leitura como um incentivo à prática leitora do teu aluno. Convido você a comungar desse desejo de acolher a leitura literária de diferentes gêneros, de diferentes leitores e com a sensibilidade que é própria do educador, propondo a você que direcione o olhar para o coletivo, para os seus pares, para a sua realidade e a realidade do aluno. A aprendizagem da linguagem acontece no coletivo com realidades diversas.

REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINE, Maria das Graças. **Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas**. Porto Alegre: mercado Aberto, 1988.
- COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON. Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo Parábola Editorial, 2011.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 114ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-54772/filmografia/>
- <https://pt-br.facebook.com/public/Jurandir-Oliveira>
- <http://www.portinari.org.br/>
- <https://www.epics.com.br/blog/sebastiao-salgado-famoso-fotografo-brasileiro>
- <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/o-portavoz-sertao-patativa-assare.htm>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões estabelecidas no decorrer desse trabalho, percebemos o quanto a leitura se faz essencial na formação humana e cidadã do aluno, e que esta precisa ser incentivada e promovida no âmbito escolar. Entendemos também que é possível fazer um trabalho interdisciplinar com a leitura literária em níveis de Ensino Fundamental. Entretanto se faz mister que docentes e discentes estejam em plena conectividade.

É necessário que se pense um projeto pedagógico que demanda empenho de toda a comunidade escolar, para que a leitura literária seja trabalhada de forma interdisciplinar com eficácia e efetividade. Desenvolver a ação docente nesse sentido não é tarefa fácil, carece de cuidados, dedicação e muito estudo, sobretudo de diálogo com as demais disciplinas, alunos e outros sujeitos.

Um enfoque com base na interdisciplinaridade em diferentes gêneros literários facilita a aprendizagem, há uma participação maior do aluno que tem através do texto literário e de suas vivências sociais desenvolvido um pensamento crítico e criativo, possibilita a permuta de saberes e a transferência de conhecimentos diversos, assim como a produção de novos conhecimentos.

O diálogo entre disciplinas promove uma leitura mais significativa, dando maior sentido ao texto literário, pois um dos pressupostos da literatura é a vivência e o registro de experiências humanas que se materializa nas diferentes áreas do conhecimento e está em permanente diálogo com outras referências culturais e científicas.

Nessa perspectiva, a interdisciplinaridade subsidia tanto o docente quanto seu aluno estabelecendo relações entre diferentes áreas do saber. Ela dá subsídios para a produção de novos conhecimentos que se originam desse círculo de relações, a qual se coaduna com os saberes do mundo e os saberes social e historicamente elaborados elencados pela escola.

A proposta de intervenção pedagógica é voltada para o trabalho docente de professores e professoras que atuam no ensino fundamental na área de Linguagens e das Ciências Humanas, mostrando-lhes que há a possibilidade de desenvolver um trabalho concreto com textos literários e diversificados gêneros textuais, unindo os componentes de História, Geografia e outros componentes curriculares como Arte e Língua Portuguesa que fazem parte da área de linguagens. Trata-se de textos literários de autores cearenses como o poema, a crônica, a lenda, o conto e o romance,

gêneros textuais que percebemos uma maior facilidade do aluno através da intermediação do professor, desenvolver o gosto pela leitura literária, pois abordam textos que instigam a curiosidade e a criatividade do aluno.

O Caderno de Leitura Literária aqui idealizado segue uma sequência didática, que poderá ser desenvolvida em uma ou mais aulas e unir professores de diversos componentes curriculares para trabalhar juntos. São dadas orientações de como o professor pode abordar a temática usando mais de um gênero discursivo, que se agregam aquele texto.

Consideramos nesse contexto que, o aluno poderá associar a obra literária elencada a uma música, poema, obra de arte e até a outra obra literária, levando-o a perceber a intertextualidade que se faz presente em diversos gêneros, além de despertar o interesse do aluno pelos temas abordados, sendo uma sequência didática instigante que tanto orienta o professor para sua práxis discursiva, quanto para uma maior participação do aluno, gerando diversos discursos relacionando-os às suas vivências, já que todos os textos literários presentes no caderno fazem parte do seu meio cultural ou não, além de expandir seu conhecimento para fatos recorrentes de sua região ou da região nordeste, caso tanto ele quanto o professor sejam de outra região.

Durante a caracterização do Caderno, pudemos perceber o quanto é necessário para os professores uma formação continuada sobre o uso das diferentes linguagens e discursos que se encontram em um texto literário, e o quanto esses podem ser criativos e grandes incentivadores da leitura, pois desperta não somente a inteirar-se do texto, mas, o faz ampliar o seu repertório cultural, além de desenvolver competências e habilidades essenciais para o trabalho com texto literário.

Diante disso, percebe-se que esse trabalho será de grande valor na mão do professor, por tratar este de questões relevantes sobre o uso de textos literários em componentes curriculares diversificados, além da área de linguagens e por trazer em seu bojo elementos culturais e sociais das vivências de alunos e professores.

Este caderno de leitura literária se apresenta como uma valiosa ferramenta de trabalho por diversas razões, sobretudo no que diz respeito à valorização da cultura local, notadamente em uma região nordeste, marcada por preconceitos, dentre eles, o linguístico. Este caderno servirá tanto para alunos e professores da região nordeste quanto para aqueles das demais regiões brasileiras. Seu valor reside também no fato de ser uma proposta diferenciada, especialmente quando se considera, na maioria das vezes, a falta

de material didático para a disciplina de Estudos Regionais, obrigatória no nosso município de Juazeiro do Norte no Estado do Ceará.

Nessa perspectiva, este caderno pode suprir tal lacuna. Sua composição deu-se de forma clara, objetiva, com atividades exequíveis que poderão ser incorporadas a rotina da sala de aula em diferentes disciplinas, sem a obrigatoriedade de se promover a leitura literária somente na aula de língua portuguesa e por exemplo, sem prejudicar a prática das demais atividades rotineiras que o professor dessas disciplinas precisa empreender em sala de aula.

Optamos por atividades simples e de fácil execução, porque entendemos que a riqueza delas está em fomentar as discussões propostas, com vista à promoção da leitura literária e também de um letramento social, em favor da cultura (literária) nordestina, tão rica e, às vezes, tão desprezada por muitos.

Em um contexto mais amplo, observamos que a globalização, de certa forma, enseja o “apagamento” da cultura local, face à ideia de criação de uma “aldeia global,” onde o local perde força ante um cenário onde bens culturais estrangeiros, por exemplo, são validados. Neste sentido, observa-se, em certo momento, uma espécie de “apagamento” da identidade local, sobretudo a regional, na arena competitiva de valores simbólicos. Este caderno busca lançar luzes sobre bens e valores culturais que tem emergido do povo nordestino ao longo dos séculos, sobretudo resgatando e valorizando a identidade local.

O trabalho em questão servirá como referência para direcionar o trabalho de docentes do Ensino Fundamental, anos finais, que atuam na Área de Linguagens e na Área de Humanas, dando-lhes um norte sobre como desenvolver atividades com leituras literárias de modo interdisciplinar com alunos de 9º ano. O objetivo é que a proposta aqui apresentada sirva de meio para facilitar a interação dos mesmos com os discursos gerados sobre o texto e por meio da metodologia aplicada, ter um melhor envolvimento da turma, e também, provocar os discentes para um maior interesse pela leitura literária.

REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 16^a ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINE, Maria das Graças. **Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas**. Porto Alegre: mercado Aberto, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6^a ed. - São Paulo: Ática, 1995.
- BAZZO, Gilvania Lima dos Santos. Literatura e infância: fruição ou pretexto. In: DEBUS, Eliane (org.). **Literatura infantil e juvenil: do literário a outras manifestações estéticas**. Tubarão: Copiart: Unisul, 2016.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Ferraz (Org.). **Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa?** In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs.). **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetro Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.
- BRITO, Ronaldo Correia de. **Livro dos Homens – contos**. São Paulo: Cosac Naif, 2005.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado. Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Duas cidades/ouro sobre azul / São Paulo/ Rio de Janeiro, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 13.ed. São Paulo: Global, 2004.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

CETRANS – Centro de Educação Transdisciplinar. **Educação e Transdisciplinaridade**. São Paulo, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão – Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. Contexto. São Paulo 2009.

COSTA, Maria Jose Soares Da. **A literatura na educação infantil: suas contribuições na formação de alunos leitores**. - Teresina: FAMEP, 2015, 43. fls. Disponível em: http://www.famep.com.br/repositorio/2016.2/monografias/pedagogia/a_literatura_na_educacao_o_infantil_suas_contribuicoes.pdf Acesso em Outubro de 2020.

DELATTRE, Pierre. Investigações interdisciplinares: objetivos e dificuldades. In: POMBO *et al.* **Interdisciplinaridade: antologia**. Porto/PT: Campo das Letras, 2006.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão oral e escrita- elementos para a reflexão sobre uma experiência suíça (Francófona). In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 2004, p. 41-70.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria, e pesquisa.** Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 72.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológica. In: FAZENDA, Ivan (Org.). **O que é Indisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria.** São Paulo: Loyola, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 7 ed. São Paulo, Cortez/Campinas: Autores Associados, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação.** Campinas: Mercado das Letras; ALB, 1996.

HANSEN, João Adolfo. Reorientação no campo da leitura literária. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. **Cultura letrada no Brasil: Objetos e práticas.** Campinas, SP: mercado de letras, ALB São Paulo: Fapesp, 2005.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia.** 2ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

JUSTINO, Berenice da Silva; SOUSA, Patrícia Farias de. Letramento Literário e Digital: a literatura em rede. In: **II Congresso Internacional de Educação Inclusiva. II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva.** Novembro de 2016. Disponível em http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA_15_ID1044_01092016235344.pdf Acesso em Outubro de 2019.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** Campinas: Pontes, 2013.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1999.

KLEIMAN, Ângela. O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela (org.). **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo, Brasiliense, 1994.

MARTINS, Aracy. VERSIANI, Zélia. Leituras literárias: discursos transitivos. In: PAIVA, Aparecida. MARTINS, Aracy. PAULINO, Graça. VERSIANI, Zélia. (Orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

MENDONÇA, Marcia; LEAL, Telma Ferraz. Progressão escolar e gêneros textuais. In: Santos, Carmi Ferraz e Mendonça, Marcia. (Orgs.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEIRELES, Fernandes Rodrigues. **O Desafio da Transdisciplinaridade na Contemporaneidade** - Instituto Federal do Ceará - IFCE Disponível em: http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-38269-29032016-162215.pdf Acesso em 04/2020.

MIRANDA, Raquel Gianolla. Da interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani (org.) **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

MORETO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MORIN, Edgar. **A religião dos Saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NOVO, Laís Lemos Silva. Letramento literário: uma possibilidade interdisciplinar. In: **Cadernos de Educação Básica**, vol.1, n.1, maio de 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988. (Coleção passando a limpo)

OLIVEIRA, Cristiane. **Livros e Infância**. In: <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>, 2009.

PAIVA, Sílvia Cristina; OLIVEIRA, Ana. **A leitura literária na escola**. Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), 2010.

PAULINO, Graça. Algumas Especificidades da leitura literária. In: **Leitura Literárias: discursos transitivos**. Ceale Autêntica: Belo Horizonte, 2008.

PERISSÉ, Gabriel. **Ler, Pensar e Escrever**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Banco do Nordeste, 2007.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymarã, 2009. p. 42.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 114ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

RAFAEL, Armando. **A lenda da Pedra da Batateira**. Disponível em: <http://lendas-do-ceara.noradar.com/a-lenda-dapedra-da-batateira/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. Funcionamento do gênero do discurso. In: **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso v. 1, n. 3, p. 54-67, São Paulo, 1º sem. 2010.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Viagens de Leitura**. Cadernos da TV Escola. Brasília, 1996.

RODRIGUES, Eduardo Peters. Os Efeitos da Transdisciplinaridade na Educação. In: **Diálogos entre literatura e matemática**. Reunião Científica Regional da ANPED. 24-27 de Julho de 2016 - UFPR - Curitiba, Paraná, 2016.

ROJO, Roxane. **Letramento múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola 2009.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 2004, p. 41-70.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária a prática escolar. In: **Anais da PG Letras 30 Anos**, vol. I, 2003, pp. 514-527.

SOARES, Magda. Ler, verbo transitivo indireto. In: **Leituras Literárias: discursos transitivos**. Ceale Autêntica: Belo Horizonte, 2008.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOLÉ, Izabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOMMERMAN, Américo; MELLO, Maria F. de; BARROS, Vitória M. de (Orgs.). Educação e transdisciplinaridade II. In: **Coordenação Executiva do CETRANS**. São Paulo: TRIOM, 2002.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Renata Junqueira e FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org.). **Leitura Literária na Escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

TAVARES, Dirce Encarnacion. A interdisciplinaridade na contemporaneidade - Qual o sentido? In: FAZENDA, Ivani (Org.). **O que é Indisciplinaridade?** - São Paulo: Cortez, 2008.

TELES, Fátima. **A Lenda da Pedra da batateira** – Uma história do Cariri. Fortaleza: Premium, 2020.

TELES, Fátima. **Lições de Maria**. Fortaleza: Premium, 2019. p. 26-48.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007.

TRINDADE, Fernandes Diamantino. Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as Ciências. In FAZENDA, Ivani(Org.). **O que é Indisciplinaridade?** - São Paulo: Cortez, 2008.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 5a. Ed. São Paulo, Cortez, 2002.

VIEIRA. J. Flávio. **A Delicada Trama do Labirinto**. Fortaleza: Secult, 2013.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunia, 2005.

YARED Ivone. **O que é interdisciplinaridade**. In FAZENDA, Ivani(Org.). *O que é Indisciplinaridade?* - São Paulo: Cortez, 2008.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZAPPONE, Miriam Hisae Yaegashi. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. In: **Teoria e Prática da Educação**, v.11, n.1, Jan/Abril de 2008. p.49-60.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

<http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-54772/filmografia/>

<https://pt-br.facebook.com/public/Jurandir-Oliveira>

<http://www.portinari.org.br/>

<https://www.epics.com.br/blog/sebastiao-salgado-famoso-fotografo-brasileiro>
<https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/o-portavoz-sertao-patativa-assare.htm>

<http://fafatinhateles.blogspot.com/2018/05/biografia-da-escritora-fatima-teles.html>

<https://twitter.com/fafatinhateles>

https://www.instagram.com/fatima_teles/

<https://barbalhaesquecida.wordpress.com/predios-historicos/>

<http://www.gazetadocariri.com/2018/10/jose-flavio-vieira-o-memorialista-da.html>

<http://geoparkararipe.urca.br/>

<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/08/incendio-destroi-casa-dos-milagres-de-padre-cicero-no-interior-do-ceara.html>

<https://www.estantevirtual.com.br/livros/ronaldo-correia-de-brito/livro-dos-homens/>

<https://www.ronaldocorreiaдебrito.com.br/site2/>

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa362330/ronaldo-correia-de-brito>

